

NIRALDO JOSÉ PONCIANO

SEGMENTO EXPORTADOR DA CADEIA AGROINDUSTRIAL
DO CAFÉ BRASILEIRO

Tese Apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como Parte das
Exigências do Curso de Economia
Rural, para Obtenção do Título de
"Magister Scientiae".

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
JULHO - 1995

A Deus, pela vida e pela coragem.

A Kátia, pela compreensão e pela
firmeza em todos os momentos.

A meus pais Geraldo e Iraci.
A meus irmãos José e Geraldo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela disposição para trabalhar.

Aos meus pais Geraldo e Iraci, a meus irmãos José e Geraldo e minha tia Sudária, pelo amor e pela compreensão. A minha namorada Kátia, pelo incentivo e entusiasmo.

À Universidade Federal de Viçosa (UFV) e ao Departamento de Economia Rural, pela oportunidade, e pela formação acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio à pesquisa.

Ao Professor Alberto Martins Rezende, pela orientação e pelo companheirismo.

Aos Professores Antônio Carvalho Campos e Danilo Rolim Dias Aguiar, pelo aconselhamento, pelo acompanhamento e pela amizade.

Aos Professores **João** Eustáquio de Lima, Maurinho Luís dos Santos e ao Pesquisador José Luís do Santos Rufino, pelas valiosas sugestões.

Aos demais professores **do** Departamento de Economia Rural (DER), pelos ensinamentos transmitidos e pela

amizade, em especial, aos Professores Bandeira, Campos, Carlos Leite, João Eustáquio, José Maria, Maurinho e Sebastião.

À Biblioteca da UFV, EPAMIG, OIC, IEA-SP, ABIC, ABICS, FEBEC, Coffee Business e Cooperativas de Café, pela revisão de literatura e pela liberação dos dados.

A todos os funcionários do DER, pela amizade e pela atenção, em especial, a Tedinha, Brilhante, Graça, Rita, Eurico, Coutinho, Isabel, Cida e Helena.

À Adelaide, pela revisão lingüística, e à Vera Lúcia, pela revisão bibliográfica.

Aos colegas Anísio, Carlos, Cristiana, Everaldo, Frederico, Gizela, Joana, Jeferson, Júnior, Luís Fernando, Maria Filomena, Nilo, Saul e Sérgio.

Aos demais estudantes, especialmente Marcelo, Mamadu, Maria Hélia, Claudinha, Valter, Adriano, Luís Eduardo, Marli, Margaret, Jonas, Rodrigues, Vicente, Aloísio, Edson, Cordeiro, Rufino, Nirlene, Suely, Iolanda, Armando, Uíara, Aninha, Lurdinha, Jaênes, Dione, Florângela, Mônica, Neto, Antônio, Sinésio, Patrícia e Tatiana. Aos novos, Mário, Robson, Luciano, Alberto e outros.

Aos colegas de república, Ricardo, Emixcel, Robson, e José Marcelo, pelo convívio.

Aos amigos e amigas que, de várias formas, contribuíram para minha formação pessoal e pela agradável convivência.

BIOGRAFIA

Niraldo José Ponciano, filho de Geraldo Marcos Ponciano e Iraci Altina Martins, nasceu em Bambuí-MG, em 29 de maio de 1963.

Até 1986, exerceu a profissão de trabalhador rural, aproveitando o horário noturno para os estudos.

Em 1987, ingressou na Universidade Federal de Viçosa-MG, e, em abril de 1992, graduou-se em Engenharia Agrônômica.

Em abril de 1992, iniciou o curso de Mestrado em Economia Rural na área de Mercados e Comercialização Agrícola, na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

CONTEÚDO

	Página
EXTRATO.....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. O Problema e Sua Importância.....	1
1.2. Objetivos.....	9
2. METODOLOGIA.....	11
2.1. Marco Teórico.....	11
2.1.1. Teoria da Organização de Mercado.....	11
2.1.2. Competitividade e Vantagem Comparativa Revelada.....	12
2.1.3. Complexo Agroindustrial (CAI).....	15
2.1.4. Margens de Comercialização.....	18
2.1.4.1. Modelo de Tendência de Margem de Comer- cialização.....	20
2.2. Procedimento e Dados.....	22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
3.1. Descrição dos Principais Segmentos da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro.....	23

3.1.1. Produção e Insumos de Café.....	25
3.1.2. Beneficiamento e Comercialização de Café..	29
3.1.3. Agroindústria de Torrefação e Moagem de Café.....	31
3.1.4. Agroindústria do Café Solúvel.....	34
3.1.5. A Tributação na Cadeia Agroindustrial do Café.....	39
3.1.6. Evolução Recente das Exportações Mundiais de Café.....	44
3.1.7. O Segmento Comercial Exportador do Brasil.	47
3.1.8. Segmento Importador e Consumidor de Café..	54
3.2. Margens de Comercialização do Café Brasileiro.	62
3.2.1. Comportamento de Preços e Margens do Café Brasileiro Exportado para os EUA.....	62
3.2.2. Análise Econométrica: Tendências nas Mar- gens do Café Exportado para os EUA.....	66
3.2.2.1. Margem Produtor/Atacado-EUA.....	66
3.2.2.2. Margem Produtor/Exportador.....	67
3.2.2.3. Margem Exportador-Brasil/Atacadista -EUA.....	68
3.2.3. Margens de Comercialização de Café nos Principais Mercados Consumidores.....	70
3.3. Alguns Indicadores da Competitividade do Café Brasileiro no Mercado Internacional.....	74
3.3.1. Comparação entre Brasil e Colômbia.....	77
3.3.2. Outros Países Competidores.....	81
3.3.3. O Brasil e o Acordo Internacional do Café (AIC).....	85
3.3.4. O Brasil e o Acordo dos Países Produtores de Café.....	87
3.3.5. Condicionantes da Competitividade.....	89
4. RESUMO E CONCLUSÕES.....	92
BIBLIOGRAFIA.....	98

Página

APÊNDICES	105
APÊNDICE.A	106
APÊNDICE.B	111
APÊNDICE.C	115
APÊNDICE.D	122
APÊNDICE E	124

EXTRATO

PONCIANO, Niraldo José, M.S., Universidade Federal de Viçosa, julho de 1995. **Segmento Exportador da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro**. Professor Orientador: Alberto Martins Rezende. Professores Conselheiros: Antônio Carvalho Campos e **João** Eustáquio de Lima.

É evidente a forte redução da participação do café brasileiro na receita de divisas e no comércio internacional, nas últimas décadas. No entanto, o café ainda possui papel relevante na economia nacional, visto que o "agribusiness" do café brasileiro chega a envolver negócios que somam em torno de US\$ 4,52 bilhões de dólares anuais.

No Brasil, o complexo café foi um dos últimos a ganhar a liberdade de mercado. A instabilidade dos preços do produto evidencia o problema de desorganização da cadeia agroindustrial do café brasileiro em relação aos outros complexos agroindustriais.

Este trabalho objetiva analisar a cadeia agroindustrial do café brasileiro destinado a exportação,

sua competitividade e o comportamento das margens de comercialização, com vistas em subsidiar decisões de política comercial e, até mesmo, de investimentos privados.

Utilizou-se análise tabular para descrever os diversos segmentos que compõem a cadeia agroindustrial do café brasileiro e fazer algumas inferências sobre sua competitividade no mercado internacional. Para analisar o comportamento das margens ao longo do tempo, usou-se o modelo de tendência das margens de comercialização.

A cadeia agroindustrial do café brasileiro apresentou estrutura de mercado pouco concentrada e ineficiente nos segmentos de produção (baixa produtividade) e na agroindústria do café torrado e moido (incapacidade de desenvolver "blends" para exportação), onde este produto é destinado apenas ao mercado interno. Por outro lado, a agroindústria do café solúvel apresentou estrutura mais organizada, com sua dinâmica associada ao mercado internacional. O segmento exportador possui 174 exportadoras que exportam cerca de 19 milhões de sacas anuais. Os importadores de café possuem estrutura oligopsônica, dado que apenas cinco empresas concentram 80% das importações mundiais de café.

Em relação a receita proveniente das exportações brasileiras do setor agrícola, o complexo café teve sua participação relativa sensivelmente diminuída; em 1971, representava 48,59% e, em 1992, apenas 10,67%. Essa redução da participação relativa do "agribusiness" do café brasileiro, em geral, esteve diretamente ligada à grande intervenção do governo na comercialização do produto, como a sustentação de preços elevados artificialmente, enquanto a agregação de valor ao produto, a melhoria de qualidade e o desenvolvimento de marketing foram negligenciados.

A análise da exportação do café brasileiro para os EUA, de 1982 a 1992, indicou que a margem de comercialização do atacadista dos EUA foi crescente em relação à margem do exportador brasileiro. Com relação a parcela recebida pelo produtor brasileiro, a margem do atacadista dos **EUA** foi decrescente, no período de 1982 a 1986, e crescente, no período de 1986 a 1992. A margem de comercialização do exportador em relação ao preço recebido pelo produtor apresentou-se decrescente, no período de 1982 a 1986 ; e crescente, no período de 1986 a 1992.

O comportamento dos preços do café exportado para todos os países importadores membros da OIC também foi decrescente. Verificou-se que o preço de importação (CIF) reduziu-se, drasticamente, de 168,7 para 78,9 centavos de dólar, por libra-peso, no período de 1986 a 1991. Para este mesmo período, a margem de comercialização das indústrias processadoras de café desses países aumentou de 229,5 para 327,3 centavos de dólar por libra-peso.

O forte crescimento da margem de comercialização dos países importadores de café pode estar associado à estrutura concentrada dos grandes grupos empresariais importadores. O preço do café processado nos principais mercados consumidores é bastante elevado, mas o Brasil exporta pequena parcela de café industrializado. O estudo indica que a agroindústria do café precisa acelerar seu desenvolvimento, para cumprir seu importante papel no conjunto da economia cafeeira, colocando no mercado internacional maior quantidade do produto processado.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O Problema e Sua Importância

A economia cafeeira assumiu importância fundamental para o desenvolvimento econômico do Brasil. Foi a atividade agrícola pioneira na formação econômica das regiões mais dinâmicas do País (SZMRECSANYI, 1990).

Numa perspectiva histórica, a participação das exportações de café no Produto Nacional Bruto (PNB) vem declinando. No início do século XIX, o complexo café representava 10% do PNB. Nos anos subsequentes, manteve importância absoluta, porém, com o desenvolvimento de outras atividades, veio perdendo importância relativa. Nos anos 30, representava menos de 6% do PNB (WILLUMSEN e DUTT, 1991); na década de 80, não superava 1% do PNB; e, em 93, menos de 0,5%.

Embora esteja perdendo importância relativa, o "agribusiness" do café brasileiro, englobando produção, processamento e serviços, ainda possui grande expressão econômica para o País, envolvendo negócios que somam, em

setor de produção agrícola representa **US\$ 1,5** bilhão; o setor de processamento, **US\$ 1,6** bilhão; e o setor exportador, **US\$ 1,3** bilhão (Comitê Brasileiro do Café - CBC, 1992).

O Brasil sempre ocupou a posição de maior produtor e maior exportador de café. No entanto, no decorrer deste século, houve grande queda em sua participação no comércio internacional desse produto. Responsável, no início do século, por cerca de 77% das exportações mundiais, atualmente o Brasil participa com apenas 25% do total das exportações.

A receita cambial do Brasil teve um grande crescimento a partir dos anos 80, quando o País incentivou a exportação de vários produtos; o mesmo não aconteceu com o complexo café.

A situação desfavorável, apresentada no início da década de 90 pela cafeicultura nacional, tem colocado o setor café numa posição cada vez mais inferiorizada no conjunto dos demais complexos agroindustriais. A partir da década de 70, a pauta de exportação brasileira, derivada de produtos agropecuários, alterou sensivelmente. O complexo soja, que compreende soja em grão, farelo e óleo, cresceu de 6,39%, em 1971, para 25,88%, em 1992. Outros complexos, como madeira, laranja, fumo e frango, tiveram comportamento parecido, aumentando suas participações (Quadro 1).

**QUADRO 1 - Exportações dos Principais Complexos do Setor
Agrícola Brasileiro (US\$ Mil FOB e em %)**

ANO	SOJA	(%)	CAFÉ	(%)	MADEIRA	(%)	LARANJA	(%)	P.CORTE	(%)
1971	108086	6,39	822213	48,59	93116	5,50	35859	2,12	163668	9,67
1972	294931	11,44	1057164	41,01	94710	3,67	41499	1,61	260393	10,1
1973	949348	24,50	1344238	34,69	143450	3,70	63622	1,64	258367	6,67
1974	891213	20,88	980298	22,97	172260	4,04	59170	1,39	148346	3,48
1975	1304283	29,91	934303	21,43	125179	2,87	82213	1,89	127229	2,92
1976	1779966	31,74	2398226	42,77	107955	1,93	100900	1,80	218110	3,89
1977	2142672	30,52	2624945	37,39	112558	1,60	177040	2,52	251209	3,58
1978	1514705	24,09	2294712	36,49	184966	2,94	332638	5,29	213920	3,40
1979	1650344	23,19	2326176	32,69	461763	6,49	338869	4,76	300540	4,22
1980	2277029	23,87	2772920	29,06	771849	8,09	410765	4,31	352851	3,70
1981	3190850	31,99	1760610	17,65	839148	8,41	737306	7,39	522202	5,24
1982	2121638	25,62	2113143	25,51	626850	7,57	644692	7,78	552640	6,67
1983	2562746	27,05	2347119	24,77	719373	7,59	698274	7,37	657372	6,94
1984	2565644	23,02	2855975	25,63	952650	8,55	1479159	13,27	656948	5,90
1985	2540057	25,83	2632471	26,77	723075	7,35	818254	8,32	649517	6,60
1986	1637401	19,82	2347400	28,41	879419	10,64	722639	8,75	496083	6,00
1987	2344535	24,90	2185270	23,21	1017265	10,81	905737	9,62	614173	6,52
1988	3045507	26,82	2221869	19,57	1640866	14,45	1226721	10,80	995697	8,77
1989	3647430	34,18	1781375	16,69	1534059	14,38	1106444	10,37	567440	5,32
1990	2854379	28,45	1253094	12,49	1526004	15,21	1570746	15,66	524361	5,23
1991	2030696	22,45	1489363	16,47	1484926	16,42	991208	10,96	705614	7,80
1992	2699017	25,88	1112662	10,67	1775158	17,02	1158204	11,10	1007952	9,66

Continua...

QUADRO 1, Cont .

ANO	FUMO	(%)	CACAU	(%)	AÇUCAR	(%)	ALGODÃO	(%)	CASTANHA	(%)
1971	36560	2,16	90905	5,37	152951	9,04	155547	9,19	5087	0,30
1972	46674	1,81	98731	3,83	403672	15,66	237279	9,20	8853	0,34
1973	58458	1,51	142899	3,69	558687	14,42	315717	8,15	9855	0,25
1974	98929	2,32	321567	7,54	1321932	30,98	216749	5,08	15023	0,35
1975	141950	3,26	292443	6,71	1069773	24,54	215346	4,94	18351	0,42
1976	161197	2,87	309447	5,52	306539	5,47	130293	2,32	17489	0,31
1977	186286	2,65	698330	9,95	462685	6,59	230055	3,28	23752	0,34
1978	238933	3,80	731225	11,63	349785	5,56	237212	3,77	33707	0,54
1979	284329	4,00	876892	12,32	363808	5,11	266000	3,74	38303	0,54
1980	284264	2,98	669136	7,01	1288254	13,50	302098	3,17	69176	0,73
1981	356486	3,57	581405	5,83	1061733	10,64	340130	3,41	78495	0,79
1982	462777	5,59	416006	5,02	580007	7,00	318166	3,84	67221	0,81
1983	457924	4,83	530914	5,60	526804	5,56	528356	5,58	69010	0,73
1984	448821	4,03	610191	5,48	586293	5,26	470897	4,23	66100	0,59
1985	437427	4,45	744822	7,57	367955	3,74	371261	3,78	103435	1,05
1986	394520	4,78	601369	7,28	381397	4,62	264552	3,20	108157	1,31
1987	405497	4,31	548629	5,83	324612	3,45	524176	5,57	87791	0,93
1988	511173	4,50	481963	4,24	345084	3,04	369457	3,25	111419	0,98
1989	508643	4,17	307947	2,89	305507	2,86	438922	4,11	107306	1,01
1990	551277	5,49	313701	3,13	511873	5,10	390111	3,89	101237	1,01
1991	620615	6,86	252512	2,79	398086	4,40	445769	4,93	110685	1,22
1992	803601	7,70	236155	2,26	541124	5,19	377929	3,62	149249	1,43

Continua...

QUADRO 1, Cont.

ANO	PIMENTA	(%)	FRANGO	(%)	PESCA	(%)	TOTAL GERAL
1971	14943	0,88	0	0,00	13186	0,78	1692121
1972	12708	0,49	0	0,00	21477	0,83	2578091
1973	16955	0,44	31	0,00	12826	0,33	3874453
1974	26125	0,61	54	0,00	15734	0,37	4267400
1975	29195	0,67	3400	0,08	16491	0,38	4360156
1976	32939	0,59	19564	0,35	24610	0,44	5607235
1977	39476	0,56	31572	0,45	39128	0,56	7019708
1978	59771	0,95	46872	0,75	50492	0,80	6288938
1979	47519	0,67	82054	1,15	80147	1,13	7116744
1980	54722	0,57	206690	2,17	80719	0,85	9540473
1981	58507	0,59	354291	3,55	93988	0,94	9975151
1982	50416	0,61	225563	2,72	103373	1,25	8282492
1983	34740	0,37	242212	2,56	99686	1,05	9474530
1984	73673	0,66	263533	2,36	113777	1,02	11143661
1985	78381	0,80	242872	2,47	124991	1,27	9834518
1986	92350	1,12	224333	2,72	112434	1,36	8262054
1987	128508	1,37	215909	2,29	112259	1,19	9414361
1988	50120	0,44	235028	2,07	119296	1,05	11354200
1989	49140	0,46	261674	2,45	55217	0,52	10671104
1990	41761	0,42	323769	3,23	70140	0,70	10032453
1991	50002	0,55	388933	4,30	75025	0,83	9043434
1992	23088	0,22	455594	4,37	90096	0,86	10429829

Fonte: Boletim do Banco Central.

No entanto, o complexo café reduziu sua participação relativa na receita, obtida pelo conjunto dos complexos agroindustriais, de 48,59%, em 1971, para 32,69%, em 1979, e para 23,21%, em 1987. A partir de 1988, a forte redução das cotações no mercado externo provocou acelerada queda na participação do café, em relação aos outros complexos agropecuários, em 1992, o café representou apenas 10,678 da receita. As substanciais reduções nos preços externos do café ocorreram após o rompimento de o Acordo Internacional do Café (AIC), em julho de 1989. Na expectativa do AIC ser renovado, os demais países aumentaram suas exportações, desovando seus estoques no mercado, com o objetivo de aumentar suas cotas de exportação. No período de julho de 1989 a junho de 1990, cerca de dez milhões de sacas foram exportadas acima das exportações normais, gerando aumento de 14,3% nas exportações mundiais de café. Esse excesso de oferta

explica a forte queda nos preços externos do café, no início da década de 90."

O café foi considerado, pelo Brasil, um produto homogêneo e, como tal, o preço influencia fortemente a quantidade demandada. Essa imagem é atribuída à política de regulamentação do Instituto Brasileiro do Café (IBC), que incentivou, prioritariamente, o controle da quantidade produzida e exportada, num mercado onde o produto diferenciava-se para atender a gostos e preferências de consumidores cada vez mais exigentes, nos diversos países importadores. Na Europa, a preferência dos consumidores é pela bebida originária de misturas - "*blends*" - entre arábicas e robustas. Nos Estados Unidos(EUA), o maior mercado consumidor de café, os consumidores têm aumentado suas preferências pelos cafés finos, "*gourmets*", que representam, hoje, cerca de 20% do consumo total americano. Essa mudança de hábito no tipo de consumo de café nos EUA está associada à recente popularização das máquinas de café expresso (ZYLBERZTAJN, 1992).

Os principais países produtores de café, concorrentes do Brasil, constataram essa tendência do mercado e induziram modificações em busca de melhor qualidade para seus produtos. Colômbia, México e alguns países da América Central incentivaram a produção de arábicas, tipo "suaves", que obtém as melhores cotações no mercado internacional. Como o setor cafeeiro do Brasil não acompanhou essa tendência no mercado internacional, o preço decresceu após o fim do Acordo Internacional do Café(AIC), o que gerou desestímulo e ameaça à atividade, ainda importante para a economia do País.

A queda generalizada nos preços da matéria-prima café, em nível de produtores, parece não estar sendo transmitida para os consumidores internacionais que continuam pagando preços elevados pelo produto. O que pode

estar acontecendo é uma forte manipulação dos preços internacionais pelos grandes grupos empresariais do setor importador de café, em detrimento dos produtores e dos consumidores. Segundo informações da Organização Internacional do Café (OIC, 1992), cerca de US\$ 10 bilhões foram transferidos dos países produtores para os países consumidores, em razão da imposição de elevada margem de comercialização, representados pelas aquisições das grandes empresas, tais como Coca-cola, General Foods, Procter & Gramble, Cargil e Nestlé, que são responsáveis por 80% do total de importações de café do mundo.

O Quadro 2 mostra o valor global da cadeia do café no mundo, o qual é de, aproximadamente, US\$ 33 bilhões ao ano. Esse valor é composto pelo custo de produção do café, acrescido do valor adicionado no beneficiamento e transporte, no processamento e solubilização e na distribuição final.

QUADRO 2 - Agroindústria do Café no Mundo: Distribuição e Valores ao Longo da Cadeia 1985/86 a 1991/92* (US\$ Bilhões)

ITEM / ANO	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92
1. Valor Rec. Produtores	8,9	7,4	8,2	5,9	5,4	4,6	4,0
2. Valor Adic. pelos Exportadores	6,3	4,9	2,8	5,2	2,1	3,0	3,0
3. Custo Anual Café (CIF)=1+2	15,2	12,3	11,0	11,1	7,1	7,7	7,0
4. Valor Adic. Importadores	17,4	22,2	22,2	21,6	25,3	26,8	25,3
5. Giro Anual a Varejo (3+4)	32,6	34,5	33,2	32,7	32,8	34,5	33,3

• Ano cafeeiro compreende o período de set. a set. do ano seguinte.

Fonte: OIC (nov.1992), citado pela GAZETA MERCANTIL (11/12/92) e por VEGRO (1993).

O que se verifica, neste quadro, é acentuada redução da receita dos países produtores de café em

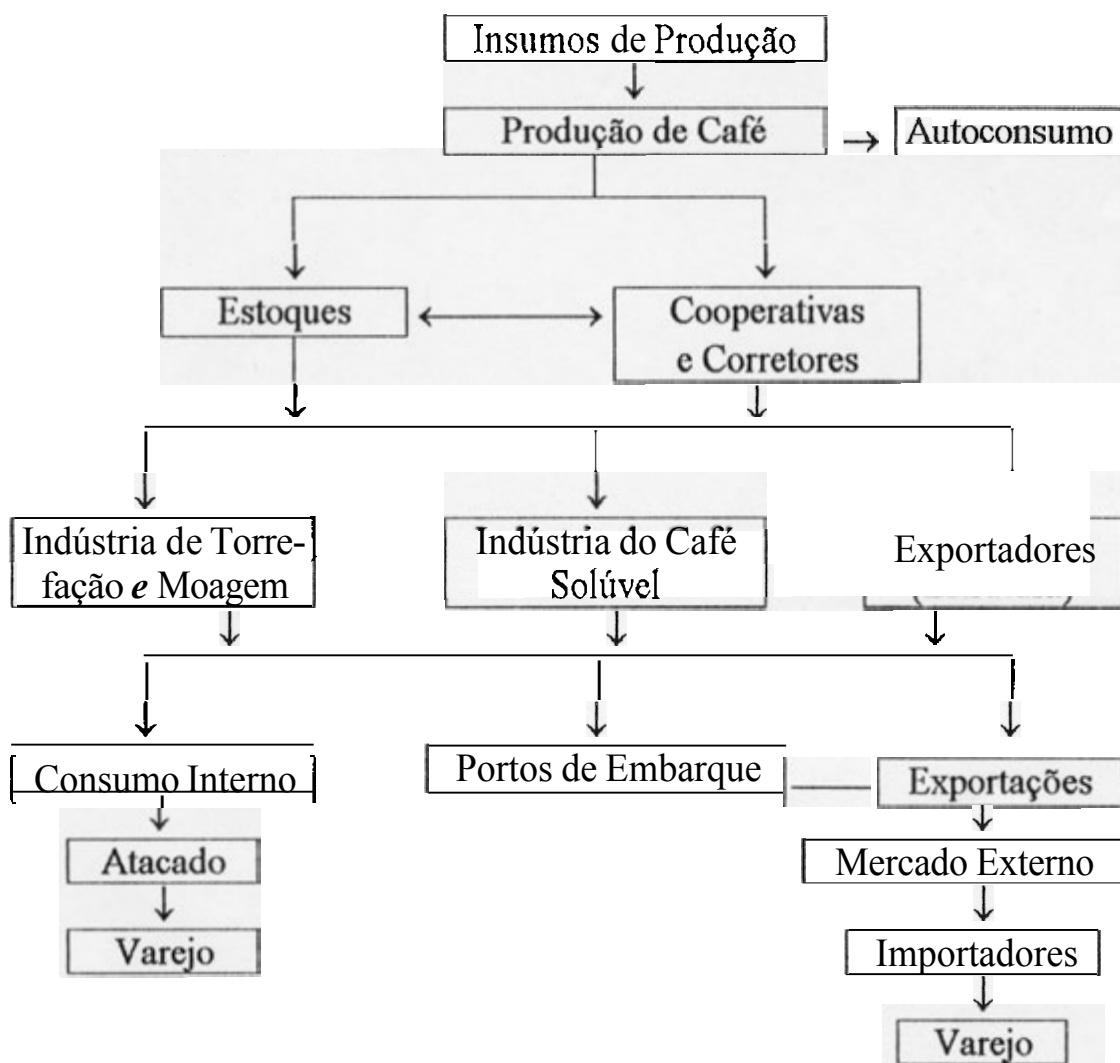


FIGURA 1 - Representação da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro. Elaborada pelo Autor.

relação ao valor final do produto, após passar pela agroindústria dos países importadores.

Apesar de o comportamento diferenciado das exportações brasileiras no sentido de agregar valor ao produto, nas décadas de 70 e 80, o complexo café não conseguiu acompanhar essa tendência, haja vista a pequena parcela de café industrializado destinada à exportação.

A complexidade da cadeia agroindustrial do café brasileiro pode ser vista pelos vários agentes econômicos envolvidos nessa atividade, representados, esquematicamente, na Figura 1.

O Quadro 3 mostra a participação relativa das diferentes formas de café na receita global das exportações brasileiras, nos últimos dez anos.

QUADRO 3 - Participação Relativa das diferentes formas de Café no Valor Global das Exportações Brasileiras, em 10 anos -US\$ milhões F.O.B.

ANOS	Todos Prod. (1)	Prod. Básico (2)	Prod. Indust (3)	Café Total (4)	Café Verde (5)	Café Sol. (6)	Part(%) (4)/(1) (7)	Part(%) (5)/(2) (8)	Part(%) (6)/(3) (9)	Par(%) 6/4 (10)
1984	27.005	8.706	18.004	2.850	2.563	287	10,55	29,44	1,59	0,10
1985	25.639	8.538	16.821	2.619	2.367	252	10,21	27,72	1,50	0,10
1986	22.349	7.280	14.895	2.327	2.006	321	10,41	27,55	2,16	0,14
1987	22.224	8.022	18.014	2.169	1.950	210	9,76	24,31	1,17	0,10
1988	33.789	9.411	24.079	2.222	2.009	213	6,58	21,35	0,88	0,10
1989	34.392	9.599	24.400	1.781	1.560	221	5,18	16,25	0,91	0,12
1990	31390	8.748	22.096	1.253	1.105	147	3,99	12,63	0,67	0,12
1991	31.636	8.742	22.465	1.479	1.382	98	4,68	15,81	0,44	0,07
1992	36.207	8.875	26.863	1.112	970	142	3,07	10,93	0,53	0,13
1993*	25.551	6.272	19.119	687	561	126	2,69	8,94	0,66	0,18

* jan./ago. de 1993.

(4) Inclui café em grão, café torrado e moldo e café solúvel.

Fontes: 1) Café, Até 1989: IBC; 1990/93: DTIC/Secr.Com.Ext ;

2) Exportação global - Até 1989: Banco do Brasil;
1990/93: DTIC/Secr. Com. Ext..

Observa-se **que** a participação de café industrializado no total das exportações de produtos industrializados brasileiros, em **1993**, representa apenas **0,66%**, o que evidencia o baixíssimo nível de investimentos, no sentido de agregar valor ao produto para exportação. **Isso** pode ser verificado também por meio da última coluna, que mostra pequena participação do café industrializado em relação **A** exportação total de café.

Portanto, o que se tem questionado é o que tem impedido ou limitado uma política brasileira de incentivos significativos à exportação de cafés processados, torrado e moído, solúvel e outras formas do produto com maior valor agregado.

* **A** instabilidade dos preços do café evidencia o problema de desorganização da cadeia agroindustrial do café brasileiro em relação aos outros complexos agroindustriais. Nesse sentido, é necessário detectar alguns pontos de estrangulamento na cadeia agroindustrial do café e discutir, da melhor forma possível, estratégias mercadológicas para comercialização do produto.

1.2. Objetivos

O objetivo geral deste estudo é analisar a cadeia agroindustrial do café brasileiro destinado à exportação, com vistas em subsidiar decisões de política comercial e de investimentos privados.

Objetivos específicos:

- a) descrever **os** principais segmentos da cadeia agroindustrial do café brasileiro destinado à exportação;

b) determinar as margens de comercialização do café brasileiro nos principais países importadores e a tendência do comportamento dessas margens;

c) comparar alguns indicadores da competitividade do café brasileiro em face aos seus concorrentes.

2. METODOLOGIA

2.1. Marco Teórico

Neste item são apresentados conceitos e definições de alguns elementos usados neste trabalho, como, por exemplo, Organização de Mercado, Competitividade, Vantagem Comparativa Revelada, Complexo Agroindustrial (CAI) e Margem de Comercialização.

2.1.1. Teoria da Organização de Mercado

Para GARÓFALO e CARVALHO (1986), mercado é "um conjunto de pontos de contato, segundo **os** quais **os** compradores e **os** ofertantes de recursos produtivos ou de determinado produto, ou grupo de produtos finais, e **os** usuários e prestadores de um serviço ou grupo de serviços estabelecem as condições contratuais de compra e venda ou de prestação de serviço, e concretizam **os** negócios resultantes **do** acordo."

Com base em BAIN (1968), STEELE et al. (1971) e CAVES (1977), KOCH (1980) e SHERER e ROSS (1990), a organização industrial está associada à estrutura de mercado, conduta da firma e performance no mercado.

a) **Estrutura de mercado** descreve as características que influenciam, estrategicamente, a natureza da competição e a fixação de preços dentro do mercado, tais como número, tamanho e concentração de firmas vendedoras e compradoras; grau de diferenciação de produtos entre as produções dos vários vendedores, incluindo informação de mercado; condição de ingresso de novas firmas no mercado; economias de escala e integração vertical.

b) **Conduta das empresas** refere-se aos padrões de comportamento, seguidos pelas firmas, com relação ao mercado, as quais buscam maximizar seus lucros competitivamente e preocupam-se com estratégias de formação de preços; decisão de produção; política de promoção de vendas; diferenciação dos produtos; meios de coordenação para adaptação do preço e do produto; publicidade, investimento, pesquisa e táticas legais.

c) **Performance ou atuação de mercado** preocupa-se com resultados econômicos; com eficiência alocacional da estrutura alternativa da indústria, eficiência da produção; com custos de produção, de publicidade, de diferenciação e qualidade do produto; com grau de progresso da indústria e com distribuição equitativa dos lucros entre **os** participantes.

A estrutura de mercado e **os** retornos da economia de escala **são** fatores fundamentais na competitividade do comércio internacional. Nesse sentido, **o** poder de formação de preços dos oligopólios e a economia de escala permitem racionalizar a produção e aumentar a eficiência das firmas no mercado.

2.1.2. Competitividade e Vantagem Comparativa Revelada

O desempenho econômico de um país pode ser melhorado, quando este faz sua abertura econômica com base em suas "vantagens comparativas". O crescimento é impulsionado pela maior eficiência no uso e na alocação de recursos.

Segundo RICARDO(1982), cada nação deve produzir e exportar aqueles bens em que são mais eficientes e suprir suas necessidades dos demais bens mediante trocas com outros países. A avaliação da competitividade dos produtos dos vários segmentos produtivos depende de como esses diferentes segmentos se relacionam com relação à eficiência no uso de recursos. O livre comércio é uma condição necessária, porque a especialização produtiva torna necessária a entrada de bens importados, o que seria benéfico, se estes bens forem produzidos com maior eficiência relativa.

Segundo a teoria do comércio internacional de Heckcher-Ohlin (H-O), vantagem comparativa resulta de diferenças internacionais na dotação de fatores. Nesse sentido, os países exportarão aquelas mercadorias que fazem uso relativamente intenso do fator de produção, que é comparativamente abundante porque ele é relativamente barato antes do comércio (FASANO FILHO, 1987).

A vantagem comparativa revelada é um método proposto por Balassa (1965 e 1977), citado por FASANO FILHO (1987), para determinar os setores nos quais um país tem vantagem comparativa. É revelada porque se baseia nos preços relativos pós-comércio ou em dados de comércio observados. Entretanto, o protecionismo econômico de um país (tarifas na importação, subsídios à exportação, poder de mercado, desalinhamento da taxa de câmbio e outros) pode afetar os resultados da vantagem comparativa revelada.

Para analisar a questão da competitividade internacional e as mudanças nos padrões de vantagem comparativa do café brasileiro no mercado externo, é necessário compreender que competitividade internacional é entendida como a participação do país no mercado mundial, enquanto padrão de vantagem comparativa refere-se à relação entre estrutura de exportações do país e estrutura do comércio internacional (GONÇALVES, 1987).

A competitividade tem aspectos microeconômicos diretamente relacionados com a firma, e aspectos

macroeconômicos, com o macroambiente do sistema produtivo do País. Esses ambientes são mutuamente influenciados, e, portanto, para entender a competitividade de um país, é necessário compreender os determinantes da competitividade de suas empresas e a ligação destas com o mercado externo (MARIOTTO, 1991).

Para PORTER (1990), a competitividade de um país está condicionada a quatro atributos: 1) as condições da oferta de fatores; 2) as condições da demanda; 3) a existência de indústrias relacionadas e que funcionem como suporte; 4) as estratégias das firmas.

Quanto ao primeiro atributo, ele admite que o país pode criar fatores de produção como mão-de-obra qualificada e tecnologia. Assim, o estoque de fatores de uma nação em determinado momento passa a ser menos importante do que a eficiência e a taxa pela qual ele é criado, melhorado e distribuído. Quanto às condições de demanda, o país é mais competitivo nas indústrias em que o consumo doméstico é mais exigente, pressionado pela melhoria da qualidade dos produtos. O terceiro elemento relaciona-se com a competitividade internacional dos fornecedores e outras indústrias relacionadas, o fornecimento de insumos eficientes aumentam as vantagens da indústria. O último atributo é a convergência de práticas gerenciais e procedimentos organizacionais comuns no país de origem, e que possam constituir vantagens competitivas. A estrutura das firmas e a rivalidade entre elas podem estimular as empresas a inovarem e a se aperfeiçoarem.

A partir dos anos 10, a concorrência mundial tem-se acentuado tanto pelos países desenvolvidos, em razão da implementação de medidas comerciais restritivas, como pelos países em desenvolvimento, os quais necessitam de recursos externos em consequência da crise de endividamento e de ajustamentos nos balanços de pagamentos centrados na geração de crescentes saldos comerciais. Nessa fase de competição aguda por novas fatias de mercado, o chamado enfoque das "etapas" de padrões de

vantagem comparativa revelada sugere a necessidade de política econômica que viabilize o crescimento do número de empresas multinacionais para maior grau de industrialização e exportação de produtos com maior valor agregado (GONÇALVES, 1987).

2.1.3. Complexo Agroindustrial (CAI)

Segundo ARAÚJO et al. (1990), não há como discutir disponibilidade e consumo de alimentos mediante uma perspectiva puramente agrícola na situação de uma economia urbanizada, na qual os alimentos industrializados ganham a preferência dos consumidores.

Nas economias industrializadas, para DOSI (1984), o processo de comercialização e de desenvolvimento econômico caracteriza-se pelo aprofundamento da interdependência dos ramos industriais e dos diferentes setores produtivos. Essa interdependência estabelece que a dinâmica de cada segmento produtivo influencia e é influenciada pelos padrões de mudança tecnológica dos outros segmentos, mediante a difusão de inovações, mudança em preços relativos e demanda derivada.

Nesse sentido, é preciso considerar as múltiplas relações entre agricultores, indústria e mercado. O conjunto desses setores é entendido como complexo agroindustrial (CAI) ou "agribusiness". DAVIS e GOLDBERG (1957) definiram "agribusiness" como sendo:

"a soma total das operações de produção e distribuição dos insumos agropecuários; as operações de produção nas unidades agrícolas; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e seus derivados".

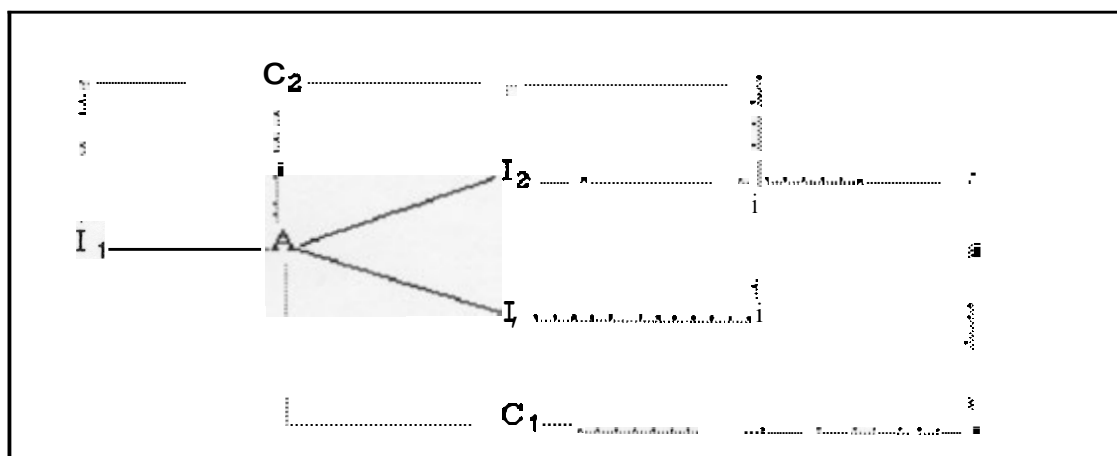
Assim, estão inseridos no CAI os fornecedores de bens intermediários e serviço à agricultura, os produtores agrícolas, os processadores, transformadores e distribuidores envolvidos na produção e no fluxo dos produtos agrícolas até o consumidor final. A idéia do "agribusiness", na análise de SILVA (1991), não apenas

ressalta os vínculos intersetoriais existentes, como coloca a produção agrícola como parte de um sistema de "commodities" muito mais amplo, enfatizando as suas relações com o mundo dos grandes negócios.

Já o termo agroindústria é definido por Lauschner (1986), citado por ARAÚJO et al. (1990), de duas maneiras: em sentido amplo, é "a unidade produtiva que transforma o produto agropecuário natural ou manufaturado para a sua utilização intermediária ou final", e, em sentido restrito, é

"a unidade produtiva que transforma para utilização intermediária ou final o produto agropecuário e seus subprodutos não manufaturados, com aquisição direta do produtor rural de um mínimo de 25% do valor total dos insumos utilizados".

A morfologia produtiva do complexo agroindustrial, (CAI) na análise de MULLER (1991), consiste nas ligações que a agricultura (A) mantém com os setores da indústria de insumos (I_1), da agroindústria de alimentos (I_2) e de outras agroindústrias (I_3). Acrescentando a distribuição interna (C_1) e internacional (C_2), forma-se a estrutura produtivo-comercial, conforme Figura 2



Fonte: MULLER (1991).

FIGURA 2 - Estrutura Produtivo-Comercial do CAI.

Pode existir alguma abstração nas relações entre A e I_1 , que é mais geral do que das relações entre A e I_2 e entre A e I_3 . As atividades agrícolas, em sua variedade, adquirem praticamente **os** mesmos insumos provenientes de I_1 , o que torna difícil construir tipologias que captem suas relações. Não é o caso das relações entre atividades agrícolas e agroindustriais. MULLER (1991) afirma que:

"É possível que esse desnível de abstração, que perturba sem dúvida o manejo de variáveis nas análises, possa concorrer para que grupos de pesquisadores atenham-se **as** agroindústrias, deixando de lado a indústria de insumos".

Para KAGEYAMA e SILVA (1987), o CAI brasileiro é bastante heterogêneo, ou seja "não se pode falar de um CAI genérico no Brasil, da mesma forma que não se pode mais tratar o setor agrícola". Essa heterogeneidade está associada às vinculações tecnológicas específicas dentro de cada atividade. Segundo FARINA e CYRILLO (1991), existem diferenças marcantes na dinâmica, organização e desempenho das diferentes cadeias produtivas que compõem o CAI e que, portanto, esses conceitos **só** podem ser utilizados com elevado grau de abstração.

Sendo assim, a cadeia agroindustrial, por atividade, é o objeto de análise conveniente, já que expressa as relações comerciais e tecnológicas entre seus segmentos. As relações das cadeias produtivas do frango, do café, da laranja, do leite, da mandioca, etc, com a indústria **são** bem diferenciadas.

O conhecimento do inter-relacionamento dos segmentos de uma cadeia produtiva é de importância fundamental na análise da dinâmica e na eficiência desse processo. É possível identificar e quantificar **os** segmentos que a estão afetando e verificar **os** impactos de tecnologia, informação, mudança na demanda final e distribuição da renda do CAI (ARAÚJO et al., 1990).

Por cadeia agroindustrial, segundo ZYLBERSZTAJN (1992), entende-se a sucessão de atividades ligadas verticalmente, necessárias à produção de um bem. O estudo

da cadeia agroindustrial, por atividade, é fundamental para que o setor se torne mais eficiente e mais apto a expandir sua participação nos mercados interno e externo.

A agroindústria, segundo Lauschner (1981), citado por SANTANA (1993) e SANTOS (1993), é a maneira mais eficaz de um país agregar valor ao produto agrícola, a partir da estrutura produtiva existente no setor rural. O país, ao industrializar seus produtos agrícolas, cria mercado para os insumos agrícolas, exporta, além dos produtos agrícolas, "salários", "lucros", "juros", "aluguéis" e "impostos", e o exterior patrocina a dinamização do complexo agroindustrial.

2.1.4. Margens de Comercialização

O sistema de comercialização agrícola, segundo STEELE et al. (1971), tem impacto na transmissão de incentivos aos produtores e no desenvolvimento sócio-econômico, fornecendo informações adequadas para produtores e intermediários, promovendo o equilíbrio entre oferta e demanda, organizando a estrutura de produção e consumo, bem como incentivando a adoção de tecnologias, a expansão de mercados e a melhoria de qualidade dos produtos.

A abordagem de margens de comercialização a ser seguida neste estudo baseia-se em TOMEK e ROBINSON (1977), REZENDE (1977), BRANDT (1980) e MARQUES e AGUIAR (1993). Margem de comercialização é a diferença entre o preço do produto nos diversos níveis da cadeia de comercialização. Entre o agricultor e o consumidor final existem os agentes intermediários que colocam o produto no local, na ocasião e na forma que o consumidor desejar. Para desempenhar suas atividades os intermediários incorrem numa série de despesas como salários, aluguéis, impostos, depreciação e outras que fazem parte dos custos de comercialização, o que dificulta sua mensuração em cada nível da cadeia. Assim, a margem é calculada a partir do levantamento dos preços nos vários níveis.

A margem pode ser representada pela diferença de preço de quantidades equivalentes, em dois níveis da cadeia agroindustrial. Segundo JUNQUEIRA e CANTO (1971), margem de comercialização é a diferença entre o preço pelo qual um intermediário vende uma unidade de produto e o pagamento que ele faz pela quantidade equivalente que precisa comprar para vender essa quantidade. O markup é análogo ao conceito de margem. O markup absoluto é idêntico à margem absoluta, porém o relativo é diferente da margem relativa; esta se refere ao preço de venda, enquanto aquele se refere ao preço de compra (AGUIAR, 1994).

Há diversas maneiras de se quantificarem margens de comercialização:

a) Margem de Comercialização Absoluta (MCA)

$MCA = (\text{Preço de venda} - \text{Preço de compra})$, nos diferentes níveis de mercado. A MCA é expressa em R\$/unidade ou US\$/unidade.

b) Margem de Comercialização Relativa (MCR), expressa em %.

$MCR = [(\text{Preço venda} - \text{Preço compra}) * 100] / (\text{Preço venda})$

c) Markup Total Relativo (MKT), expresso em %.

$MKT = [(\text{Preço de venda} - \text{Preço de compra}) * 100] / (\text{Preço de compra})$.

Teoricamente, o tamanho da margem de comercialização é determinado por uma série de fatores, tais como:

a) Estrutura de mercado. Para produtos idênticos, quanto mais competitivo for o mercado, menor deverá ser a margem.

b) Processamento e manuseio. Quanto mais o produto requerer processamento, maior deverá ser a margem de comercialização.

c) Tecnologias. As que reduzem custos tendem a diminuir as margens, enquanto outras tendem a aumentá-la, por envolverem mais processamento e embalagens sofisticadas.

d) Risco envolvido. Quanto maior o risco, maior será a margem; alterações no gosto e na preferência do consumidor podem diminuir ou aumentar a margem.

e) Atividades de merchandising. Geralmente, aumentam a margem.

f) Número de intermediários. Quanto maior o número de intermediários ao longo do canal de comercialização, maior tenderá a ser a margem de comercialização.

2.1.4.1. Modelo de Tendência da Margem de Comercialização

É um modelo analítico de margem de comercialização que visa testar a hipótese nula de estabilidade temporal da margem. Esse modelo baseia-se em análise de séries temporais mensais (BRANDT, 1980).

Pressupõe-se que a margem de comercialização seja uma combinação de markups percentuais entre os preços de café, para produtor e exportador brasileiro, com o preço do café industrializado no mercado atacadista dos Estados Unidos.

A partir desses dados mensais, pode-se ajustar um modelo de equações isoladas, para verificar a tendência da margem de comercialização de cada segmento:

$$P_p = \alpha_0 + \alpha_1 P_a + \alpha_2 T + \alpha_3 D + \alpha_4 D1 + u$$

Eq. (I)

$$P_p = \beta_0 + \beta_1 P_e + \beta_2 T + \beta_3 D + \beta_4 D1 + u$$

Eq. (II)

$$P_e = \delta_0 + \delta_1 P_a + \delta_2 T + \delta_3 D + \delta_4 D1 + u$$

Eq. (III)

em que P_a = preço mensal de café no mercado atacadista dos Estados Unidos, em R\$/t; P_p = preço mensal de café recebido pelo produtor brasileiro, em R\$/t; P_e = preço mensal de café recebido pelo exportador brasileiro, em R\$/t; $\alpha_0, \beta_0, \delta_0$ = constantes de regressão; $\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \alpha_4, \beta_1, \beta_2, \beta_3,$

β_4 , δ_1 , δ_2 , δ_3 , δ_3 , são os coeficientes a serem determinados; T = variável tendência; D = variável Dummy; $D1$ = variável interação ($D1=D*T$); u = termo de erro aleatório.

Para que se possa verificar se as margens de comercialização permanecem constantes, ou estão variando para mais ou para menos, faz-se necessário formular as hipóteses apresentadas na Figura 3.

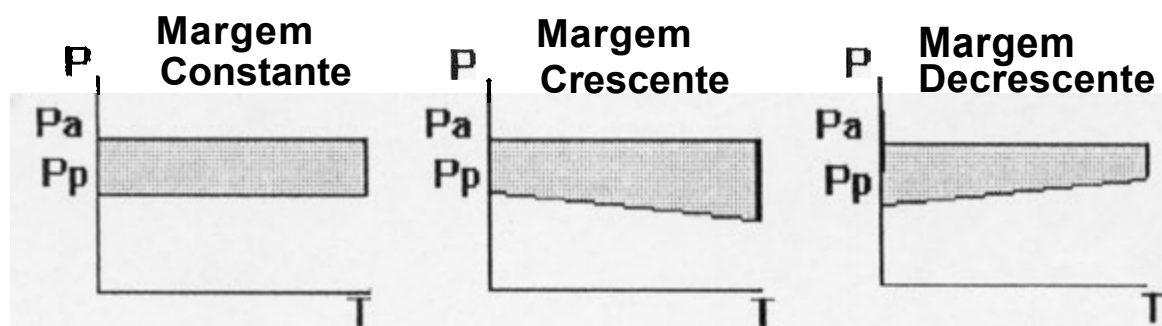


FIGURA 3 - Hipóteses para Verificar o Comportamento das Margens de Comercialização.

Fixando-se o preço de café para o atacadista dos EUA (P_a), se o preço de café para o produtor brasileiro (P_p) mantiver constante, α_2 não é significativamente diferente de zero e a margem de comercialização é constante.

Se α_2 é significativamente menor que zero, isso indica que a tendência do preço pago ao produtor (P_p) é decrescente em relação ao preço do café no mercado atacadista dos EUA (P_a), mantido constante (fixado, "estatisticamente", por meio da variável P_a do modelo). Nesse caso, a margem de comercialização é crescente, ao longo do tempo.

Se α_2 é significativamente maior que zero, mantido constante o preço nos EUA (P_a), indica que o preço recebido pelo produtor (P_p) é crescente, ao longo do tempo, ou seja, a margem de comercialização é decrescente.

As hipóteses ilustradas na Figura 3 podem ser testadas também para as equações (II) e (III).

2.2. Procedimento e Dados

Com base nesses conceitos e definições, utilizou-se análise tabular para descrever os diversos segmentos que compõem a cadeia agroindustrial do café brasileiro, para mostrar a evolução recente das exportações mundiais de café e para fazer algumas inferências sobre sua competitividade no mercado internacional. Para analisar o comportamento das margens, ao longo do tempo, usou-se o modelo de tendência da margem de comercialização.

Os dados utilizados neste trabalho são secundários, obtidos na Federação Brasileira dos Exportadores de Café (FEBEC); Comitê Brasileiro do Café (CBC); Organização Internacional do Café (OIC); Associação Brasileira da Indústria do Café Torrado e Moído (ABIC); Associação Brasileira da Indústria do Café Solúvel (ABICS); Cooperativas de café; Agroindústrias de café; Coffee Business; Relatórios do Instituto Brasileiro do Café (IBC); Cacex; Boletim do Banco Central; IBGE e outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Descrição dos Principais Segmentos da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro

Os segmentos que compõem a cadeia agroindustrial do café brasileiro podem ser divididos do seguinte modo: segmento de insumos de produção; segmento de produção em nível de fazenda; e segmento de beneficiamento e comercialização do grão, realizados por produtores, maquinistas, cooperativas e corretores. O segmento industrial, composto pelas indústrias torrefadoras de café para o mercado interno e pelas indústrias solubilizadoras, tem como alvo maior o mercado externo. Outro componente da cadeia é o de exportação. Finalmente, na extremidade da cadeia encontra-se o segmento varejista, em nível de mercado interno, e o segmento importador, em nível de atacado. Nesse último, têm importante participação os corretores, exportadores e as agroindústrias dos países importadores, que também desempenham a função de atacadistas. A Figura 4 mostra o fluxo das transações

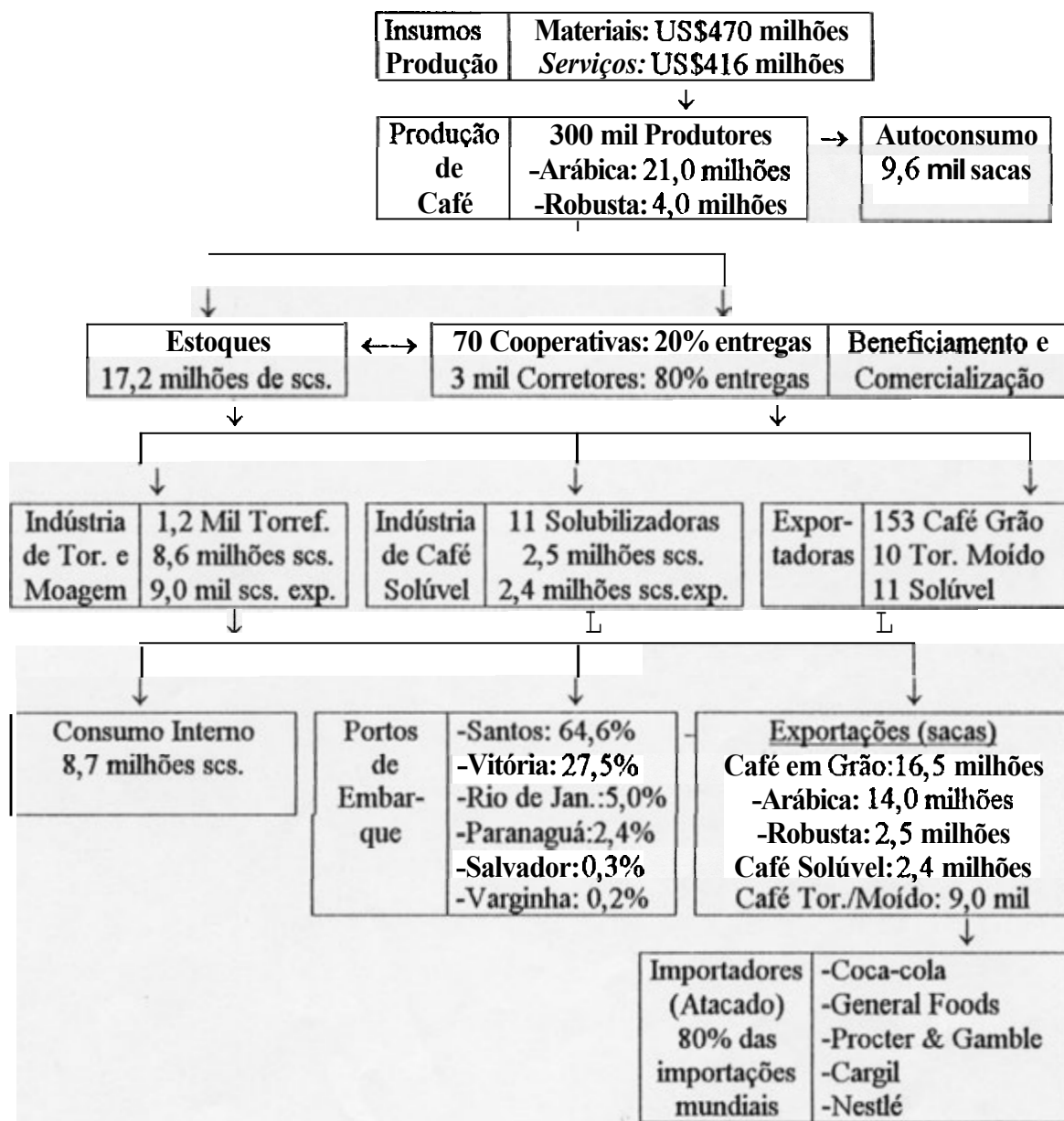


FIGURA 4 - Representação da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro. Período: 1992/93.

feitas, bem como a estrutura dos segmentos da cadeia agroindustrial do café brasileiro até chegar ao mercado consumidor.

Os dados demonstram, de forma mais detalhada, a importância das relações intersetoriais do "agribusiness" do café no Brasil. A cadeia agroindustrial mostra a estrutura de cada segmento por meio do número de agentes econômicos envolvidos, com exceção do segmento insumo, que é fornecido em termos de gasto, em razão de as indústrias de insumos fornecerem suprimentos para outras atividades agrícolas.

A Figura 4 apresentou apenas um resumo dos componentes da cadeia agroindustrial do café brasileiro. O detalhamento de cada segmento e seu comportamento no mercado serão tratados nos subitens que se seguem. Alguns segmentos serão analisados em conjunto, visto que suas estatísticas se inter-relacionam.

3.1.1. Produção e Insumos de Café

Apesar da queda na participação relativa do café (3,1%), em 1992, na receita total das exportações brasileiras, conforme salientado anteriormente, o café ainda continua sendo um produto de grande importância sócio-econômica para o País. Essa importância se dá pelo fato de o Brasil ser o maior produtor, maior exportador e segundo maior consumidor de café no mundo. Nos últimos oito anos (1985 a 1992), produziu uma média anual de 26,4 milhões de sacas de café, e, desse total, 3,7 milhões de sacas foram de café robusta e 22,7 milhões de café arábica (Quadro 4).

O Quadro 4 mostra, também, que a produção brasileira de café concentra-se, principalmente, na Região Sudeste do País. Os maiores estados produtores e suas

QUADRO 4 - Produção Brasileira de Café, 1985/86 a 1992/93
(em 1000 sacas beneficiadas de 60 Kg)

TIPO CAFÉ	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92	92/93	Média	Méd. (%)
BRASIL										
Arábica	29.930	10.050	40.300	18.800	22.600	21.250	21.500	18.900	23.666	
Robusta	2.670	3.450	2.600	3.700	2.800	3.150	3.900	4.600	3.359	
TOTAL	32.600	13.500	42.900	22.500	25.400	24.400	27.400	23.500	27.025	100,00
PARANÁ										
Arábica	5.400	2.020	10.040	2.300	4.600	3.800	3.100	1.900	4.220	
Robusta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
TOTAL	5.400	2.020	10.040	2.300	4.600	3.800	3.700	1.900	4.220	15,62
S. PAULO										
Arábica	8.900	1.560	12.650	4.400	4.700	4.500	4.000	4.200	5.614	
Robusta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
TOTAL	8.900	1.560	12.650	4.400	4.700	4.500	4.000	4.200	5,614	20,77
M. GERAIS										
Arábica	10.650	4.220	13.010	8.300	9.100	8.563	9,800	10.100	9.225	
Robusta	50	90	90	300	100	110	100	100	118	
TOTAL	10.700	4.310	13.070	8.600	9.200	8.673	9,900	9.200	9.343	34,57
E. SANTO										
Arábica	3.000	730	2.840	2.300	2.400	1.560	1.700	1.500	2.004	
Robusta	2.100	2.910	1.920	2.900	2.100	3.945	3.800	3.500	2.897	
TOTAL	5.100	3.640	4.760	5.200	4.500	5.505	5.500	5.000	4.900	18,13
BAHIA										
Arábica	980	700	850	900	900	780	600	400	764	
Robusta	20	10	40	100	100	220	200	300	124	
TOTAL	1.000	780	890	1.000	1.000	1.000	800	700	888	3,28
OUTROS										
Arábica	1.000	750	850	900	900	925	800	800	866	
Robusta	500	440	550	400	500	875	800	700	596	
TOTAL	1.500	1.190	1.400	1.300	1.400	1.800	1.600	1.500	1.462	5,41

Fonte: Até 1989-IBC; a partir 1990 - CITOMA - IBGE.
Elaborado pelo Autor.

participações **são**: Minas Gerais (36%), **São** Paulo (21%), Espírito Santo (19%), Paraná (16%) e Bahia (3%); respondendo, juntos, por 95% da produção nacional.

Verifica-se que, dentro da região produtora de café no Brasil, **os** plantios têm-se deslocado para regiões edafo-climáticas mais favoráveis à cafeicultura. Nesse sentido, nota-se que, nas últimas duas décadas, houve grande expansão da cultura do café arábica em Minas Gerais e da cultura do café robusta no Espírito Santo, enquanto Paraná e **São** Paulo tiveram parte da cafeicultura substituída por outras culturas, principalmente soja, laranja e cana.

Os gastos operacionais ou de manutenção da atividade cafeeira **são os** mais significativos e podem ser visualizados no Quadro 5. O nível de insumos utilizados tem sido fator fundamental para definir o nível de produtividade, bem como o nível de custos obtidos e, conseqüentemente, a lucratividade do cafeicultor.

QUADRO 5 - Custos de Produção de Café Brasileiro, por Faixa de Produtividade, em 1993

Discriminação / Tipo de Café Faixa de Produtividade	Café Arábica (US\$/ha)		Café C o d o n (US\$/ha)	
	20scs/ha	10 scs/ha	20 scs/ha	10 scs/ha
A) Insumos Materiais	333,47	204,16	269,48	168,00
B) Serviços (Mecânicos e manuais)	292,02	198,30	235,99	162,94
I- Total (A+B)	625,49	402,77	505,47	330,94
II- Custo Financeiro (12%)	48,79	29,83	39,43	24,51
III- Encargos/Depreciações	202,28	123,69	163,47	101,63
Custo Operac. US\$/ha (I+II+III)	876,56	556,29	708,37	457,09
Custo Operac. Unitário US\$/sc	43,83	55,63	35,42	45,71
Custo de Implant. Diluído/Ciclo	39,35	39,35	27,55	27,55
Custo Total US\$/ha	915,91	595,64	735,92	484,64
Custo Total Unitário US\$/sc	45,79	59,56	36,80	48,46

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Cooperativas de MG, SP e ES.

O uso de insumos está associado ao nível de tecnologia utilizado na cultura. Produtividade mais elevada necessita de maior consumo de insumos modernos, como fertilizantes, defensivos e mecanização.

O custo total unitário do café arábica é cerca de 23% menor, na faixa de produtividade de 20 scs/ha em relação à faixa de 10 scs/ha. O café Conillon também apresenta comportamento semelhante, sendo o diferencial de uma magnitude de 24%.

Utilizando a faixa de produtividade de 10 scs/ha do Quadro 5, podem-se estimar os gastos totais com insumos na cafeicultura brasileira, visto que a produtividade média do Brasil é de, aproximadamente, 10 scs/ha, nos últimos anos.

Se a área ocupada com café foi de 2.430 mil ha, em 1993, pode-se inferir que os gastos com insumos materiais do café arábica brasileiro somam cerca de US\$ 372 milhões e com o café conillon, cerca de US\$ 97,5 milhões, totalizando, aproximadamente, US\$ 470 milhões. Os gastos com serviços mecânicos e manuais, no café arábica, giram em torno de US\$ 361 milhões e no café conillon, de US\$ 54,8 milhões, somando US\$ 415,8 milhões. Portanto, o custo total anual com insumos industriais e serviços soma US\$ 885,8 milhões; incluindo neste total o custo de implantação, esse valor aumenta para US\$ 890 milhões.

Outro item significativo no custo de produção são encargos e depreciações, que giram em torno dos US\$ 284 milhões. O custo financeiro é cerca de US\$ 68,5 milhões.

Dessa forma, a dimensão do "agribusiness" do café brasileiro, com relação a custo total, soma cerca US\$ 1,24 bilhões.

3.1.2. Beneficiamento e Comercialização de Café

Os corretores atuam na cadeia agroindustrial do café, há várias décadas. Num primeiro estágio, desempenhavam apenas o papel de comercializar café para exportação, ligando o produtor e comerciantes locais aos portos exportadores. Na década de 70, alguns corretores especializaram-se no atendimento **as** indústrias, intensificando suas ações para o mercado interno e com exportadores direcionados a atender indústrias.

O corretor desempenha função importante na comercialização de café. Algumas indústrias de torrefação e moagem solucionaram seus problemas de compra de café por intermédio de corretores, recebendo destes assessoria de classificação, tipos de "blends", transporte e entrega do produto.

Segundo o *Jornal do Café* (Abril-941, at6 1985, existiam cerca de **30** corretores de café especializados no mercado interno. A partir de 1985, o número de corretores voltados **ris** indústrias começou a crescer em ritmo acelerado, uma das razões foi a crescente concentração de café nas cooperativas. O fato de estas trabalharem com poucos corretores fez com que **os** demais, que antes só atuavam no mercado disponível nos portos, se voltassem para as indústrias do mercado interno.

A atividade de limpeza, descascamento, classificação e beneficiamento é realizada tanto por produtores que possuem equipamentos próprios, como por maquinistas autônomos e por cooperativas. **A** falta de infraestrutura de beneficiamento adequada, por parte dos produtores, transferiu para as cooperativas a tarefa de beneficiamento e armazenagem de café.

A seguir, **são** especificados **os** custos de transporte, beneficiamento, separação e preparo do "blend"

do café arábica na Cooperativa dos Cafeicultores de Garça-SP - GARFÉ, em fevereiro de 1993, conforme Quadro 6.

QUADRO 6 - Custos de Transporte, Beneficiamento, Separação e Preparo do "Blend" de Café Arábica - 1993

DISCRIMINAÇÃO	EM US\$
- Carreto (uma saca/até 20 km rodado)	0,09
- Benefício de café na roça, por sc/benef.	0,94
- Benefício de café na Coop./saca bica corrida	0,63
- Benef. café na GARCAFÉ /sc. Separ./Peneiras	0,79
- Rebenef. ou ventilação de café, por saca	0,59
- Liga no balanço, por saca	0,55
- Transparaná, por saca	0,55
- Catação eletrônica, por saca	0,59
- Descarga, furação, classif. e armaz.(sc./dia)	0,09
- Seguro, por saca/dia	0,02
- Carga ou descarga, por saca	0,08
- Carga de café em coco, na roça/saca	0,08
- Carga de café limpo, na roça/saca	0,10
Total	5,10

Fonte: Cooperativa dos Cafeicultores de Garça/SP (GARCAFÉ) - 1993.

QUADRO 7 - Custo de Beneficiamento de Uma Saca de Cafe Conillon no Espírito Santo, 1992

DISCRIMINAÇÃO	EM US\$
Impostos	0,90
Sacaria	0,39
Frete	0,40
Beneficiamento	0,46
Taxa de Comercialização	0,35
Carga/descarga	0,09
Corretagem	0,15
Seguro	0,02
Total	2,76

Fonte: Cooperativa dos Cafeicultores de São Gabriel da Palha -ES (COOABRIEL) .

Para o café conillon, foram tomados os custos de intermediação da COOABRIEL - Cooperativa dos Cafeicultores de São Gabriel da Palha - ES, em agosto de 1992 (Quadro 7). Esses custos estão em torno de US\$ 2,76/saca.

A comercialização de café pode passar por um número variável de intermediários até chegar às agroindústrias nacionais ou ser exportado em grão. Segundo a Revista do Café (mar.-jun., 1993), a margem de comercialização média do café em grão arábica brasileiro, do produtor até o embarque (F.O.B.), é de US\$ 12,00 por saca, enquanto para o conillon essa margem de comercialização gira em torno de US\$ 9,00 por saca.

Se o custo médio do café arábica até o primeiro beneficiamento, ao sair da fazenda, é cerca de US\$ 59,56/saca, conforme salientado anteriormente, acrescentando-se a margem dos corretores, cooperativas, exportadores e outras despesas de comercialização (US\$ 12,00/saca), verifica-se que o custo médio F.O.B. do café arábica brasileiro alcança, em média, US\$ 71,56 por saca. Seguindo o mesmo raciocínio para o café conillon, o custo médio até o primeiro beneficiamento é de US\$ 48,46/saca; acrescido de uma margem de comercialização de US\$ 9,00/saca, obtém-se um custo médio F.O.B. do café conillon brasileiro de US\$ 57,46 por saca.

3.1.3. Agroindústria de Torrefação e Moagem de Café

Cerca de nove milhões de sacas de café beneficiado, correspondentes a 34% da média produzida nos últimos oito anos, seguem para torrefação e moagem. A indústria brasileira do café torrado e moído está, basicamente, voltada para o mercado interno. Esse segmento possui estrutura mais concentrada em relação ao segmento agrícola,

apesar de ter grande número de empresas de pequeno porte, cerca de **1.200** torrefadoras.

O desempenho da agroindústria está estreitamente relacionado com o grau de articulação mantido com o setor agrícola. O fato de o Brasil possuir um percentual elevado de exportação de café em grão faz com que o preço do café, matéria-prima da agroindústria, tenha forte dependência da cotação do café no mercado internacional. Por outro lado, como o produto é voltado para o consumo interno, esse segmento tem sido fortemente afetado pelo desempenho da economia brasileira.

O mercado internacional parece ser um mercado promissor para as empresas de torrefação. Destinar parte da produção para o exterior diminui os riscos de variações conjunturais dos mercados e, ao mesmo tempo, permite aproveitar parte da capacidade ociosa dessas empresas.

Um grande problema constatado pela ABIC, em grande parte das empresas do café torrado e moído, é a falta de controle rígido nos seus custos de produção. A política de formação de preços e controle interno é deficiente, em algumas torrefadoras o resultado é estimado pela sobra do caixa. -

Apesar de existir um número variado de tipos de cafés produzidos e de inúmeras composições individualizadas de custos, toma-se como referência a planilha-padrão da Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (ABIC), discriminada no apêndice A.

As condições físicas de produção e os preços dos recursos estabelecem o custo de produção. O controle periódico desses custos tem importância fundamental na sobrevivência de qualquer empresa. Quando se vai apurar o lucro, incluem-se no custo as despesas diretas, as depreciações, o juro, o aluguel e os impostos. Entretanto, para certos fins, inclui-se no cálculo do custo um número

menor de itens, nesse caso, o custo de produção fica subestimado. A composição do preço do café torrado e moído está apresentada no apêndice A deste trabalho.

A Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (ABIC) tem-se esforçado para aumentar o consumo interno de café, procurando educar o consumidor para reconhecer e valorizar diferentes bebidas e "blends" e, ao mesmo tempo, resgatar consumidores perdidos para outras bebidas substitutas.

A ligação do café torrado e moído brasileiro com o mercado internacional ainda é incipiente, mas promissor. O café tratado, como "commodity", vem perdendo importância em relação à segmentação dos mercados em termos de bebidas, origens do café, formas de preparo e qualidade do produto.

A indústria torrefadora de café no Brasil é afetada por uma série de fatores, tais como:

- elevado uso de equipamentos obsoletos, capacidade ociosa e gerência precária de custos e qualidade do produto;
- desconhecimento de tecnologias e baixa motivação para modernização;
- baixa preocupação com a logística de distribuição;
- desorganização do sistema de informações ligado ao marketing do produto.

Por outro lado, são vários os fatores favoráveis:

- disponibilidade de matéria-prima em quantidade e variedade para atender à segmentação do mercado;
- valorização e exigência de qualidade do café por grande parte dos consumidores das áreas metropolitanas;
- heterogeneidade dos consumidores e respostas destes ao marketing do produto.

Transformar esses fatores potencialmente favoráveis em negócios efetivamente lucrativos requer, entretanto, algumas mudanças de postura dos agentes que compõem o

segmento industrial, bem como investimento em modernização tecnológica e administração empresarial. O grau de automação é um dos fatores que mais diferenciam a tecnologia de produção brasileira em relação a tecnologia européia ou americana. Para trabalhar com vários "blends" de café em escala comercial, o grau de automação necessita ser ampliado.

Em entrevista pessoal com **José** de Paula Motta e com **Américo Sato** (nov.93), superintendente e presidente da ABIC, respectivamente, fica claro a preocupação da Associação com a diversificação do produto para atender ao mercado interno e com a necessidade de investimentos para expandir a exportação do café torrado e moído. A embalagem de alto-vácuo permite vida mais longa ao produto, viabilizando a exportação para mercados distantes. Segundo Motta, existem poucas máquinas de embalagem a alto-vácuo de café no Brasil, pelo fato de as importações dessas máquinas serem dificultadas pela incidência de tarifas elevadas.

3.1.4. Agroindústria do Café Solúvel

A indústria de café solúvel instalou-se, no Brasil, no início da década de **60**, com o objetivo de aproveitar matéria-prima de baixo custo, como **os** cafés de baixa qualidade, antigos estoques e o conillon. **A** disponibilidade de matéria-prima barata possibilitou **o** rápido crescimento da produção de café **solúvel** brasileiro que conquistou boa parte do mercado externo.

A dinâmica da agroindústria do café solúvel está associada ao mercado internacional. Sua estrutura é bem diferenciada das indústrias torrefadoras; o segmento do café solúvel é mais concentrado e organizado, apenas onze empresas de grande porte dominam 98% da produção nacional. Como sua produção está voltada para a exportação, essas

empresas estão mais expostas às mudanças na política cambial e comercial, do que ao desempenho econômico do mercado interno.

As práticas competitivas das grandes corporações multinacionais que dominam os mercados de café da Europa e América do Norte dificultam a entrada do café solúvel brasileiro com embalagem e marca próprias.

Depois de disputar com os EUA pela produção de café solúvel, o Brasil foi penalizado por fortes restrições impostas pelos EUA e apoiadas pelos principais países importadores que faziam parte do AIC. A estratégia adotada pelas indústrias foi compor parcerias com grandes grupos multinacionais que dominam os canais de distribuição do produto. Portanto, grande parte do café solúvel brasileiro tem sido exportado, a granel, em caixas de papelão, restando ao importador embalar, colocar sua própria marca e distribuir o produto.

Os principais países importadores do café solúvel brasileiro são: Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, Japão, Romênia, Canadá, Alemanha e Bulgária. A evolução das exportações de café solúvel para esses países está ilustrada nas Figuras 4 e 5, cujos dados estão no Apêndice f.

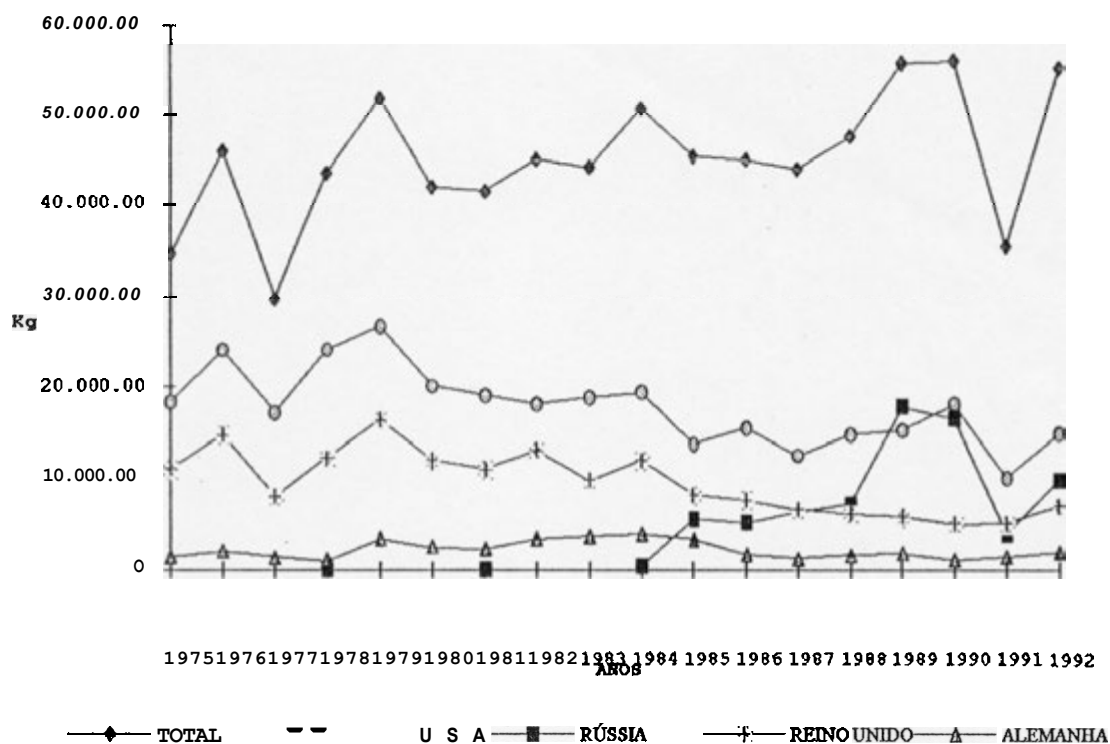


FIGURA 4 - Exportações Totais de Café Solúvel Brasileiro para os Principais Países Importadores; Dados no Apêndice C.

Verifica-se que a quantidade importada de cada país foi bem variável. Estados Unidos e Reino Unido diminuíram suas importações, enquanto Rússia aumentou, aceleradamente, as importações do café solúvel brasileiro.

Observa-se, nessa estatística, que a quantidade exportada de café solúvel evoluiu de 34,47 milhões de quilos, em 1975, para 55,36 milhões de quilos, em 1992. Em relação à receita, entraram, em 1975, US\$ 113,85 milhões, e, em 1992, obtiveram-se US\$ 161,46 milhões de receita com a exportação de café solúvel.

A Figura 5 mostra a evolução do mercado de café solúvel brasileiro para Canadá, Japão, Romênia, Bulgária e outros. Observa-se forte crescimento das exportações para Japão e Canadá, principalmente.

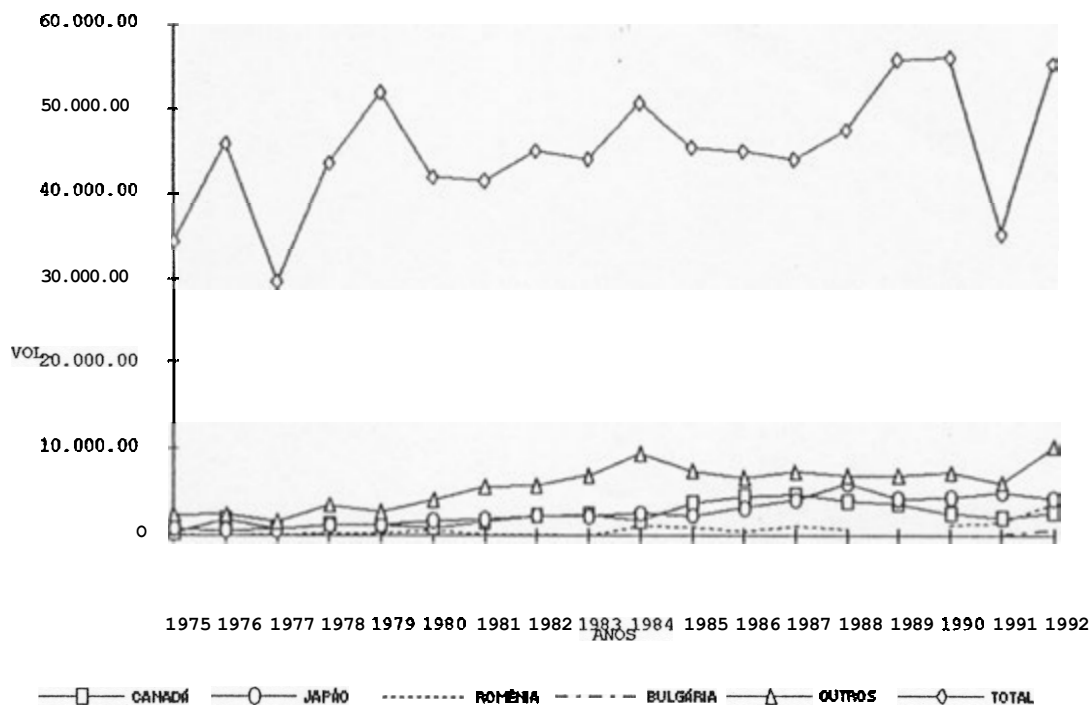


FIGURA 5 - Evolução das Exportações de Café Solúvel do Brasil para Outros Países; Dados no Apêndice.

A instalação da indústria de café solúvel, no Brasil, gerou uma disputa com os EUA pela produção do solúvel.

O mercado interno não era propício ao consumo do café solúvel, porque, entre outras razões, o hábito do brasileiro era de consumir o café de coador. Nesse sentido, os fabricantes do solúvel voltaram-se para o mercado externo, principalmente para os EUA. Em 1965, o Brasil exportou 286,5 toneladas, ocorrendo a partir daí, elevado crescimento e, em 1969, exportou 12.746,5 toneladas.

Esse crescimento elevado das exportações de solúvel brasileiro para aquele mercado provocou a reação dos fabricantes dos EUA, e, quando o Conselho da OIC se reuniu em Londres, em 1968, para renovação do AIC, a delegação norte-americana apresentou emenda que obrigava os países

exportadores a aplicar "condições comparáveis" idênticas nas cobranças de impostos a todos os tipos de café (incluindo-se aí o café solúvel), que fossem exportados para qualquer país membro da OIC (CONJUNTURA ECONÔMICA, 1971).

Os EUA reivindicavam do governo brasileiro a exportação de cafés de qualidade inferior a preços mais baixos, alegando que eram obrigados a comprar, para fabricação de seu produto, cafés mais caros do que a matéria prima da indústria brasileira. Na prática, essa alegação não tinha sentido, porque os cafés brasileiros exportados em grãos para os EUA não eram usados na fabricação de solúvel. Para esse fim, usa-se o café robusta, que é o de menor preço no mercado internacional e do qual pode-se extrair quantidade maior de sólidos solúveis, até 50%, enquanto dos cafés arábicos, como maioria dos cafés brasileiros, a taxa habitual de extração é de 33% (ABICS, 1992).

Quanto à insenção da cobrança da cota de contribuição sobre o café solúvel brasileiro, medida adotada pelo governo brasileiro para incentivar a implantação e o crescimento da indústria do café solúvel, os EUA foram intransigentes e continuaram pressionando a OIC, até que o governo brasileiro foi obrigado, em 01/05/69, a criar um imposto de exportação equivalente a 13 centavos de dólar, por libra-peso, de café solúvel exportado para os EUA.

Em 1971, nas negociações de prorrogação do AIC, os EUA voltaram a ameaçar o Brasil. O relatório do Comitê de negociações autorizou um aumento nas taxações do café solúvel brasileiro entrado nos EUA:

"O Acordo do Café estabelece especificamente (art.44) que os países exportadores não podem discriminar em favor de suas exportações de café industrializado quando comparadas com suas exportações de café cru. Apesar desta disposição, a política tributária do Brasil continuou a favorecer suas exportações de café solúvel. As exportações de café solúvel pagam um imposto apenas de 13 centavos de dólar por libra-peso; as exportações equivalente

de café cru pagam imposto muito mais alto. O Comitê acredita que o princípio que fundamenta o art. 44 é justo e razoável no contexto de um acordo de produtos básicos, e a ele devem aderir todos os membros do Acordo do Café. O que está em jogo é a questão do acesso a uma matéria-prima em termos equitativos. Os fabricantes norte-americanos pagam um preço por sua matéria-prima que incorpora um imposto de exportação muito alto (aproximadamente 50%)”.

“O Comitê acredita que um imposto de 13 centavos de dólar por libra-peso existente no Brasil, resultaria em uma carga tributária total de 30 centavos de dólar por libra-peso sobre o café solúvel importado nos EUA proveniente do Brasil ... Em qualquer caso, na opinião do Comitê é necessário ação efetiva, caso os Estados Unidos devam continuar a participar no Acordo Internacional do Café. Tendo em vista as protelações anteriores em alcançar solução para o problema, o Comitê acredita ser preciso agir, quer o Brasil, quer os Estados Unidos, para por fim à discriminação” (CONJUNTURA ECONÔMICA, 1971).

3.1.5. A Tributação na Cadeia Agroindustrial do Café

O estudo da incidência de impostos na cadeia agroindustrial de cada atividade é de importância fundamental na formulação de políticas econômicas. Há estreita inter-relação dos setores agrícola, agroindustrial e indústria de insumos. Medidas de política fiscal que aumentem a tributação na agricultura desencadeiam uma série de efeitos “para frente” e “para trás”, em diferentes proporções, sobre os demais setores produtivos.

A excessiva carga fiscal brasileira onera os contribuintes, afeta a demanda por produtos domésticos e diminui a competitividade dos produtos exportáveis. Enquanto a tendência mundial leva uma corrida a subsidiar seus produtos exportáveis, o Brasil, ao contrário, é um dos países que impõem maiores tributações aos seus produtos exportáveis.

A tributação pode incidir, direta ou indiretamente, no complexo cafeeiro (Quadro 8).

QUADRO 8 - Tributação na Cadeia Agroindustrial do Café - Brasil, 1993

IMPOSTOS	INCIDÊNCIA	PERCENTUAIS (%)
A) Diretos		
-ITR	Produtor Rural	0,20 a 3,50
-IR	Toda Cadeia	Diferido
-IPI	Indústrias	15,00 % sobre embalagens
B) Indiretos		
-ICMS	Toda Cadeia	7,00 a 18,00 %
-CONFINS	Toda Cadeia	2,00 %
-PIS	Toda Cadeia	0,65 %

Fonte: LÍCIO, A. M. A., A Tributação da Agricultura no Brasil: Relatório Final. Brasília: IPEA, 1994.

Os impostos diretos **são** efetuados por meio do Imposto Territorial Rural (ITR) e do Imposto de Renda (IR). A tributação indireta incide sobre mão-de-obra, máquinas, insumos e demais serviços. Os impostos indiretos mais importante no café **são**: Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), de competência estadual; e o Confins-PIS - Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social, de competência federal. Este é um imposto do tipo "cascata", que incide sobre o valor integral de cada operação, de modo cumulativo, desde os fatores de produção até o café vendido a varejo ou exportado.

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidia, até recentemente, sobre fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos, tendo sido abolido por legislação federal.

Os impostos diretos incidentes na cafeicultura são pequenos em relação aos impostos indiretos, que é uma atividade intensiva em mão-de-obra. A alíquota interna média de ICMS gira em torno de 13,00% sobre o valor bruto de produção, incluindo margem de comercialização. O Confins

(antigo Finsocial) incide, com uma alíquota de 2,00%, sobre o faturamento. A alíquota incidente no PIS é de 0,65% sobre o faturamento. A incidência conjugada dessas duas contribuições sociais pode ser cumulativa, de acordo com o número de etapas no processo de circulação.

De impostos diretos, o produtor de café paga o Imposto sobre Propriedade Territorial Rural (ITR), visto que a alíquota varia de 0,20% a 3,50%, dependendo do número de módulos fiscais do imóvel. Outro imposto direto pago por pequena parcela de produtores é o Imposto de Renda (IR); em razão de dificuldade de apuração da renda líquida a ser submetida ao tributo, este é integrado à tributação da propriedade.

Quando se compara a incidência de ICMS em outras cadeias agroindustriais no Brasil, percebe-se que este é bem diferenciado de estado para estado e de produto por produto. O Quadro 9 apresenta a incidência de ICMS em uma série de produtos de consumo interno e nos principais produtos agrícolas de exportação.

QUADRO 9 - Cargas Médias de ICMS em Alguns Produtos Agroindustriais no Brasil, em 1993 (Aliquotas % sobre o Valor Bruto)

Produto Domestico	Aliquotas %	Produto de Exportação	Aliquotas %
Arroz	7,74	Açúcar	13,00
Banana	2,02	Carne de Aves	13,00
Batata	5,62	Carne Bovina	7,00
Cafe (Tor. e Moldo)	13,20	Cacau	11,15
Feijão	7,62	Cafe	13,00
Laranja	2,19	Farelo de Soja	11,00
Farelo de Soja	1,08	Fumo e Deriv.	8,45
Óleo de Soja	8,50	Laranja	0,00
Tomate	3,47	Madeira	13,00
Leite	3,97	Óleo de Soja	9,00
Carnes	7,59	Soja em Grão	13,00

Fonte: LÍCIO, A. M. A., A Tributação, da Agricultura no Brasil: Relatório Final. Brasília: IPEA, 1994.

Observa-se que o café (torrado e moído) possui a maior alíquota (13,20%) dos produtos de consumo domésticos. Com relação aos produtos agrícolas exportados, a alíquota de ICMS incidente sobre o café é uma das mais altas (13,00%), juntamente com açúcar, frango, madeira e soja em grão. O complexo da laranja não sofre incidência desse imposto.

Nas operações interestaduais de saída de café em grão destinado às indústrias de torrefação e moagem e de café solúvel, o valor da alíquota efetiva de ICMS é de 17 a 18%, com destino aos estados das Regiões Sul e Sudeste, exceto Espírito Santo; e de 7%, com destino aos demais Estados da Federação (DIÁRIO DO EXECUTIVO, 01/10/93). O valor desta operação é calculado sobre:

- O preço corrente da mercadoria no atacado, caso o remetente seja o produtor rural ou a cooperativa de produtores;
- O preço F.O.B., caso o remetente seja a indústria;
- O preço F.O.B., nas vendas a outros intermediários ou indústrias, caso o remetente seja um intermediário.

A agroindústria de café também tem seus custos onerados por uma forte tributação no setor. Segundo dados da planilha da ABIC (1992/93), a alíquota de ICMS varia de 7 a 18%, dependendo do Estado. De contribuições sociais pagam-se 2% de Confins (antigo Finsocial) e 0,65% de PIS sobre o faturamento. Conforme a mesma planilha da ABIC, incide uma alíquota de 15% de IPI sobre o valor das embalagens utilizadas no café industrializado.

Com relação à incidência de ICMS na exportação de café industrializado em Minas Gerais, segundo o Diário do Executivo (01/10/93), é cobrado conforme as seguintes situações:

- Na exportação de café solúvel e de extrato de café, o fabricante poderá optar pelo estorno ou recolhimento da importância que resultar da aplicação do percentual de 9% sobre o valor da exportação, convertido em moeda nacional à taxa de câmbio vigente no embarque da mercadoria.

- Na exportação de café torrado e moído, em substituição ao estorno integral dos créditos relativos às matérias-primas, materiais secundários e de embalagem, é facultado ao estabelecimento industrial exportador optar pelo estorno da importância que resultar da aplicação do percentual de **10%** sobre o valor F.O.B. da exportação.

As regras básicas de recolhimento de ICMS na comercialização de café com destino ao mercado externo são aparentemente simples:

- paga-se o imposto quem vendeu a mercadoria e, portanto, recebeu do comprador a quantia correspondente ao tributo;
- o imposto é devido quando a mercadoria cruza fronteiras de Estado ou quando o produto é vendido pronto para ser oferecido ao consumidor final.

A legislação estabelece alíquotas específicas conforme o produto e operação comercial realizada. No caso do café, a venda para exportador fora do Estado de origem do produto é tributada em 12%. Na exportação, a alíquota sobe para 13%, e, se o comprador é uma empresa de torrefação e moagem, que vende no mercado interno, a alíquota é de **18%**.

A competência do tributo é do estado de origem do café, quando da primeira venda para fora de suas fronteiras. Na exportação, quando o armazém de rebenefício localiza-se em outro estado, este recebe o diferencial de alíquotas de **12%** para **13%**. Se o rebeneficiamento é realizado no estado produtor e o café é encaminhado ao porto, pronto para exportação, a alíquota de **13%** é devida, integralmente, ao estado produtor. Esse é o caso das vendas diretas de cafés produzidos e processados em Minas Gerais e enviados, diretamente, aos portos de embarques.

A base de cálculo é o valor da transação especificado na nota fiscal. Caso a transferência de estoques de café de um estado para outro seja de propriedade de uma mesma empresa, a base de cálculo passa a ser a pauta de transferência. Essa pauta era calculada pelo IBC, que considerava a taxa de câmbio do dia e o preço de

registro líquido de exportação. Com a extinção do IBC, a pauta de transferência continuou sendo calculada conforme a regra antiga, considerando o último preço de registro líquido especificado pelo IBC em março de 1990, que chega a distorções atuais de mercado (ALIMANDRO, 1992).

O comércio exportador tem reagido a essa realidade fiscal. Algumas empresas optaram por instalar armazéns em mais de um estado produtor. Na Região Sul de Minas Gerais, são crescentes os investimentos em infra-estrutura de armazenagem. A região possui 16 unidades, com capacidade total de 10 milhões de sacas.

3.1.6. Evolução Recente das Exportações Mundiais de Café

O mercado internacional de café vem experimentando, nas últimas três décadas, mudanças estruturais com grandes repercussões na produção e na comercialização do produto.

A economia cafeeira do Brasil tornou-se especializada e dominada, pela função de produzir para exportação. Como principal País produtor e exportador mundial de café, o Brasil exerceu políticas de elevação do preço do café, com o objetivo de maximizar sua receita. O elevado preço internacional do café, a partir da década de 60, despertou outros países para produção e exportação.

Com a intenção de manter o Brasil na liderança absoluta na produção e exportação de café, após traçar a política estratégica de altos preços na década de 70, o governo brasileiro incentivou a expansão da cafeicultura. Entretanto, essa mesma estratégia foi, simultaneamente, perseguida por outros países, principalmente pela Colômbia, Costa do Marfim, Indonésia e países da América Central. Como as estratégias eram sempre maior produção para maximizar receitas cambiais, a expansão da produção foi a causa fundamental dos elevados excedentes e formação de estoques nas últimas décadas.

QUADRO 10 - Exportações Mundiais de Café Verde e Solúvel pelos Principais Países. Período: jun./mai. 1987/88 - 1992/93, (em 1000 sacas e em porcentagem)

Pais Exportador	1987/88	1988/89	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93
Colômbia	10.725	9.643	13.253	12.311	14.051	16.344
(%)	15,31	14,42	15,86	16,33	18,55	21,09
Brasil	18.912	16.511	18.542	18.137	21.816	16.003
(%)	26,99	24,70	22,19	24,06	28,80	20,65
Costa do Marfim	3.550	3.451	2.081	4.479	3.620	5.447
(%)	5,07	5,16	2,49	5,94	4,78	7,03
Indonésia	4.432	5.322	6.878	6.646	4.927	5.263
(%)	6,32	7,96	8,23	8,81	6,51	6,79
Guatemala	2.144	2.274	4.059	2.802	3.032	3.665
(%)	3,06	3,40	4,86	3,72	4,00	4,73
México	3.206	2.367	5.810	3.713	3.086	3.036
(%)	4,58	3,54	6,95	4,92	4,07	3,92
El Salvador	2.261	2.092	1.918	2.152	2.042	2.512
(%)	3,23	3,13	2,30	2,85	2,70	3,24
Costa Rica	2.081	2.105	2.396	2.429	2.231	2.431
(%)	2,97	3,15	2,87	3,22	2,95	3,14
Vietnã	500	800	933	1.218	1.318	2.219
(%)	0,71	1,20	1,12	1,62	1,74	2,86
Honduras	1.344	1.311	1.788	1.391	1.567	2.061
(%)	1,92	1,96	2,13	1,84	2,07	2,66
Outros (31 Países)	20.920	20.975	25.899	20.120	18.419	18.513
(%)	29,85	31,37	31,00	26,69	24,32	23,89
Total	70.075	66.851	83.552	75.398	75.739	77.492
(%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: FEBEC - Federação Brasileira dos Exportadores de Café.

pela Indonésia. Estes últimos são fortes exportadores de café conillon.

Verifica-se que a produção de café ainda continua concentrada em poucos países. Brasil e Colômbia, juntos, exportam, aproximadamente, metade das exportações mundiais de café. Os dez maiores exportadores, juntos, detêm cerca de 75% das exportações mundiais de café.

3.1 7. O Segmento Comercial Exportador do Brasil

Este tópico analisa a estrutura e a performance do segmento de exportação da cadeia agroindustrial do café brasileiro. O objetivo é descrever e analisar esse setor, principalmente em relação à quantidade exportada, número e participação de firmas, infra-estrutura de exportação e tipos de café comercializado.

As exportações de café verde e torrado do Brasil totalizaram cerca de 14,5 milhões de sacas, no período de novembro de 92 a outubro de 93. O Quadro 11 mostra o ranking dos principais exportadores de café do Brasil. As empresas que mais se destacaram nas exportações de café verde foram: a Exportadora Princesa do Sul, localizada em Varginha-MG, que exportou 1.285.967 sacas de café ou 8,8 % do total exportado, e, em segundo lugar, a Unicafé, localizada em Vitória-ES, com 1.139.969 sacas ou 7,8% do total exportado.

Atualmente, existem no mercado, cento e sessenta e três (163) exportadoras de café em grão. Dessas, onze (11) exportam também café torrado e moído, embora este represente uma pequena parcela no mercado, apenas 6.661 sacas. Verifica-se, também, uma concentração do setor exportador de café em grão; em conjunto, vinte e cinco (25)

QUADRO 11 - Volume das Exportações de Café - Ranking dos Principais Exportadores do Brasil (em Sacas de 60 kg, Período: Nov./92 a Out./93)

Exportadores / Tipos de Café	Conillon	%	Arábica	%	Tor.	%	Total Exp.	%
Export. Princesa do Sul Ltda.			1.285.967	10,7			1.285.967	8,8
Unicafé Cia Com. Exterior	258.789	10,3	881.180	7,3			1.139.969	7,8
Rio Doce Café S/A Imp./Exp.	430.787	17,1	518.205	4,3			948.992	6,5
Tristão Cia Com. Exterior	63.414	2,5	668.911	5,5			732.325	5,0
Stockler Com. Exp. Café S/A	10.100	0,4	606.727	5,0			616.827	4,2
Esteve Irmãos S/A Com e Ind.	78.186	3,1	469.459	3,9			547.645	3,8
Sumatra Com. Exp/Imp. Ltda.	5.867	0,2	518.067	4,3			523.934	3,6
Exp. de Café Guaxupé Ltda.			468.113	3,9			468.113	3,2
Braswey S/A Ind. Comércio	230.975	9,2	212.550	1,8			443.525	3,0
Volcafé Ltda.			369.991	3,1			369.991	2,5
Cial Ind. B. Peres <i>Cafe</i> Ltda.	43.023	1,7	313.700	2,6			356.723	2,4
Marcelino Martins E.J. Ltda.	27.572	1,1	303.126	2,5			330.698	2,3
Cargil Agrícola S.A.	77.475	3,1	249.715	2,1			327.190	2,2
Coop. Reg. Caf. Guaxupé Ltda.	300	0,0	320.930	2,7			321.230	2,2
Com. Ind. Brasil.Coimbra S/A	8.150	0,3	308.390	2,6			316.540	2,1
Icaru Com.Exp. e Imp. Ltda.	23.050	0,9	281.715	2,3			304.765	2,1
Cafertorte S/A Imp. Exp.	24.950	1,0	268.996	2,2			293.946	2,0
Naumann Gepp Com Exp. Ltda.			274.857	2,3			274.857	1,9
Irmãos Ribeiro Exp/Imp. Ltda.			261.789	2,1	500	7,5	262.289	1,8
Export. N.S.a. da Guia Ltda.	300	0,0	242.010	2,0			242.310	1,7
Simex-Siqueira Imp./Exp. S/A	105.763	4,2	73.200	0,6			178.963	1,2
B. Oliveira S/A Ind/Com/Exp.			164.270	1,4			164.270	1,1
Mogiana S. A de Com. Exter.			147.610	1,2			147.610	1,0
Montenegro Exp/Com.Café Ltda.	8.050	0,3	127.893	1,1			135.943	0,9
Amacafé Soc. Exp. Imp. Ltda.	70.620	2,8	62.655	0,5			133.275	0,9
Outros (138 Exportadores)	1051.473	41,7	2.661.733	22,1	6.161	92,5	3.719.367	25,5
Total por Tipo de Café	2518.844		12.061.759		6.661		14587.264	

Fonte: FEBEC (Federação Brasileira dos Exportadores de Café) .

empresas detêm 75% do total das exportações de café.

O Quadro 12 mostra a participação das exportações brasileiras, por tipo de café, no período de novembro a outubro de 1991/92 e 1992/93.

QUADRO 12 - Exportações Brasileiras de Café, no Período de Nov. a Out. de 91/92 e 92/93

Tipo Café	Volume (scs. de 60 kg)		Var(%)	Preço Médio (US\$/sc)		Var(%)
	1991/92	1992/93		1991/92	1992/93	
Arábica	15.727.063	12.061.759	-23,00	63,44	64,27	1,00
Conillon	2.596.671	2.518.844	-3,00	41,44	48,31	17,00
Torrado	11.378	6.661	-41,00	95,08	98,78	4,00
Solúvel	2.176.461	2.604.377	20,00	67,45	76,91	14,00
Total	20.511.573	17.191.641	-16,00	66,85	72,07	9,00

Fonte: FEBEC (Federação Brasileira dos Exportadores de Café).

Observa-se um decréscimo de **16%** no volume total de café exportado nesses dois anos. A maior queda foi na exportação do café torrado e moído (41%), seguido por uma queda de 23% no café arábica e de **3%** no café conillon. Por outro lado, as exportações de café solúvel cresceram 20% no mesmo período.

Apesar da elevada queda da exportação do café torrado e moído, parece ser este o setor com melhores perspectivas para crescimento a partir de 1994, visto que as indústrias brasileiras poderão competir em igualdade de condições com as torrefadoras externas em um item fundamental, o da embalagem. Isso porque o governo brasileiro liberou as alíquotas de importação das máquinas automáticas de empacotamento a vácuo puro, considerado o padrão ideal para exportação de café processado.

Com relação ao comportamento dos preços dos diversos tipos de café, verifica-se que houve aumento de 9%. O maior aumento foi no preço do café conillon (17%) e no café solúvel (14%).

Quando se compara a performance das exportações de café solúvel e a de café em grão, nota-se melhor desempenho do solúvel. A explicação desse fato reside na forte redução dos preços internacionais do café verde desde a extinção do Acordo Internacional do Café. No caso do solúvel, no entanto, é necessário frisar que a indústria não exporta apenas café, mas uma série de insumos e serviços, e o setor não fica exposto à redução dos preços dos países concorrentes.

Existe um segmento das exportações de café solúvel que está sob atenção das indústrias, é o extrato de café. É crescente a exportação de café líquido em tonéis de alumínio, destinado principalmente ao Japão.

Segundo MALTA (1992), o consumo de café líquido, no Extremo Oriente, já ultrapassa US\$5,00 bilhões anuais. A atenção da indústria brasileira justifica-se pelos testes recentes feitos pela Maxwell House (divisão da General Foods), que testa um produto à base de cappuccino, com bastante sucesso na Flórida-EUA e com excelentes perspectivas de consumo mundial. Além disso, a Nestlé e a Coca-cola vem investindo com sucesso no mercado de produtos gelados à base de café.

Com relação ao destino das exportações brasileiras de cada tipo de café, segundo dados da FEBEC (1993), o Brasil exporta café arábica em grãos para 77 países, principalmente para Itália (14%), Estados Unidos (13%), Alemanha (11%), Japão (10%), Bélgica-Luxemburgo (5%), Suécia (5%), Grécia (5%), Holanda (4%) e França (4%). Exporta café conillon para 27 países, sendo os principais importadores os Estados Unidos (60%), Canadá (9%), Itália

(8%), Reino Unido (4%) e Espanha (3%). Quanto ao café solúvel, o Brasil exporta para 58 países, principalmente para Estados Unidos (26%), Rússia (22%), Reino Unido (10%), Japão (8%), Romênia (5%), Alemanha (5%) e Canadá (4%). Quanto ao café torrado e moido, o Brasil ainda não conseguiu desenvolver suas exportações, exporta pequena parcela para 13 países, principalmente para Rússia (27%), Canadá (23%), Cabo Verde (19%), Japão (12%) e Portugal (8%).

O Quadro 13 demonstra o volume das exportações de café solúvel e o ranking das principais exportadoras do Brasil, no período de novembro de 1992 a outubro de 1993.

QUADRO 13 - Volume das Exportações de Café Solúvel Brasileiro - Ranking das Principais Exportadoras, no Período de Nov./92 a Out./93 (Equiv. em sacas. de 60 kg)

<u>Exportadoras/Fabricadoras</u>	<u>Vol. (scs 60 kg)</u>	<u>Part.(%)</u>
Cia. Cacique de Café Solúvel	766.652	29,44
Cia. Iguazu de Café Solúvel	483.370	18,56
Nestlé Indl. e Coml. Ltda.	361.059	13,86
Realcafé Solúvel do Brasil S/A	304.080	11,68
COCAM Cia de Café Solúvel	175.201	6,73
Café Solúvel Vigor S/A	116.295	4,47
Macsol S/A Manuf. de Café Sol.	75.495	2,90
Exp. Imp. Brasilia Ltda.	24.346	0,93
Cia. Mogi de Café Solúvel	20.015	0,77
Dominium S/A	15.625	0,60
Outros	262.241	10,07
Total	2.604.377	100,00

Fonte: FEBEC (Federação Brasileira dos Exportadores de Café).

O segmento comercial de exportação de café solúvel brasileiro exportou, nesse período, o equivalente a, aproximadamente, 2,6 milhões de sacas de café. A estrutura

desse segmento é a mais concentrada tanto na industrialização quanto na comercialização. No cômputo geral, as quatro maiores exportadoras *são* responsáveis por mais de 70% do total das exportações. Verifica-se que as indústrias processadoras do café solúvel desempenham também a função direta de exportação.

A Companhia Cacique de Café Solúvel lidera a industrialização e a exportação, com 30% das exportações. A Companhia Iguazu de Café Solúvel vem em segundo lugar, com 18,56% das exportações, seguida pela Nestlé (13,86%) e pela Realcafé (11,68%).

Os portos brasileiros têm sido um dos instrumentos do segmento exportador de café que mais necessita de aprimoramento tecnológico e administrativo. As exportações de café por porto de embarque, no período de novembro de 1992 a outubro de 1993, *são* mostradas no Quadro 14.

QUADRO 14 - Exportações de Café Brasileiro, por Porto de Embarque, no Período de Nov./92 a Out./93 (em Sacas de 60kg)

Porto/Café	Conillon	%	Arábica	%	Torrado	%	Total	%
santos	318.966	12,66	9.256.242	76,74	6.275	94,20	9.581.483	65,68
Vitória	2.061.138	81,82	1.753.412	14,53	-	-	3.814.550	26,14
R.de Janeiro	56.301	2,23	693.945	5,75	282	4,23	750.528	5,14
Paranaguá	82.439	3,27	290.541	2,40	99	1,48	373.079	2,55
Salvador			40.394	0,33	5	0,07	40.399	0,27
Varginha*			27.225	0,22			27.225	0,18
Total	2.518.844	100,00	12.061.759	100,00	6.661	100,00	14.587.264	100,00

* Porto Seco.

Fonte: FEBEC (Federação Brasileira dos Exportadores de Café) - Elaborado pelo Autor.

Observa-se que é por meio do Porto de Santos que se dá a maior parte das exportações de café, ou seja, 65,68%

do total. O segundo maior porto exportador de café é o de Vitória, com 26,148. O porto do Rio de Janeiro, a partir de 1985, vem tendo sua participação diminuída nos embarques de café. No início dos anos 80, seus embarques representavam mais de 14%, sofreu forte queda em 1991, exportando apenas 3%. Atualmente, sua parcela de exportação é de 5,14%.

A decadência do porto do Rio de Janeiro no comércio de café deve-se, basicamente, a três razões (VIDOR, 1992):

- Ineficiência das operações do porto em relação aos demais, como, por exemplo, tarifas relativamente altas, operações morosas, denúncias de exigência de gratificações nos embarques e problemas de segurança.
- Transferência da sede do IBC para Brasília e, finalmente, extinção deste.
- Altas taxas de ICMS. Em 1983, foi suspenso o convênio entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, o qual reduzia as alíquotas de ICMS.

Atualmente, o porto do Rio de Janeiro pratica tarifas competitivas com relação a seus concorrentes. Porém, os demais estados, em especial aqueles em que a produção e a comercialização de café constituem segmento tradicional, estão atentos às demandas da iniciativa privada, buscando maneiras de manter e estimular a atividade dentro dos próprios estados. A perda de competitividade do Porto do Rio de Janeiro parece estar relacionada com o sistema de tributação e dificuldades de transporte e armazenagem. Porém, existe um esforço dos exportadores e do transporte ferroviário para recuperarem parte do café de Minas Gerais transferido para os portos de Santos e de Vitória.

O interesse dos portos pelo café é, evidentemente, por se tratar de uma das cargas mais atraentes para os armadores. O frete de uma tonelada de café para a Europa ou para os Estados Unidos gera em torno de US\$ 100,00,

enquanto por uma tonelada de produtos siderúrgicos paga-se cerca de US\$ 20,00 (VIDOR, 1992).

3.1.8. Segmento Importador e Consumidor de Café

O consumo mundial de café está ligado a vários fatores, tais como nível de preço, crescimento da população e maior divulgação do produto com a conseqüente popularização de seu hábito.

Visando entender melhor a cadeia agroindustrial do café, este tópico examina o comportamento recente da demanda mundial de café e o comportamento dos preços nos principais países consumidores.

A evolução das importações mundiais de café acompanhou o crescimento das importações totais apresentado pelo comércio mundial. Em 1960, as importações mundiais de café somaram 42,4 milhões de sacas; no início dos anos 70, evoluíram para uma média de 53 milhões de sacas (MALTA e MILANEZ NETO, 1973). Atualmente, as importações de café situam-se em torno de 75 milhões de sacas, conforme apresentado no Quadro 15, que mostra o comportamento atual da demanda mundial por tipos de café.

A demanda por café tem sido crescente nos países orientais. Apesar de o chá ser a bebida mais comum na China, o consumo de café tem aumentado sensivelmente, tanto que a Maxwell House, uma unidade da empresa americana General Foods, já instalou uma torrefadora na província sulista de Guangdong. Se o hábito de "beber café" for bem aceito nesse país, com seus 1,2 bilhão de habitantes, o mercado chinês poderia absorver todo o café produzido na América Latina.

QUADRO 15 - Consumo Aparente, por Tipos de Cafe, no Período de 1986 a 1992 (em 1.000 scs.60 kg)

MERCADO CONSUMIDOR DE CAFÉ	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	Var.% 92/86
EUA								
Suaves Colomb.	3.100	3.000	2.700	2.800	3.100	3.200	3.700	19,4
Outros suaves	8.800	8.400	5.600	8.800	8.400	8.000	7.700	-12,5
Brasil.+ O.Aráb.	2.700	4.200	4.500	4.700	3.800	4.600	4.100	51,9
Robustas	4.500	3.400	3.500	3.500	3.800	3.000	3.500	-22,2
Total	19.200	18.900	16.300	19.800	19.000	18.800	18.900	-1,6
Japão								
Suaves colomb.	800	800	800	800	1.200	1.000	1.200	50,0
Outros suaves	1.200	1.200	1.100	1.300	1.200	1.300	1.100	-8,3
Brasil.+ O.Aráb.	1.200	1.400	1.500	1.500	1.300	1.500	1.600	33,3
Robustas	1.300	1.500	1.600	1.700	1.700	1.800	1.500	15,4
Total	4.500	5.000	4.900	5.200	5.300	5.600	5.400	20,0
U.E.*								
Suaves colomb.	7.700	8.100	6.200	6.800	8.600	8.300	8.900	15,6
Outros suaves	5.700	6.000	6.600	6.300	7.100	6.900	6.600	15,8
Brasil + O.Aráb.	5.000	6.600	7.000	6.800	6.300	5.500	6.400	28,0
Robustas	10.000	9.500	10.400	11.300	12.100	12.000	11.400	14,0
Total	28.400	30.200	30.200	31.000	34.100	32.600	33.300	17,3
Merc. Mundial								
Suaves colomb.	14.500	14.900	12.800	13.700	16.200	15.600	16.900	16,6
Outros suaves	19.200	19.500	18.300	21.400	20.700	19.700	18.800	-2,1
Brasil.+ O.Aráb.	12.100	17.300	17.300	17.600	15.700	16.300	17.000	40,5
Robustas	20.000	18.200	21.100	22.700	23.400	23.500	22.300	11,5
Total	65.900	69.900	69.500	75.500	75.900	75.200	75.000	13,8

* União Européia.

Fonte: F.D. & F.Man/Coffee Business.

Observa-se, neste quadro, que **os** Estados Unidos desfrutam posição destacada entre **os** países consumidores de café, pois importam e consomem cerca de 19 milhões de sacas anuais. Visto que, no período analisado (1986 a 1992), a demanda por tipo de café foi bastante modificada, verifica-se que, nos últimos anos, a demanda encontra-se estabilizada de quantidade total consumida, porém com grandes mudanças **no** sentido de consumir cafés de melhores qualidades.

O café robusta, considerado de baixa qualidade, sofreu redução de 22,2% em sua demanda. **Os** outros suaves, produzidos pelos países da América Central, também decresceram em uma magnitude de 12,5%. Por outro lado, a demanda pelo arábica brasileiro e outros arábicas cresceu 51,9%, isto se deve, principalmente, à boa aceitação do café, expressa pelos americanos. Outro café de qualidade, bem consumido no mercado norte-americano, é o suave colombiano, cuja demanda cresceu 19,4%.

Os EUA oferecem um enorme potencial de consumo, explicável não somente pela aceitabilidade que o café conseguiu, mas também pelo bom desempenho de sua economia e pela conseqüente melhoria do seu nível de bem-estar econômico e social.

Outro grande mercado consumidor de café é o bloco dos países que compõem a União Européia (U.E.), mercado altamente dinâmico, constituído por nações desenvolvidas e com crescente melhoria nos padrões de bem estar social. **No** período de 1986 a 1990, o consumo total de café cresceu 17,3%, **os** arábicas não-lavados apresentaram melhor desempenho (28,0%); **os** cafés suaves, um crescimento em torno de 16,0%; e o café robusta, um crescimento de 14,0% na sua demanda no mercado europeu.

Nos últimos anos, o mercado japonês tem sido o mais dinâmico de todos **os** mercados consumidores de café. No

final da década de 60, o Japão importava menos de 800 mil sacas de café por ano. Atualmente, importa acima de cinco milhões de sacas por ano. No período analisado, os suaves colombianos tiveram o melhor desempenho (50,0%); os arábicas não-lavados, um crescimento de 33,3%; e o café robusta, 15,4%. Por outro lado, os outros suaves decresceram 8,3%.

No geral, em relação ao mercado internacional, o consumo cresceu 13,8%, no período de 1986 a 1992. O consumo de café arábica brasileiro e outros arábicas destacou-se com um crescimento de 40,5%; suaves colombianos, de 16,6%; e robustas, de 11,5%. Para o tipo outros suaves, a demanda comportou-se em sentido oposto, apresentou decréscimo de 2,1%.

QUADRO 16 - Origens das Importações de Café dos Estados Unidos - (jan./dez.91 e 92) - 1.000 scs. 60 kg

Países	1992				1991			
	Grão	Tor.	Sol.	Total	Grão	Tor.	Sol.	Total
Brasil	5.334,5	8,0	380,4	5.722,9	4.252,9	6,3	617,7	4.876,9
Colômbia	3.048,2	26,8	50,9	3.125,9	4.852,3	21,5	35,4	4.909,2
México	2.992,9	46,5	5,8	3.045,2	3.041,8	37,7	2,7	3.082,2
Guatemala	1.489,4	4,0	--	1.493,4	1.812,3	2,0	0,7	1.815,0
El Salvador	868,2	4,2	--	812,4	1.343,8	0,5	2,5	1.346,8
Equador	785,3	2,5	29,3	817,1	752,7	1,9	28,3	782,9
Peru	609,5	0,3	--	609,8	525,8	0,1	--	525,9
Costa Rica	602,8	1,8	--	604,6	254,0	6,4	--	260,4
Tailândia	602,7	--	--	602,7	926,1	--	--	926,1
Indonésia	536,2	1,1	--	537,3	581,4	0,4	--	581,8
Rep. Dominic.	343,5	0,1	0,4	344,0	254,0	6,4	--	260,4
Uganda	287,1	0,1	--	287,2	233,0	0,1	--	233,1
Honduras	243,1	0,3	0,2	243,6	669,7	0,1	--	669,8
Índia	82,0	6,0	11,0	99,0	162,8	3,7	3,3	169,8
Subtotal	17.825,4	101,7	478,0	18.405,1	19.662,6	87,0	690,6	20.440,2
Outros	1.023,6	140,2	268,4	1.432,2	2.010,3	140,6	343,8	2.458,7
Total geral	18.849,0	241,9	746,4	19.837,31	21.672,9	227,6	1.034,4	22.934,9
V.T.US\$milhões	1.735,4	47,6	75,0	1.858,0	1.566,3	45,3	93,5	1.705,1

Fonte: United States Department of Agriculture (USDA) - World Coffee Situation - jun./93.

O Quadro 16 mostra as origens de cada tipo de café importado pelos Estados Unidos, nos anos de 1991 e 1992.

O Brasil é o principal fornecedor de café em grãos, em média, 4,8 milhões de sacas e de café solúvel, equivalente a 500 mil sacas, para o mercado dos EUA. Nota-se que as importações de café solúvel brasileiro reduziram de 617,7 mil sacas, em 1991, para 380,4 mil sacas, em 1992. Outros países importantes fornecedores de café para os EUA são Colômbia, cerca de 4,1 milhões de sacas, e o México, em média, 3,1 milhões de sacas, sendo o país que consegue exportar mais café torrado e moído para os EUA.

Observa-se que os Estados Unidos importaram 22,9 milhões de sacas em 1991, das quais 21,7 milhões foram de café em grãos, 1.034 mil sacas de café solúvel e 227 mil sacas de torrado e moído. Em 1992, houve ligeiro decréscimo nas importações, porém obedecendo as mesmas proporções com relação à forma de café.

O Quadro 17 mostra a capacidade operante das indústrias torrefadoras de café dos EUA. Ainda que este país não produza café, reconhece-se o papel estratégico traçado ao longo dos anos, no sentido de não importar café industrializado para proteger a indústria nacional.

Observa-se que, no segmento industrial, só o torrefador é responsável pelo processamento de cerca de 18,0 milhões de sacas de café, por ano. Para processar essa quantidade de café, necessita-se de infra-estrutura elevada e de grande número de mão-de-obra empregada, tanto direta como indiretamente. Em virtude de o setor do café desenvolver outros setores da economia, a economia cafeeira tem papel importante na economia dos EUA.

O consumo de café nos EUA tem sido decrescente nas últimas décadas. Ao mesmo tempo que a população vem aumentando, as importações de café vem diminuindo. Em 1963, as importações de café foram de 23,9 milhões de sacas; em

QUADRO 17 - Torrefação de café nos EUA, de 1985 a 1993 -
1.000 scs.60 kg *

Mês	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Jan.	1.535	1.800	1.625	1.675	1.800	1.820	1.875	1.800	1.725
Fev.	1.435	1.400	1.345	1.355	1.442	1.516	1.525	1.470	1.560
Mar	1.365	1.170	1.290	1.242	1.315	1.364	1.370	1.190	1.345
Abr.	1.327	1.103	1.336	1.130	1.201	1.288	1.335	1.260	1.246
Mai	1.314	1.235	1.450	1.310	1.375	1.412	1.445	1.267	
Jun.	1.034	990	1.156	1.140	1.230	1.288	1.322	1.285	
Jul.	1.300	1.110	1.140	1.167	1.155	1.115	1.228	1.260	
Ago.	1.480	1.602	1.575	1.343	1.370	1.488	1.550	1.440	
Set.	1.304	1.465	1.433	1.300	1.470	1.495	1.500	1.360	
out.	1.546	1.550	1.666	1.560	1.625	1.533	1.584	1.595	
Nov.	1.725	1.510	1.585	1.575	1.583	1.590	1.674	1.536	
Dez	1.977	1.665	1.619	1.895	1.800	1.994	1.945	1.857	
Total	17.372	16.600	17.220	16.692	17.366	17.903	18.353	17.320	

* equivalente a café em grão.

Fonte: Coffee Business (1993), Elaborado pelo Autor.

O Quadro 18, por exemplo, mostra o comportamento do consumo per capita de bebidas nos EUA.

QUADRO 18 - Consumo Per Capita de Bebidas nos EUA - Galão
(3,78 l/ano)

Item	1970	1975	1980	1985	1988	1989	1990	1991	1992	Var% 92/70
Refrigerantes	22,7	26,3	34,2	40,8	46,1	46,7	47,7	47,8	48,0	111,5
Café	35,7	33,0	27,2	26,8	26,5	26,4	26,4	26,5	26,1	-26,9
Cerveja	18,5	21,6	24,3	23,8	23,7	23,6	24,1	23,3	23,1	24,9
Leite	22,8	21,8	20,6	19,8	19,4	19,6	19,4	19,4	19,2	-15,8
Chá	5,2	7,3	7,3	7,3	7,4	7,2	7,0	6,7	6,8	30,8
Água engarraf. sucos	--	1,2	2,7	5,2	7,2	8,1	9,2	9,6	9,9	--
Bebidas em pó	6,5	6,8	6,9	7,4	7,1	6,8	6,2	6,4	6,6	1,5
vinho	--	4,8	6,0	6,3	5,3	5,4	5,7	5,9	5,6	--
Beb.Destiladas	1,3	1,7	2,1	2,4	2,2	2,1	2,0	1,9	1,8	38,5
	1,8	2,0	2,0	1,8	1,5	1,5	1,5	1,4	1,3	-27,8

Fonte: Coffee Business (1993).

Observa-se que o consumo per capita de café decresceu 26,9%, no período de 1970 a 1992. Para este mesmo período, o consumo per capita de refrigerantes aumentou 111,5% e de chá cresceu 30,8%. Outras bebidas que também apresentaram crescimento foram: cerveja (24,9%), vinho (38,5%) e sucos (1,5%).

O Quadro 19 mostra a formação de preço composto da OIC, que tem sido a base do preço de importação de café pelos EUA.

QUADRO 19 - Preço indicativo composto da OIC (US\$ cents por libra-peso)

Ano/ mês	Jan.	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out.	Nov.	Dez.	Média anual
1981	125,14	121,12	120,88	121,34	117,50	99,08	104,43	107,97	108,28	117,67	124,60	122,64	115,89
1982	124,43	134,30	129,01	124,01	120,56	121,14	115,92	117,45	122,78	128,84	130,17	131,33	125,00
1983	127,24	124,35	123,14	123,00	125,82	123,80	124,20	124,93	127,11	135,52	136,95	139,72	127,98
1984	138,32	141,11	143,18	143,89	148,36	145,43	141,01	143,13	141,85	135,99	138,14	133,89	141,19
1985	135,46	133,30	132,36	132,02	131,87	131,04	120,68	119,96	118,78	125,93	140,91	174,84	133,10
1986	204,02	195,11	204,23	191,73	176,92	151,14	149,12	154,38	181,45	163,21	149,42	130,41	170,93
1987	118,39	115,52	100,81	104,33	111,45	101,59	96,17	98,38	104,93	111,45	115,53	115,14	107,81
1988	115,07	120,76	117,75	116,31	116,35	118,72	113,65	107,11	113,80	113,92	114,03	124,06	115,96
1989	126,69	118,04	117,36	117,55	115,89	104,52	76,67	69,05	69,23	61,10	62,07	61,90	91,67
1990	62,73	67,01	75,25	75,34	73,30	69,91	68,36	74,10	75,55	73,89	70,10	72,83	71,53
1991	69,39	70,55	72,47	71,45	67,47	65,58	64,31	63,38	66,86	62,83	64,30	63,07	66,81
1992	61,12	55,51	56,48	53,64	49,27	48,13	48,70	45,89	47,11	52,88	57,49	64,00	53,35
1993	58,14	57,32	54,76	51,38	54,18								55,16

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC, 1993).

Observa-se que, no período analisado (1981/92), o preço foi crescente até 1986, chegando a 170,9 centavos de dólar por libra-peso. A partir daí, o preço sofreu forte queda, chegando a 53,4 cents de dólar por libra-peso, em 1992.

O Quadro 20 mostra o comportamento dos preços de café torrado e moído no mercado atacadista dos EUA.

QUADRO 20 - Preço do Café Torrado/Moído no Mercado Atacadista - US\$ cents por libra-peso (453 g)

Ano/ mês	Jan.	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média anual
1982	244,5	248,0	249,9	251,1	249,6	248,5	248,4	241,2	241,2	248,8	250,7	255,0	249,1
1983	253,9	254,4	255,7	252,8	252,1	252,8	253,0	252,5	252,4	254,1	256,1	259,3	254,1
1984	262,7	261,3	266,5	268,2	271,7	269,7	274,6	273,6	274,0	214,4	275,6	215,1	211,1
1985	216,1	217,3	277,8	277,7	219,0	213,0	213,5	273,6	273,9	213,1	275,0	284,0	276,3
1986	334,5	351,5	361,1	361,6	368,9	313,9	366,5	358,0	352,6	350,9	347,7	347,6	351,3
1981	329,6	329,4	319,4	310,1	302,5	300,2	296,4	296,0	279,0	281,4	284,3	283,4	301,0
1988	286,1	281,2	292,8	295,6	295,2	295,7	287,4	288,5	289,4	292,4	288,1	288,8	290,6
1989	294,1	305,3	306,2	305,5	304,8	304,8	303,8	297,8	289,3	285,3	280,6	280,6	296,5
1990	219,8	216,1	215,9	211,6	277,1	218,2	218,2	219,0	218,1	275,6	282,8	282,8	218,5
1991	281,3	275,0	283,0	283,5	284,2	283,6	281,6	273,3	274,6	276,1	276,1	215,7	279,0
1992	215,2	215,1	275,1	214,9	273,8	213,2	268,1	266,4	264,2	261,9	262,0	262,6	269,4
1993	263,3	268,9	266,0	261,6	266,4								266,4

Fonte: Bureau of Labor Statistics, U.S. Department of Labor (1993).

Constata-se que, mesmo em um período de forte queda nos preços da matéria-prima café, o preço do café industrializado nos EUA, no atacado, permaneceu praticamente inalterado. Isso pode ser explicado pelo grande poder de formação de preços do segmento importador-torrefador dos EUA.

3.2. Margens de Comercialização do Café Brasileiro

O objetivo deste tópico é analisar o comportamento dos preços e das margens de comercialização do café brasileiro. Tomou-se os EUA como principal importador e consumidor mundial de café, para analisar o comportamento das margens ao longo do tempo, usando, para tal, o modelo de margem de comercialização com tendência. Para os demais países importadores de café, foram determinadas as margens em termos de valor agregado e apresentadas em análise tabular.

3.2.1. Comportamento de Preços e Margens do Café Brasileiro Exportado para os EUA

Estudou-se o comportamento dos preços do café brasileiro, nos segmentos de produtor, exportador e atacado dos EUA, no período de jan./82 a dez./92. Os preços recebidos pelos três níveis diferentes de mercado foram

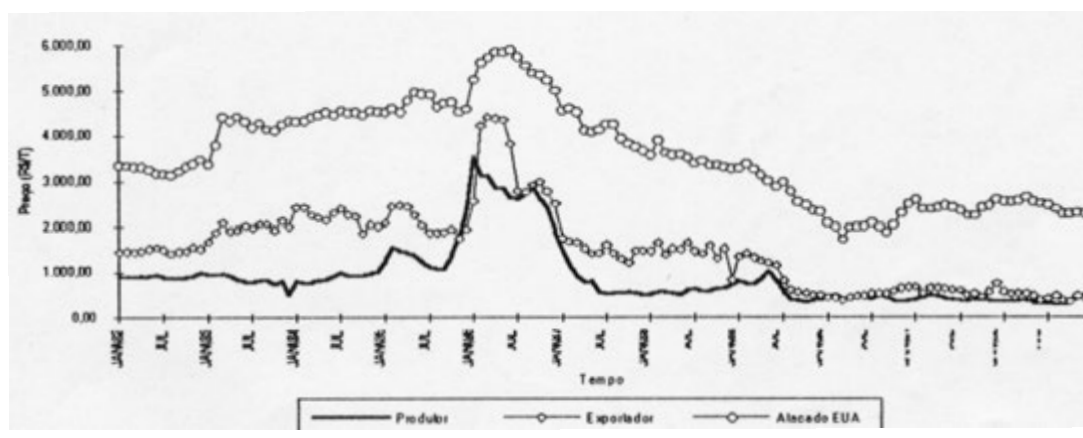


FIGURA 6 - Comportamento dos Preços de Café Brasileiro Exportado para os EUA, Período: Jan.82-Dez.92.

todos convertidos para a mesma moeda (Reais) e corrigidos, tendo por base março/94. As unidades de medida também foram todas convertidas para toneladas de café beneficiadas.

Observa-se que os preços de café apresentaram-se bastante instáveis no período considerado, e no segmento exportador verificou-se maior instabilidade. Observa-se, também, que o pico de preços para os três segmentos aconteceu no ano de 1986, em decorrência da forte seca de 1985, que trouxe forte redução na oferta de café.

A Figura 7 apresenta a evolução das margens de comercialização relativa nos segmentos de produtor e exportador brasileiros e atacado dos **EUA**. Foram determinadas as parcelas ou margens de comercialização relativa $[(\text{preço de venda} - \text{preço de compra}) * 100]$, expressas em porcentagens (%).

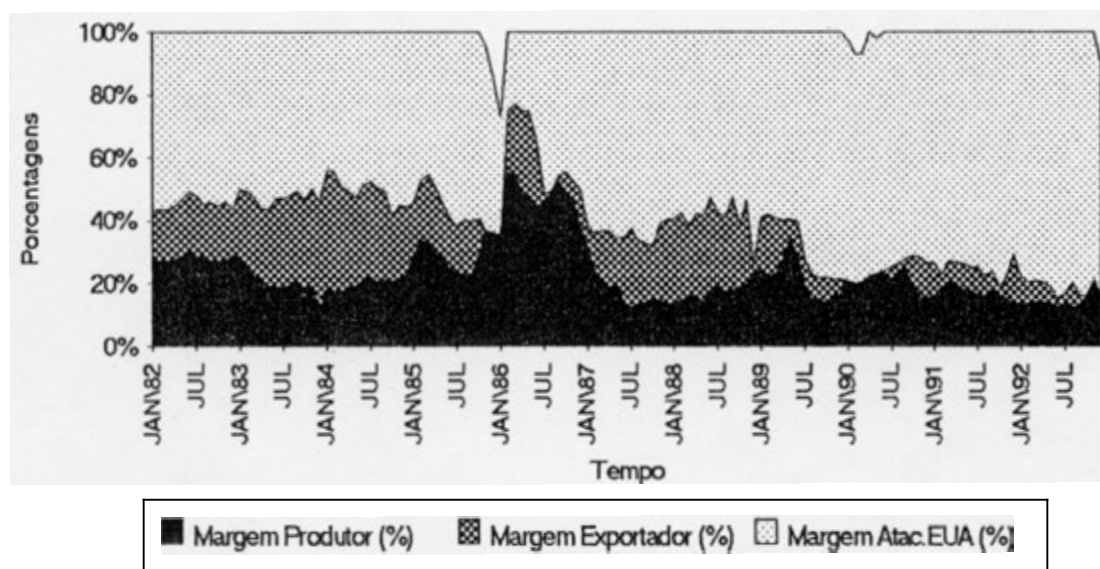


FIGURA 7 - Margens de Comercialização Relativa do Café Brasileiro. Período: Jan./82 a Dez./92.

Observou-se que a parcela do produtor, no geral, apresentou-se decrescente, visto que, no início da década de **80**, a parcela do produtor representava uma média de 30%. Com a seca prolongada de 1985 e previsão de grande redução na próxima safra cafeeira do Brasil, a partir de outubro de 1985, ocorreu forte crescimento nos preços do café, tendo a parcela do produtor atingido, aproximadamente, 50% durante o ano de 1986. Em 1987, sofreu forte queda, representando apenas 20%, em média, no início da década de 90.

O comportamento da margem de comercialização do exportador apresentou-se bastante instável no período analisado. No início da década de **80**, representava cerca de **12%**; em média, houve crescimento da margem do exportador, atingindo aproximadamente 30%, em 1984; a partir daí, houve acentuada redução, chegando inclusive a ser negativa no período compreendido entre nov./85 a jan./86. Esse comportamento atípico nas margens de comercialização do exportador brasileiro de café deveu-se, principalmente, ao rápido e elevado crescimento nos preços do café, em nível de produtor, visto que, nesse período, o exportador precisava cumprir os contratos futuros de venda de café. Outro fator desfavorável ao exportador foi a suspensão das quotas de contribuição do governo (confisco cambial); mediante esse instrumento, o governo efetuava os ajustes entre preços internacionais e remuneração do setor exportador. A suspensão dessa política foi no período de jan./85 a nov./86, quando vigorou o imposto de exportação (LOGATO, 1993). O governo, por meio do IBC, detinha o poder de controlar as margens do exportador, exercendo a política de cotas de contribuição, que era calculada entre o preço mínimo de registro convertido em cruzeiros e o preço da cambial de exportador.

A Figura 8 ilustra a margem de comercialização do exportador negativa, para alguns meses, no período analisado.

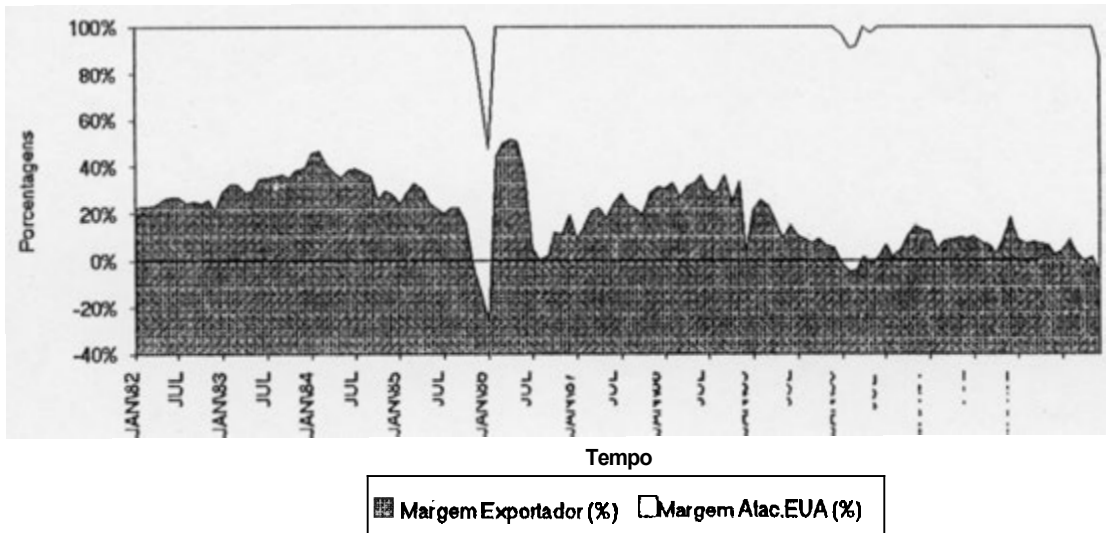


FIGURA 8 - Margem de Comercialização do Exportador Negativa, para Alguns Meses.

A partir de 1986, as margens de comercialização dos exportadores continuaram inconstantes, apresentaram-se crescentes em 87 e 88, decrescentes em 89 e 90, e negativas no período de jan./90 a mar./90, em razão das fortes quedas nos preços internacionais do café, resultante do fim do AIC, que provocou desova de estoques no mercado externo.

O comportamento das margens de comercialização do atacadista dos EUA apresentou-se crescente no período analisado. No início da década de 80, a margem do atacadista dos EUA girava em torno de 50%, em média; em 1986, decresceu para uma média de 35%; e, a partir de 1987, apresentou-se crescente, alcançando uma média de 75%, no início da década de 90.

3.2.2. Análise Econométrica: Tendências nas Margens do Café Exportado para os EUA

Nesse subitem, mediante análise econométrica, procurou-se verificar se as tendências observadas nas margens de comercialização (Figuras 7 e 8), de fato, são confirmadas estatisticamente.

Achou-se por bem apresentar a análise econométrica das margens para cada segmento. Para isso, foram determinadas três equações, sendo todas bem ajustadas, apresentando bons resultados para coeficiente de determinação múltipla (R^2) e teste F. Pelo teste "t" verificou-se a hipótese de que determinado coeficiente estimado seja diferente de zero. A variável Dummy (D) assumiu valores não-nulos, a partir de janeiro de 1986, o que se justifica pela forte elevação dos preços do café em decorrência da seca prolongada de 1985.

3.2.2.1. Margem Produtor/Atacado-EUA

Na estimação dos parâmetros das margens de comercialização, utilizou-se o método de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Foi detectada autocorrelação, uma vez que o valor d' do teste Durbin-Watson, igual a 0,3429, evidenciou a presença de correlação serial positiva nos resíduos. Para correção, foi adotado o procedimento estatístico, utilizando a metodologia Cochrane-Orcutt.

Após a correção, a equação estimada foi:

$$P_p = a_0 + \alpha_1 P_a + \alpha_2 T + \alpha_3 D + a_4 D1 + u_t$$

$$P_p = 537,43 - 0,007 P_a + 22,387 T + 3887,700 D - 55,457 D1$$

(0,7100) "" (-0,0795) "" (1,3930) (3,5220) (-2,4760)

$$\text{Para } D = 0: P_p = 537,43 - 0,007 P_a + 22,387 T$$

Para $D = 1$: $P_p = 4425,13 - 0,007 P_a - 33,070 T$
 em que

P_a = Preço do atacadista (EUA); $R^2 = 0,9641$
 P_p = Preço do produtor; $F = 31,5578$
 T = Tendência; u = termo de erro aleatório; $d' = 1,1765$
 d' = Durbin-Watson $D1 = D * T.$
 ns = não-significativo, a 10%; $D = Dummy$

A variável tendência foi significativa, a $P < 10\%$ de probabilidade. O coeficiente α_2 apresentou sinal positivo para o primeiro período e sinal negativo para o segundo período. Isso indica que a margem de comercialização do atacadista dos EUA, em relação ao preço recebido pelo produtor brasileiro, apresentou-se decrescente, no período de 1982 a 1985; e crescente, no período de 1986 a 1992.

3.3.2.2. Margem Produtor/Exportador

A estimativa dos parâmetros da equação foi feita pelo Método de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Foi detectada autocorrelação, que foi corrigida pelo procedimento de Cochrane-Orcutt.

Os resultados a que se chegou foram:

$$P_p = \beta_0 + \beta_1 P_e + \beta_2 T + \beta_3 D + \beta_4 D1 + u,$$

$$P_p = 418,74 + 0,065 P_e + 20,421 T + 3626,200 D - 51,000 D1$$

(0,6305) (1,3480) (1,3210) (3,4900) (-2,3960)

Para $D = 0$: $P_p = 418,74 + 0,065 P_e + 20,421 T$

Para $D = 1$: $P_p = 4044,94 + 0,065 P_e - 30,579 T$

em que

P_e = Preço de exportação;	$R^2 = 0,9646$
P_p = Preço do produtor;	$F = 26,0613$
T = Tendência; u = termo de erro aleatório;	$d' = 1,1985$
d' = Durbin-Watson	$D1 = D * T.$
ns = não-significativo, a 10%;	$D = Dummy$

A variável tendência foi significativa, a $P < 10\%$ de probabilidade. O coeficiente β_2 apresentou sinal positivo para o primeiro período e sinal negativo para o segundo período. Isso indica que a margem de comercialização do exportador em relação ao preço recebido pelo produtor apresentou-se decrescente, no período de 1982 a 1985; e crescente, no período de 1986 a 1992.

Apesar de a margem de comercialização do exportador de café ter-se apresentado bastante instável em vários períodos, aparentemente, esses resultados parecem incoerentes com aqueles apresentados na Figura 7. No entanto, deve-se observar que o segundo período inicia-se em janeiro de 1986, época em que a margem do exportador encontrava-se negativa e os preços para o produtor estavam bastante elevados. Logo em seguida, houve forte crescimento da margem do exportador, portanto, ao longo do segundo período, a margem de comercialização do exportador apresentou tendência de crescimento.

3.3.2.3. Margem Exportador-Brasil/Atacadista-EUA

Utilizou-se a mesma metodologia na estimação dos parâmetros. O problema de autocorrelação também foi corrigido pelo procedimento de Cochrane-Orcutt.

A regressão ajustada foi a seguinte:

$$P_e = \delta_0 + \delta_1 P_a + \delta_2 T + \delta_3 D + \delta_4 D1 + u,$$

$$Pe = -917,81 + 0,743 Pa - 8,938 T - 99,974 D + 7,028 D1$$

$$(-2,2950) \quad (7,2540) \quad (-1,2570) \quad (-0,1842)''' \quad (0,6523)'''$$

$$\text{Para } D = 0: Pe = -917,81 + 0,743 Pa - 8,938 T$$

$$\text{Para } D = 1: Pe = -1017,78 + 0,743 Pa - 1,910 T$$

em que

Pa = Preço do atacadista (EUA);	$R^2=0,9473$
Pe =Preço do exportador;	$F=26,0421$
T = Tendência; u = termo de erro aleatório	$d'=1,8167$
d' = Durbin-Watson	D1 = $D * T$.
ns = não-significativo, a 10%;	D = Dummy

A variável tendência foi significativa, a $P < 10\%$ de probabilidade. O coeficiente δ_2 apresentou sinal negativo tanto para o primeiro período como para o segundo período. Isso indica que a margem de comercialização do atacadista dos EUA, em relação ao preço recebido pelo exportador brasileiro, apresentou-se crescente. No período de 1982 a 1985, a margem do atacadista dos EUA cresceu a magnitudes maiores ($\delta_2 = -8,9$), enquanto o coeficiente da tendência foi de $-1,9$, para o período de 1986 a 1992. Isso prova que a margem de comercialização do exportador brasileiro em relação à margem do atacadista dos EUA foi decrescente para os dois períodos analisados.

A análise estatística das margens de comercialização do café brasileiro, nos segmentos de produtores, exportadores e atacado nos EUA, nos períodos de 1982 a 1985 e de 1986 a 1992, apresentou-se coerente com a análise descritiva feita anteriormente.

3.3.3. Margens de Comercialização de Café nos Principais Mercados Consumidores

Esse tópico analisa o comportamento dos preços e das margens de comercialização do segmento importador da cadeia agroindustrial do café. O objetivo é analisar esse setor, com relação aos preços de importação do café em grão, preço do café industrializado e valor agregado. A partir do valor agregado, podem-se verificar as magnitudes e o comportamento das margens de comercialização das indústrias processadoras, nos diferentes países.

O Quadro 21 mostra o comportamento das margens de comercialização do mercado de café, nos principais países importadores membros da OIC. Preço do café em nível de varejo, valor unitário de importação (CIF) de café em grãos e valor agregado pelos países importadores.

As margens *são* calculadas em termos absolutos (centavos de dólar, por libra-peso). **São** preços correntes de outubro a setembro de 1985/86 a 1990/91. O item A corresponde ao preço do café torrado a varejo de cada país; o item B indica o valor unitário de importação (CIF) de cada país; e o item C corresponde ao valor bruto agregado **ou** à margem de comercialização absoluta entre **os** dois segmentos (A-B). O valor apresentado no item C não é exatamente igual à diferença dos itens anteriores, em razão de o item B ter de ser multiplicado **por** um fator de conversão igual a 1,19 para café torrado e moído, e por um fator de 2,6 do café em grãos, equivalente a café solúvel.

QUADRO 21 - Mercado de Café nos Principais Países Importadores Membros da OIC. Preço em Termos Correntes, de out.-set. de 1985/86 a 1990/91 (centavos de dólar por libra peso)

	1985/86	1986/87	1987/88	1988/89	1989/90	1990/91
I) Todos os Países Importadores, Membros da OIC						
A) Preço café torrado, a varejo	430,3	448,9	425,4	413,8	409,1	421,2
B) Valor unitário de importação (CIF)	168,7	134,0	118,5	118,1	78,4	78,9
C) Valor bruto Agregado (A-B)	229,5	289,4	284,4	273,3	315,8	327,3
II) Estados Unidos						
A) Preço café torrado, a varejo	328,6	305,2	281,9	305,6	296,3	288,5
B) Valor unitário de importação (CIF)	164,2	122,0	114,6	105,3	72,7	74,7
C) Valor bruto agregado (A-B)	133,2	160,0	145,5	180,2	209,8	199,6
III) Bélgica/Luxemburgo						
A) Preço café torrado, a varejo	408,5	386,0	335,9	332,2	320,6	303,9
B) Valor unitário de importação (CIF)	172,7	140,4	118,8	124,3	82,9	80,4
C) Valor bruto agregado (A-B)	203,0	218,9	194,5	184,2	221,9	208,2
IV) Dinamarca						
A) Preço café torrado, a varejo	451,0	455,6	404,6	385,9	372,5	373,9
B) Valor unitário de importação (CIF)	175,3	132,0	111,2	115,5	74,0	79,1
C) Valor bruto agregado (A-B)	242,4	288,5	272,3	248,4	284,5	279,8
V) França						
A) Preço café torrado, a varejo	310,1	325,9	283,8	266,1	276,6	266,7
B) Valor unitário de importação (CIF)	157,2	128,3	109,6	107,2	70,3	68,4
C) Valor bruto agregado (A-B)	123,0	173,2	153,3	138,5	192,9	185,3
VI) Alemanha						
A) Preço café torrado, a varejo	491,3	519,3	463,3	439,9	443,4	435,0
B) Valor unitário de importação (CIF)	177,1	148,9	124,8	131,5	86,0	84,9
C) Valor bruto agregado (A-B)	280,6	342,1	314,8	283,4	341,0	333,9
VII) Itália						
A) Preço café torrado, a varejo	410,0	502,8	485,7	454,2	508,7	
B) Valor unitário de importação (CIF)	160,2	143,9	116,4	115,0	81,7	76,4
C) Valor bruto agregado (A-B)	219,4	331,5	347,2	317,4	411,4	

Continua...

QUADRO 21, Cont.

	1985/86	1986/87	1987/88	1988/89	1989/90	1990/91
VIII) Holanda						
A) Preço café torrado, a varejo	372,3	352,5	320,7	302,3	299,4	
B) Valor unitário de importação (CIF)	175,4	137,1	124,0	127,0	85,6	86,2
C) Valor bruto agregado (A-B)	163,6	189,4	173,1	151,2	197,5	
IX) Espanha						
A) Preço café torrado, a varejo	364,8	430,9	392,2	313,5	345,0	
B) Valor unitário de importação (CIF)	163,8			99,9	67,6	
C) Valor bruto agregado (A-B)	169,8	288,8	272,6	194,6	264,6	69,1
X) Reino Unido						
A) Preço café solúvel, a varejo	945,8	994,6	1056,5	1054,7	1028,7	1066,8
B) Valor unitário de importação (CIF)	169,4	130,3	120,0	118,5	74,7	78,2
C) Valor bruto agregado (A-B)	505,3	665,8	744,6	746,5	834,6	863,4
XII) Finlândia						
A) Preço café torrado, a varejo	341,7	371,3	314,7	307,0	294,9	283,6
B) Valor unitário de importação (CIF)	197,5	144,3	130,1	143,6	91,0	96,3
C) Valor bruto agregado (A-B)	106,6	199,5	159,8	136,2	186,6	169,0
XIII) Japão						
A) Preço café torrado, a varejo	954,4	1005,9	1059,5	1032,6	921,6	1008,5
B) Valor unitário de importação (CIF)	179,8	134,2	123,4	130,8	85,0	86,3
C) Valor bruto agregado (A-B)	740,5	846,2	912,6	877,0	820,5	905,9
XIV) Suécia						
A) Preço café torrado, a varejo	458,7	402,2	369,3	369,6	339,1	337,2
B) Valor unitário de importação (CIF)	187,7	141,0	130,6	134,9	84,0	93,5
C) Valor bruto agregado (A-B)	235,4	234,4	213,9	236,1	239,1	225,9

Nota: O valor bruto agregado refere-se à diferença entre o preço do café torrado no varejo e o valor unitário de importação (CIF) do café em grãos, equivalente de café torrado usando 1,19, como fator de conversão, e 2,6 para café solúvel.

Fonte: Organização Internacional do Café, FAX recebido em 02/11/93. Elaborado pelo Autor.

Observou-se o comportamento dos preços para todos os países importadores membros da OIC e verificou-se que o valor unitário de importação (CIF), que corresponde ao preço pago aos países produtores, mais frete, seguros e custos portuários, reduziu-se, drasticamente, de 168,7 para 78,9 centavos de dólar por libra-peso, no período de 1985/86 a 1990/91. Para este mesmo período, a margem de comercialização das indústrias processadoras de café desses países aumentou de 229,5 para 327,3 centavos de dólar por libra-peso.

O comportamento das margens no mercado de café dos Estados Unidos é semelhante ao comportamento das margens no agregado. As margens de comercialização das indústrias americanas de café torrado e moído aumentaram de 133,2 para 200,0 centavos de dólar por libra-peso (Quadro 26).

Para Bélgica-Luxemburgo, o comportamento do valor unitário de importação (CIF) foi parecido com o agregado, no entanto, a margem de comercialização da indústria processadora aumentou em magnitude bem menor. Isto se deve, principalmente, ao fato de as margens já serem elevadas, acima de US\$ 2,00 por libra peso, e também da redução do preço do café no varejo, que decresceu de 408,5 para 303,9 centavos de dólar por libra peso.

Os preços no mercado de café da Dinamarca também comportaram de maneira semelhante ao comportamento desses no agregado. A margem do segmento processador, que já era elevada, subiu de 242,4 para 280,0 centavos de dólar por libra-peso. A França teve comportamento semelhante na evolução dos preços.

Outro país importante no consumo de café é a Alemanha; o consumidor alemão paga, em média, US\$ 5,00 por libra-peso. O valor unitário de importação (CIF) decresceu de 177,1 para 84,9 centavos de dólar por libra-peso, ao

mesmo tempo que a margem industrial cresceu de 280,6 para 333,9 centavos de dólar por libra-peso.

Na Holanda, Espanha, Finlândia e Suécia, **os** preços de café comportaram-se de maneira semelhante aos preços no agregado; preço de importação decrescente e valor bruto agregado crescente.

O Japão possui o preço do café torrado no varejo bastante elevado, acima de **US\$ 10,00** por libra-peso. É um mercado bastante dinâmico, **o** que mais aumentou seu consumo nas últimas décadas. Quando se analisa **o** comportamento dos preços de importação e de varejo, verifica-se elevada margem de comercialização apropriada pelo segmento industrial. O valor unitário de importação (CIF) decresceu de 179,8 para 86,3 centavos de dólar por libra-peso, enquanto a margem de comercialização do segmento processador e distribuidor aumentou de 740,5 para 905,9 centavos de dólar por libra-peso.

No Reino Unido, **o** mercado analisado é **o** do café solúvel, neste também se verifica que **o** valor unitário de importação foi decrescente, passando de 169,4 para 78,2 centavos de dólar por libra-peso. Nesse mesmo período, a margem de comercialização da indústria de café solúvel do Reino Unido cresceu de 505,3 para 863,4 centavos de dólar por libra-peso.

3.3. Alguns Indicadores da Competitividade do Café Brasileiro no Mercado Internacional

Para compreender **o** comportamento e **o** grau de competição entre **os** vários países exportadores de café no mercado mundial, faz-se necessária uma breve caracterização dos tipos de cafés produzidos e exportados. Embora a maioria dos estudos sobre economia cafeeira considere um

único tipo de café, sabe-se que existem diferentes tipos de café vendidos pelos vários países produtores, **os** quais se refletem na qualidade, nos preços e na preferência dos consumidores nos vários países do mundo.

O café comercializado no mundo compreende quatro grupos principais: Colombianos Suaves; Outros Suaves; Brasileiros e Outros Arábicos; e Robustas. **Os** três primeiros grupos pertencem à espécie *Coffea* arábica e o grupo dos Robustas ou Conillon pertence à espécie *Coffea canephora*.

Colombianos Suaves é um tipo de café arábica despulpado, produzido na Colômbia, Kenya e Tanzania. Outros Suaves também é um tipo de café arábica despulpado, produzido, principalmente, pelos países da América Central. O Grupo Brasileiros e Outros Arábicos é o café arábica não-despulpado, produzido no Brasil e em alguns países africanos, como a Etiópia. O Grupo Robusta é considerado de qualidade inferior e obtém um preço menor no mercado internacional, sendo produzido em alguns países da África, Ásia e também no Brasil. **A** demanda mundial pelo café robusta cresceu no decorrer das últimas décadas, com o aumento da industrialização do café solúvel.

O Brasil sempre ocupou, no mundo, a posição de maior produtor e maior exportador de café. **No** entanto, no decorrer deste século, houve grande queda da sua participação no comércio internacional dessa bebida. Responsável, no início do século, por mais de 70% das exportações mundiais, atualmente participa com cerca de 25%, tendo, em **1993**, exportado apenas 20,7% (FEBEC, 1994).

O café foi a principal fonte de divisas disponível para financiar o processo de industrialização do Brasil. **A** relevância da economia cafeeira para o País levou o governo a interferir no mercado, praticando a política de valorização do produto. Essas políticas tinham como

objetivo a manutenção de altos preços do café no mercado externo, visando garantir maior volume de moeda forte e estabilidade macroeconômica.

As políticas de valorização foram eficientes para manterem elevadas as cotações internacionais do café, embora atingindo objetivos apenas de curto prazo, ou seja, a manutenção de preços elevados no mercado de países concorrentes. Segundo Bacha (1992), quando sobrevinha a superprodução, ao invés de deixar os preços baixos eliminarem a concorrência nos mercados, o governo brasileiro, para não perder divisas, optava por fazer uma diferenciação entre os preços internos e os externos, de forma a reduzir os primeiros e não permitir quedas acentuadas nos últimos. Isto foi feito mediante taxações sobre as exportações e erradicação de cafezais. Como resultado, o Brasil diminuiu, gradativamente, sua participação relativa no mercado internacional de café.

A falta de uma política de incentivo à melhoria da qualidade e a ausência de uma política de marketing para promover o café brasileiro no exterior também prejudicaram o desempenho do café brasileiro. Tem sido crescente a demanda mundial por cafés de melhores qualidades, pois o consumidor tem se tornado cada vez mais exigente. Um exemplo disso tem sido a popularização do café expresso.

Outros fatores também contribuíram para a queda da participação do café brasileiro, como:

- Grande interferência do Acordo Internacional de Café (AIC), no sentido de reduzir as cotas de exportação do Brasil.
- A Convenção de Lomé, que estabeleceu tratamento privilegiado para importações provenientes de ex-colônias de países de baixa renda, África, Caribe e Pacífico, especialmente para produtos tropicais como café, cacau e açúcar.

— Proteção de alguns países produtores com problemas de drogas (Colômbia) e políticos (América Central), por parte dos países consumidores.

O Quadro 22 mostra as exportações mundiais de café arábica, nos últimos seis anos. Verifica-se a grande importância do Brasil e da Colômbia, que, juntamente, ainda exportam cerca de **53%** do total de café arábica.

Observa-se crescimento acelerado das exportações de café da Colômbia em relação às brasileiras. Outros países relevantes na pauta de exportação mundial de café arábica *são*: Guatemala, El Salvador, Costa Rica, México e outros. Quanto ao café robusta, o maior exportador é a Indonésia.

3.3.1. Comparação entre Brasil e Colômbia

Compara-se, inicialmente, o Brasil com a Colômbia, porque esses *são* responsáveis por mais da metade do café comercializado no mundo.

A economia colombiana tem sido fortemente dependente do café, visto que, na obtenção de divisas para o país, representava, no início da década de 80, cerca de **51%** das exportações e gerava 7% do PIB. Tem grande importância social, 700.000 empregos rurais, o equivalente a 17% dos trabalhadores agrícolas e 5% da força de trabalho total (TEIXEIRA et al., **1993**).

A produção de café na Colômbia ocupa cerca de 1.000.000 hectares, localizada na faixa de 900 a **1.400** metros de altitude, em condições ótimas de temperaturas e de pluviosidade. O solo possui alta fertilidade, porém o relevo é bastante inclinado e susceptível à erosão, dificultando a mecanização.

A Colômbia passou a adotar uma política cafeeira estável e consistente, nas últimas décadas. Enquanto o Brasil preocupava-se em aumentar a cotação do café via

QUADRO 22 - Exportações Mundiais de Café Arábica para Todos os Destinos (em 1.000 scs. 60 kg)

PAÍSES*	1987/88	1988/89	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93
Colômbia	9.111	10.271	13.738	12.212	15.467	14.523
Brasil	14.585	13.623	14.581	15.347	17.550	13.923
Guatemala	2.221	2.868	3.490	2.800	3.277	3.742
El Salvador	1.878	1.693	2.591	2.018	2.176	2.977
Costa Rica	1.954	2.157	2.377	2.410	2.275	2.603
Mexico	2.549	3.740	4.389	3.526	3.290	2.445
Honduras	1.224	1.464	1.734	1.427	1.800	1.897
Quênia	1.292	1.678	2.020	1.649	1.399	1.378
Etiópia	1.377	1.400	1.382	849	669	1.160
Peru	718	1.105	1.370	986	963	1.080
Papua N.Guiné	621	1.243	1.116	769	892	1.010
Tanzania	506	654	829	759	605	773
Índia	600	881	985	806	935	671
Burundi	488	559	533	655	599	572
Equador	598	1.009	1.152	862	543	570
Ruanda	492	616	805	601	573	513
Nicarágua	566	605	637	420	593	474
Rep. Dominicana	424	466	561	451	318	443
Venezuela	173	183	288	132	113	409
Indonésia	381	253	514	464	356	342
Uganda	59	79	91	170	178	301
Rep. Camarões	354	266	381	194	185	247
Haiti	290	227	191	182	143	163
Panamá	150	109	112	130	105	149
Malawi	52	43	125	87	132	117
Outros	916	891	1.180	871	775	472
Subtotal	42.663	47.192	55.992	49.906	55.136	52.482
Total Mundial	43.579	48.083	57.172	50.777	55.911	52.954

* Países com exportação superior a 100 mil scs., em 1992/93.

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC) - DOC - PR 158/1993.

redução da oferta e formação de grandes estoques, a Colômbia investia no marketing do produto, preocupava-se com a qualidade e em imprimir, nos grandes mercados consumidores, a imagem de que o "café colombiano" era o melhor do mundo.

O sistema administrativo da cafeicultura da Colômbia foi empreendido pela Federação Colombiana de Cafeicultores, em conjunto com o governo. Esse sistema teve sua atenção voltada para a defesa do produtor, visando aumentar sua competitividade e apoio ao exportador, para manter sua agressividade e aumentar sua participação no mercado externo. Essa política de apoio a economia cafeeira da Colômbia foi bastante eficiente nas últimas três décadas, uma vez que suas exportações cresceram em torno de 90% (MELO, 1993), um crescimento médio de 3% ao ano.

A Colômbia é o segundo maior produtor mundial de café, em média, 16 milhões de sacas por ano, nos anos de 1992 e 1993. As exportações de café da Colômbia vem competindo com o Brasil, pelo primeiro lugar. Considerando apenas as exportações do café arábica, verifica-se que, em 1992/93, a Colômbia exportou 14,5 milhões de sacas, contra 13,9 milhões de sacas do Brasil (Quadro 22).

O Quadro 23 mostra a situação da cafeicultura colombiana.

Observa-se, neste quadro, que a produção e a exportação de café da Colômbia cresceram em todo o período, sendo bastante aceleradas nos últimos três anos, enquanto o consumo interno e os estoques tiveram tendência decrescente nos últimos dez anos.

Enquanto o Brasil restringia sua oferta com o objetivo de elevar as cotações do café no mercado externo, a Colômbia aumentava suas áreas de plantio em busca de exportações maiores e buscava uma competitividade agressiva por meio de instrumentos reais de competição, como, por

QUADRO 23 - Estatísticas Colombianas de Café - Produção, Exportação e Estoques (1.000 sac. de 60 kg)

Ano/mês	Produção	Cons.Interno	Exportações	Est. Armaz.*	Est. Total
1984	11.562	1.622	10.198	11.493	12.175
1985	11.260	1.849	10.000	9.555	11.470
1986	10.712	1.969	11.381	8.890	9.834
1987	12.974	1.914	11.283	5.719	6.760
1988	11.861	1.878	9.788	7.306	8.255
1989	11.066	1.543	10.829	6.067	6.855
1990	14.083	1.276	13.944	5.927	6.769
1991	13.560	1.348	12.212	6.393	7.145
1992	16.813	1.346	15.467	7.643	8.484

* Estoques Armazenados nos Armazéns da Federação de Cafeteros
 Fonte: Federacion de Cafeteros da Colômbia, Carta Cafetera, N°5/mai/1993

exemplo, o forte investimento no marketing do seu café, principalmente no mercado europeu.

No mercado internacional, o café colombiano tem alcançado melhor cotação do que o brasileiro. O Quadro 24 mostra uma comparação entre os preços de exportação de café em grão do Brasil e da Colômbia.

QUADRO 24 - Comparação entre Brasil e Colômbia, Preço F.O.B., Valor Unitário da Exportação de Café em Grãos e Preços Pagos para os Produtores (centavos de US\$/libra peso)

DISCRIMINAÇÃO/ANO	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
I) Brasil							
A) Preço no Porto (FOB)	210,36	100,67	118,79	67,75	92,20	75,08	49,43
B) Valor unit. export.	169,00	88,70	98,60	55,90	73,34	64,78	45,23
C) Preço Pago aos Prod.	156,67	37,34	56,08	43,27	62,05	54,53	35,34
D) Diferença (A-B)	41,36	11,97	20,19	11,85	18,86	10,30	4,20
E) Diferença (B-C)	12,33	51,36	42,52	12,63	11,29	10,25	9,89
F) Diferença (A-C)	53,69	63,33	62,71	24,48	30,15	20,55	14,09
II) Colômbia							
A) Preço no Porto (FOB)	202,29	112,36	156,81	82,00	99,25	91,43	57,16
B) Valor unit. export.	176,99	101,48	130,77	78,74	85,96	83,04	53,17
C) Preço Pago aos Prod.	88,16	74,00	70,59	73,02	72,16	64,81	49,40
D) Diferença (A-B)	25,30	10,88	26,04	3,26	13,29	8,39	3,99
E) Diferença (B-C)	88,83	27,48	60,18	5,72	13,80	18,23	3,77
F) Diferença (A-C)	114,13	38,36	86,22	8,98	27,09	26,62	7,76

FONTE: Organização Internacional do Café (OIC), 1993.

Observa-se que *os* preços recebidos pelos produtores de café da Colômbia têm sido mais estáveis e superiores do que *os* recebidos pelos produtores do Brasil. A instabilidade de preço do café, no mercado internacional tem sido mais absorvida na Colômbia pelos intermediários e no Brasil, pelos produtores. No ano de 1986, em que o preço do café no mercado externo estava com alta cotação, a margem de comercialização dos intermediários colombianos atingiu 114,13 centavos de dólar por libra-peso, enquanto *os* intermediários brasileiros receberam 53,69 centavos de dólar por libra-peso. Em 1992, ano de pior cotação do café no mercado, a margem de comercialização dos intermediários colombianos reduziu, drasticamente, para 7,76 centavos de dólar por libra-peso (Quadro 29).

A queda do preço do café teve efeito em segmentos diferentes na cadeia dos dois países. No Brasil, o preço pago aos produtores reduziu 77,44%, passando de 156,67 para 35,34 centavos de dólar por libra-peso, enquanto na Colômbia o preço pago aos produtores reduziu 43,96%, passando de 88,16 para 49,40 centavos de dólar por libra-peso.

Em relação ao custo de produção, o Brasil é mais eficiente do que a Colômbia, apresentando custos de US\$ 71,36 e US\$ 97,05 por saca, respectivamente (Quadro 25). O custo brasileiro de formação, manutenção e colheita é menor do que o colombiano. Quanto ao custo de beneficiamento e classificação, o da Colômbia é US\$ 6/30 por saca, contra US\$ 10,37 por saca do Brasil.

3.3.2. Outros Países Competidores

A estimativa de custos de produção de café arábica de vários países está ilustrada no Quadro 25.

a) **Etiópia** - É o país que possui o menor custo de produção de café, sendo US\$ 58,73 por saca de 60 kg. É também o país de origem do café, cuja economia cafeeira tem sofrido grande interferência governamental e reflexos do seu sistema socialista.

Segundo BERTONE (1992), o café representava 60% da receita, e a crise da economia cafeeira fez com que o governo diminuísse impostos e concedesse subsídios diretos ao produtor e cooperativas. Sua produção encontrava-se em fase ascendente em 1990, com 3,3 milhões de sacos.

QUADRO 25 - Estimativa de Custos de Produção de Café (US\$ por saca de 60 Kg, em 1988)

PAISES	FORMAÇÃO	MANUTENÇÃO	COLHEITA	CLASSIFICAÇÃO	TOTAL
ETIOPIA	4,83	35,26	12,94	5,70	58,73
INDONÉSIA	4,93	30,65	21,79	5,25	62,61
UGANDA	3,38	38,28	18,59	4,28	64,50
DOMINICANA	5,34	29,93	26,94	9,15	71,36
BRASIL	5,03	36,38	20,85	10,37	72,64
SALVADOR	9,87	33,81	26,98	6,86	77,52
ÍNDIA	8,17	47,10	23,67	6,13	85,07
COSTA RICA	11,36	27,47	37,13	9,46	85,42
NICARÁGUA	20,30	36,74	20,04	8,68	85,76
HONDURAS	15,40	39,31	26,82	6,70	88,24
EQUADOR	6,90	56,49	16,61	8,25	88,25
CAMARÕES	9,06	56,36	17,19	6,34	88,95
GUINÉ	6,64	21,30	50,11	11,50	89,54
TANZANIA	7,25	62,66	16,74	4,28	90,93
GUATEMALA	11,68	43,43	32,98	8,25	96,34
COLÔMBIA	14,62	41,15	34,97	6,30	97,05
MÉXICO	7,30	49,60	34,61	8,65	100,16
ZAIRE	38,36	37,43	25,23	5,40	106,42

Fonte: "A world survey on coffee bean production costs" - Landel Mills - Commodities Studies. Elaborado pelo Autor.

b) **Indonesia** - É o país que apresenta o segundo menor custo de produção, sendo de US\$ 62,61 por saca de café arábica, apesar de a produção de arábica, neste país, representar apenas 10% da produção total.

A Indonésia é o maior produtor e exportador de café conillon e o terceiro maior produtor mundial de café. Segundo dados da OIC (1992), esse país exportou 6,17 milhões de sacas de café, em 1991. Após a suspensão das cláusulas econômicas do AIC, aumentou significativamente suas exportações. Sua cota, durante a vigência do acordo, era de 5,2%, o que representava menos de 50% de sua produção e gerava forte pressão de vendas junto a países importadores não-membros da OIC, visto que, em 1991, a exportação para esses países foi de 2,27 milhões de sacas (OIC, 1992).

Segundo BERTONE (1992), mais de 90% da produção de café da Indonésia vêm de três milhões de pequenos produtores que não dispõem de mecanismos de proteção. O produtor não investe na qualidade do produto, sendo pequena a utilização de insumos e de administração empresarial.

Nas últimas três décadas, segundo Mello (1993), o crescimento anual médio da cafeicultura da Indonésia atingiu 6,9%; foi o país que apresentou o melhor desempenho, nesse período.

c) Uganda - Possui o terceiro menor custo de produção de café arábica, de US\$ 64,50 por saca. O café representava 95% da receita de exportação da Uganda em 1986 e era responsável por 60% dos impostos recolhidos pelo governo.

Segundo BERTONE (1992), a política cafeeira da Uganda era muito centralizada, e a queda nos preços diminuiu a dependência do café e o mercado interno tornou-se mais livre com a diminuição do monopólio da CMB - "Coffee Marketing Board", instituição controlada pelo estado.

A produção ugandense apresenta tendência de queda. Suas exportações de café, em 1991, foram apenas de 2,10 milhões de sacas (OIC, 1993). O governo vem diversificando

os incentivos para exportação de outros produtos mediante financiamentos do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

d) El Salvador - É um dos países produtores de café arábica, tipo "outros suaves". Nesse tipo de café despulpado, é o país que possui menor custo de produção, de US\$ 77,52 por saca. Sua produção de café sofreu forte queda com a guerra civil. Em 1989, foi decretado o fim do monopólio estatal. As exportações de café desse país, que, no início da década de 80, giravam em torno de 3 milhões de sacas, decresceram para 2,15 milhões de sacas em 1991, conforme dados da OIC (1993).

e) Costa Rica - Seu custo de produção está em torno dos US\$ 85,42 por saca. Assim como todos os países da América Central, produz o café arábica tipo "outros suaves". Sua cafeicultura é bastante competitiva, e a queda nos preços do café não teve grande impacto nos produtores. Suas exportações estão em expansão; em 1991, exportou 2,40 milhões de sacas de café (OIC, 1993).

f) Guatemala - Possui custo de produção elevado, de US\$ 96,34 por saca. Nas últimas três décadas, houve crescimento anual médio de 2,6% (MELO, 1993); em 1991, exportou 2,83 milhões de sacas de café (OIC, 1993).

g) México - Também possui custo de produção elevado, em torno de US\$ 100,00 por saca. Foi um dos países que mais aumentou sua produção, e, nas décadas de 60,70 e 80, o crescimento anual médio foi de 4,2%; em 1991, exportou 3,53 milhões de sacas (MELO, 1993).

O México é o quarto maior produtor mundial de café. Após a suspensão das cláusulas econômicas do AIC, foi o país mais ágil e agressivo nas vendas de livre mercado.

3.3.3. O Brasil e o Acordo Internacional do Café (AIC)

O AIC foi um acordo que existiu desde 1962 até julho de 1989. Nesse acordo faziam parte países exportadores e importadores membros da OIC, à qual foi conferida poderes para regulamentar a atividade. Tentou-se equacionar o problema de excesso cíclico de produção mediante o estabelecimento de cotas para países produtores. O sistema de cotas esteve vigente de 1965 a 1972, suspenso de 1973 a 1980, novamente vigente de 1981 a 1985, novamente suspenso em 1986 e 1987, vigente em 1988 e 1989 e, finalmente, suspenso em julho de 1989 (CAIXETA et al., 1991).

O sistema de cotas, no início, foi razoavelmente bem sucedido em seus propósitos. Em 1975, a grande geada, no Brasil, reduziu fortemente a produção, o que provocou brusca elevação nas cotações internacionais. Como consequência, a produção mundial cresceu aceleradamente, suplantando a demanda por larga margem no início da década de 80, quando já se atravessava um novo ciclo de baixas cotações. Em 1981, a OIC implantou, novamente, o sistema de cotas para recuperar as baixas cotações. Esse objetivo foi ultrapassado, em 1985, por outro evento climático no Brasil, agora uma forte seca, que provocou rápida elevação nos preços, apesar de os efeitos da seca ser menos persistentes no tempo, de que os de uma geada como a de 1975, visto que, no ano seguinte, o Brasil produziu uma safra recorde (42,9 milhões de sacas beneficiadas). Essa superprodução, juntamente com a suspensão das cotas em 1985, foi responsável pela redução nas cotações que foram reintroduzidas no final de 1987 e vigoraram até 1989, quando o excesso de oferta mundial de café provocou disputas internas com relação à distribuição dessas cotas. O Brasil, insatisfeito com a perda de parcelas de mercado,

teve papel de destaque, recusando-se a aceitar reduções nas suas cotas de exportação, as quais eram de 30% das exportações totais.

O Quadro 26 mostra que o Brasil foi o principal país a carregar, na prática, o ônus do AIC.

Observa-se que o Brasil teve forte diminuição da parcela de mercado, durante a vigência do AIC. A participação decresceu de 48,6%, no início, para 28,7%, ao final do AIC.

QUADRO 26 - Evolução das Parcelas de Mercado dos Principais Países Exportadores de Café Durante o AIC - 1962/89

Triênios	Brasil	Colômbia	Indonésia	México	Costa do Marfim
1960/62	48,6	10,6	2,3	2,9	3,6
1963/65	38,4	10,9	3,0	3,5	5,7
1966/68	30,6	11,6	3,7	5,0	5,6
1969/71	28,1	11,3	4,2	4,3	5,7
1972/74	29,5	10,6	3,5	4,8	5,7
1975/77	21,0	13,1	4,4	5,0	6,9
1978/80	25,3	14,6	5,5	4,7	5,0
1981/83	27,8	14,8	5,4	5,2	5,3
1984/86	26,2	12,7	6,1	5,4	3,7
1987/89	28,7	11,9	6,4	5,2	4,1

Fonte: MELO (1994).

Contrário ao Brasil, os outros países estimulados pelos preços elevados foram aumentando suas produções e, em seguida, pressionando o Brasil por maiores cotas de exportação.

O comportamento do Brasil com relação aos seus concorrentes teve a denominação de "política do guarda-chuva" (DELFIM NETO, 1981). Enquanto os demais países se beneficiavam com os preços externos melhores, o Brasil

passou a ter problemas com as renovações do acordo, pois segurava um "guarda-chuva" insuficiente para atender aos interesses contraditórios de um número elevado de participantes.

É necessário afirmar que, após o rompimento do acordo em julho de 1989, os preços externos do café tiveram fortes reduções, principalmente em razão da desova de cerca de dez milhões de sacas no mercado internacional, entre julho de 1989 e junho de 1990 (MELO, 1994).

3.3.4. O Brasil e o Acordo dos Países Produtores de Café

O excesso de oferta e a brusca queda nas cotações do café no mercado externo com o fim do AIC despertaram o interesse comum entre os países produtores em busca de uma associação que controlasse a oferta de café, para aumentar o preço do produto no mercado internacional.

Após várias reuniões lideradas pelo Brasil e pela Colômbia, criou-se a Associação dos Países Produtores de Café (APPC). Logo em seguida, outubro de 1993, seu principal objetivo, retenção das exportações, entraria em vigor.

O plano de retenção das exportações de café deveria obedecer a critérios comuns para todos os países da APPC. A Figura 9 mostra o esquema de retenção estabelecido.

O volume de café a ser retido é variável, de acordo com os preços de mercado, num processo de quatro etapas. Inicialmente, quando os preços mundiais estiverem abaixo da cotação de US\$ 0,75 por libra-peso, serão retidas 20% das exportações. Quando os preços entrarem na faixa de US\$ 0,75 a US\$ 0,80 por libra-peso, o nível de retenção dos estoques cairá para 10% das exportações. Para preços internacionais na faixa de US\$ 0,80 a US\$ 0,85 por libra-peso, a retenção das exportações cairá a zero. Se,

Preço (centavos de dólar/libra peso)	Política de Exportação
85 00	Faixa livre de liberação dos estoques
80,00	Faixa livre de exportações
75 00	Faixa de retenção de 10% das exportações
	Faixa de retenção de 20% das exportações

FIGURA 9 - Esquema da Política de Exportação da Associação dos Países Produtores de Café (APPC).

entretanto, os preços subirem acima de US\$ 0,85, por libra-peso, os países colocarão seus estoques no mercado, de forma gradativa, com vistas em conter a alta além daqueles limites. Finalmente, caso os preços voltem a cair abaixo de US\$ 0,85 por libra-peso, após a liberação dos estoques, a retenção será reimplantada, com a diferença de que agora esta só será eliminada quando os preços atingirem a cotação de US\$ 0,90 por libra-peso.

Em relação à implementação interna da política, cada país terá autonomia para decidir como fazer. No Brasil, o órgão responsável pela administração do esquema de retenção é o Departamento Nacional do Café, vinculado ao Ministério da Indústria e Comércio. Aquele órgão administrará os recursos do Fundo Nacional do Café, bem como os estoques e armazéns do extinto IBC.

Esse acordo, que entrou em vigor em outubro de 1993, não inclui em suas retenções as exportações de café industrializado, portanto, uma boa alternativa de o Brasil cumprir esse acordo, sem aumentar os estoques, seria aumentar as exportações de café industrializado.

Sem dúvida que o acordo de retenção da APPC cumpriu seu objetivo no curto prazo, os preços elevaram-se de US\$ 50,00/saca, em outubro de 1993, para US\$ 105,00/saca, em maio de 1994. As fortes geadas ocorridas no Brasil, em junho e julho de 94, e uma queda de 30% na produção da Colômbia contribuíram para acelerar a elevação das cotações do café para mais de US\$ 200,00/saca.

A euforia que existe no mercado cafeeiro, causada por mais uma política artificial de preços e fenômenos climáticos, pode ser mais um ciclo de preços elevados de curto prazo. Parece ser esse o momento do Brasil, que é o único país capaz de influenciar o mercado, liberando parte de seus 17,2 milhões de sacas estocadas para impedir que as cotações do café aumentem mais, o que pode incentivar a produção dos demais concorrentes, elevar a oferta de café e novamente entrar em mais um longo ciclo de preços decrescentes.

3.3.5. Condicionantes da Competitividade

A partir de uma caracterização geral da cadeia agroindustrial do café brasileiro e das principais tendências do cenário internacional, é possível delimitar, ainda que em linhas gerais, os principais condicionantes da competitividade do "agribusiness" do café brasileiro.

Embora ainda se delineando, a tendência à segmentação dos mercados também age sobre a cadeia agroindustrial do café. Essa tendência possibilita as empresas processadoras de café explorarem nichos de mercado, um exemplo é o crescimento mundial do consumo de café expresso e de descafeinados, tendência cada vez mais comum na sociedade atual. Não basta apenas o crescimento exponencial, é preciso ter consciência da busca constante da inovação do produto.

A diversificação por meio da qualidade vem sendo implementada principalmente pelos cafeicultores da Região do Cerrado mineiro, mediante a Associação dos Cafeicultores do Cerrado (CACCEER). A estratégia da associação é projetar, no comércio exterior e também no Brasil, a marca: "Café do Cerrado", com a idéia de que existe, no País, uma região que garante um padrão de qualidade de bebida com características marcantes e próprias. Capacitação e treinamento da mão-de-obra, ao lado da capacitação organizacional de todos os segmentos da cadeia, tornam-se fundamentais na busca da qualidade.

A criatividade da marca "Café do Cerrado" e o incentivo aos produtores por meio de concurso de qualidade da bebida propiciaram o estímulo e a integração dos produtores do cerrado, atualmente os primeiros colocados no ranking da qualidade. As premiações transformaram-se em cartão de visita dos produtores do cerrado e facilitaram contatos com indústrias da Europa e dos Estados Unidos, permitindo exportações diretas, com preços até 50% superiores aos que recebiam no sistema normal.

Tudo isso aponta para a necessidade de realização de uma coordenação estratégica da produção do setor como um todo, obedecendo a uma regionalização e implantando tecnologias apropriadas, de forma a obter mais controle sobre a evolução da comercialização do produto de qualidade.

A busca de diversificação dos mercados, procurando atingir novos países consumidores, constitui-se numa estratégia fundamental para quem quer permanecer na frente do processo competitivo. Nesse sentido, uma estratégia voltada, exclusivamente, para a esfera produtiva não é suficiente para o setor disputar espaços no mercado internacional. Para tanto, segundo ZYBERSZTAJN (1992), são necessárias:

- publicidade do produto nos países consumidores;
- alianças estratégicas e experimentais com importantes parceiros comerciais, estabelecendo "joint ventures" para distribuição do produto em mercados poucos conhecidos;
- construção de terminais portuários nesses países. É importante salientar que a logística de transporte e a distribuição **são** fundamentais à aquisição **de** competitividade na cadeia agroindustrial do café, sobretudo por seus efeitos **na** redução de custos e pela agilidade no atendimento aos clientes.

4. RESUMO E CONCLUSÕES

É evidente a forte redução da participação do café brasileiro na receita de divisas e no comércio internacional, nas últimas décadas. No entanto, o café ainda possui papel relevante na economia nacional, visto que o "agribusiness" do café brasileiro chega a envolver negócios que somam em torno de US\$ 4,52 bilhões de dólares anuais e emprega milhões de pessoas. O setor de produção agrícola representa US\$1,5 bilhão; o setor de processamento, US\$1,6 bilhão; e o setor exportador, US\$1,3 bilhão.

, No Brasil, o complexo café foi um dos últimos a ganhar a liberdade de mercado. A instabilidade dos preços do produto evidencia o problema de desorganização da cadeia agroindustrial do café em relação aos outros complexos agroindustriais.

Este trabalho objetivou analisar a cadeia agroindustrial do café brasileiro destinado à exportação, a sua competitividade e o comportamento das margens de comercialização, com vistas em subsidiar decisões de

política comercial e, até mesmo, de investimentos privados.

c A cadeia agroindustrial do café brasileiro apresentou estrutura de mercado pouco concentrada, porém ineficiente nos segmentos de produção (baixa produtividade), enquanto na agroindústria do café torrado e moído (incapacidade de desenvolver "blends" para exportação) este produto é destinado apenas ao mercado interno. Por outro lado, a agroindústria do café solúvel apresenta estrutura mais organizada, com sua dinâmica associada ao mercado internacional. O segmento exportador possui 174 exportadoras que exportam cerca de 19 milhões de sacas anuais. Os importadores de café possuem estrutura oligopsônica, dado que apenas cinco empresas concentram 80% das importações mundiais de café.

A carga tributária incidente na cadeia agroindustrial do café possui forte efeito no preço final do produto. A tributação indireta é elevada e incide em toda a cadeia: ICMS, em média, 13% sobre o valor bruto; CONFINS e PIS incidem alíquotas de 2,008 e 0,65% sobre o faturamento, respectivamente.

Em relação à receita proveniente das exportações brasileiras do setor agrícola, o complexo café teve sua participação relativa sensivelmente diminuída; em 1971, representava 48,59% e, em 1992, representava apenas 10,67%. Um dos principais fatores responsáveis pelo insucesso do "agribusiness" do café, em relação aos outros complexos, foi a grande intervenção do governo na maximização da receita, mediante políticas de aumento artificial do preço do café, o que incentivou a produção em países concorrentes. Outras razões importantes foram a falta de uma política de incentivo à melhoria da qualidade e a ausência de uma política de marketing para promover o café brasileiro no exterior. No Brasil, ainda não se trata

o marketing do café de forma moderna, como ele é praticado no exterior.

A análise da exportação do café brasileiro para os EUA, de 1982 a 1992, indicou que a margem de comercialização do atacadista dos EUA foi crescente em relação à margem do exportador brasileiro. Com relação a parcela recebida pelo produtor brasileiro, a margem do atacadista dos EUA foi decrescente, no período de 1982 a 1986, e crescente, no período de 1986 a 1992. A margem de comercialização do exportador em relação ao preço recebido pelo produtor apresentou-se decrescente, no período de 1982 a 1986 ; e crescente, no período de 1986 a 1992.

O comportamento da margem de comercialização do exportador apresentou-se bastante instável no período analisado, chegando inclusive a ser negativa, de nov./85 a jan./86. Esse comportamento atípico na margem do exportador brasileiro de café deveu-se, principalmente, ao rápido e elevado crescimento nos preços do café, em nível de produtor, visto que, nesse período, o exportador precisava cumprir os contratos futuros de venda de café. Outro fator desfavorável ao exportador foi a suspensão das quotas de contribuição do governo; mediante esse instrumento, o governo efetuava os ajustes entre os preços internacionais e a remuneração do setor exportador. As margens do exportador voltaram a ser negativas no período de jan./90 a mar./90, em razão das fortes quedas nos preços internacionais do café, resultantes do fim do AIC, que provocou desova de estoques no mercado externo.

O Brasil foi o principal país a carregar, na prática, o ônus do AIC, sua participação decresceu de 48,6%, no início, para 28,7%, ao final do AIC. Contrário ao Brasil, os outros países estimulados pelos preços elevados foram aumentando suas produções e, em seguida, pressionando o Brasil por maiores cotas de exportação.

A euforia que existe no mercado cafeeiro, causada pelo acordo de retenção da APPC e pela geada de 1994, pode ser mais um ciclo de preços elevados de curto prazo. Parece ser esse o momento de o Brasil liberar parte de seus 17,2 milhões de sacas estocadas, para impedir que as cotações do café aumentem mais, o que pode incentivar a produção dos demais concorrentes, elevar a oferta de café e novamente entrar em mais um longo ciclo de preços decrescentes.

As grandes corporações multinacionais que dominam os mercados de café da Europa e América do Norte dificultam a entrada do café solúvel brasileiro com embalagem e marca próprias. Depois de disputar com os EUA pela produção de café solúvel, o Brasil foi penalizado por fortes restrições impostas pelos EUA e apoiadas pelos principais países importadores que faziam parte do AIC. A estratégia adotada pelas indústrias foi compor parcerias com grandes grupos multinacionais que dominam os canais de distribuição do produto. Portanto, grande parte do café solúvel brasileiro tem sido exportada, a granel, em caixas de papelão, restando ao importador embalar, colocar sua própria marca e distribuir o produto.

O comportamento dos preços do café importado por todos os países membros da OIC apresentou-se decrescente, no período de 1986 a 1991, enquanto a margem das indústrias processadoras de café desses países aumentou de 229,5 para 327,3 centavos de dólar por libra-peso. O forte crescimento da margem de comercialização dos países importadores de café está associado à estrutura concentrada dos grandes grupos empresariais importadores, visto que apenas cinco empresas são responsáveis por 80% das importações mundiais de café.

O preço do café processado nos principais mercados consumidores é bastante elevado, no entanto, o Brasil

exporta pequena parcela de café industrializado e, praticamente, não exporta café torrado e moído. A ABIC sempre alegou as altas tarifas de importação das máquinas de embalar esse tipo de café; a partir de julho/94, foi liberada a importação das máquinas automáticas de empacotamento a vácuo puro e com dosadores, com tarifas zero para o imposto de importação. Esperam-se boas perspectivas no crescimento da competitividade do café torrado e moído brasileiro no exterior.

A agroindústria brasileira do café torrado e moído possui grande vantagem nesse mercado, uma vez que dispõe, internamente, dos mais variados tipos de café e pode produzir, praticamente, todos os "blends" existentes no mundo.

Outras formas de consumo de café também constituem boas perspectivas de mercado para exportação, como, por exemplo, o extrato de café. É crescente a exportação de café líquido para o Extremo Oriente, principalmente para o Japão. A Maxwell House (divisão da General Foods) testou um produto à base de cappuccino, com bastante sucesso na Flórida-EUA, e com excelentes perspectivas de consumo mundial. Além disso, a Nestlé e a Coca-cola vem investindo, com sucesso, no mercado de produtos gelados à base de café.

Dessa forma, o Brasil, como maior produtor de café, pode ser menos afetado pelas instabilidades de preços do café em grão no mercado externo, mediante mecanismos reais de competitividade, como agregação de valor, qualidade, diferenciação do produto e desenvolvimento de parcerias ou terceirização para distribuição do café no mercado internacional.

Assim é preciso esquecer-se um pouco dos acordos internacionais de cláusulas econômicas, conceitos de potencial de produção e garantia de exportação, paternalismo governamental, casuismo e a subestimada

capacidade da iniciativa privada. O complexo café precisa adaptar-se às novas realidades do mercado, tornando-se, a cada instante, mais competitivo e mais criativo. A indústria precisa acelerar seu desenvolvimento para cumprir seu importante papel no conjunto da economia cafeeira, atingindo o mercado internacional por meio da exportação do produto processado.

✧ Ao mesmo tempo, a agroindústria tem papel fundamental na sinalização e no estímulo dos produtores a produzir conforme exigências do mercado. A integração da agroindústria e produtores, via cooperativas ou não, por meio de contratos de fornecimento que sigam os padrões de produção, pós-colheita e beneficiamentos necessários, garantirá produtividade, qualidade e quantidade desejadas da matéria-prima e, ao mesmo tempo, reduzirá a instabilidade de preços e riscos em cada segmento da cadeia agroindustrial do café.

✧ A competitividade da cadeia agroindustrial do café brasileiro é um fenômeno multidimensional e dinâmico. De um lado, trata-se de organizar a cadeia em nível nacional, integrando o conjunto de elementos que se interagem na obtenção dos diversos aspectos da competitividade. De outro lado, é necessário sintonizar a produção com as tendências existentes na concorrência internacional.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, D.R.D. **Custo, risco e margem de comercialização de arroz e de feijão no Estado de São Paulo: Análise dinâmica e teste de modelos alternativos.** Piracicaba, ESALQ, 1994. 185p.
- ALIMANDRO, R., Como Embarcar Café pelo Rio. **Revista do Cafe**, Rio de Janeiro, **72** (781):12-18, set.-out., 1992.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL Rio de Janeiro, FIBGE, v.51, 1991. 104p.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CAFÉ 1971-1989. Rio de Janeiro, IBC, n. 11-19, 1971-1989.
- ARAUJO, N.B.; WEDEKIN, I.; PINAZZA L.A.. **Complexo agroindustrial - O "agribusiness" brasileiro.** São Paulo, Agroceres, 1990. 238 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ - ABIC. **Registro da evolução do preço do café cru, torrado e moído.** Rio de Janeiro, 1992. 6p. (facsimile).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ SOLÚVEL - ABICS. **Dados do Departamento Técnico da ABICS.** São Paulo, 1993. n.p.

- BACHA, E.L. Política Brasileira do Café- Uma Avaliação Centenária In: BACHA, E. & GREENHILL, R.. **150 anos de café**. Rio de Janeiro, Marcelino Martins & E. Johnston, 1992. 240p.
- BAIN, J. **Industrial organization**. 2^oed. New York, Wiley, 1968. 126p.
- BARROS, G.S.C. **Economia de comercialização agrícola**. Piracicaba, FEALQ, 1987. 306 p.
- BERTONE, M.V.F. **Anotações sobre o acordo internacional do cafe**. Garça, Garcafé, 1992. 69 p.
- BOLETIM MENSAL DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília, 1971/1993.
- BRANDT, S.A. **Comercialização agrícola**. Piracicaba, Livroceres, 1980. 195p.
- CAIXETA, G.Z.T.; LEITE, C.A.M.; OLIVEIRA, A.M.. Tendências do mercado de café do Brasil. **R. Econ. Rural**, Brasília, 27(2): 173-196, abr./jun. 1989.
- CAIXETA, G.Z.T.; SASAKI, A.I.; LEITE, C.A.M.. Efeitos do acordo internacional sobre a participação brasileira em mercados importadores de café. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA RURAL, 29, Campinas, **Anais...**, Brasília, SOBER, 1991. 487p.
- CANTOS, C. **Agroindústria e desenvolvimento no estado de Silo Paulo**. São Paulo, 1978. 74p.
- CAVES, R. **American industry: structure, conduct, performance**. New Jersey, Prentice-Hall, 1977. 123p.
- COFFEE BUSINESS, **Dados da redação do Jornal Coffee Business**, Rio de Janeiro, 1993.
- COMITÊ BRASILEIRO DO CAFÉ (CBC). **O sistema agroindustrial do cafe análise e estratégia**. São Paulo, 1992. v.1-2, 350p.
- CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, FGV, 1971/1993.
- COOPARAÍSO - COOPERATIVA DE SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO-MG. **Tabelas de custos de produção**, São Sebastião do Paraíso, 1993. n.p.

- COOPERATIVA DOS CAFEICULTORES DA REGIÃO DE GARÇA (1993). **Tabela de preços de serviços**, (Fev.-93). Garça, 1993. n.p.
- COOPERATIVA DOS CAFEICULTORES DE SÃO GABRIEL DA PALHA-ES (COOABRIEL). **Custo de produção e comercialização de café robusta**. São Gabriel da Palha, 1993. n.p.
- DAVIS, J.H. & GOLDBERG, R.A. **A concept of agribusiness**. Boston, Harvard University Press, 1957. 140p.
- DELFIN NETO, A., **O Problema do Café no Brasil**. São Paulo, USP-IPE, 1981. 324p. (Ensaio Econômico, 16)
- DOMINIUM S.A., **Descrição do processo de preparação do café solúvel**, São Paulo, 1993. 4p.
- DOSI, G. **Technical change and industrial transformation**. New York, Mc Millan Press, 1984. 128p.
- ECONOMIA CAFETERA. Federacion Nacional de Cafeteros de Colômbia. **Division de Investigaciones Economicas**. Bogotá, Colômbia, 1980/1993. 46p.
- FARINA, E.Q.M. CAFÉ: Para além do AIC, **Informações FIPE**, 2(12): - out/nov., 1992. 37p.
- FARINA, E.Q.M. & CYRILLO, D.C. **Distorções de preços agrícolas e a integração competitiva no sistema agroindustrial**. São Paulo, FIPE/Ministério da Economia, 1991. 27p (Mimeo).
- FARINA, E.Q.M. & ZYLBERSZTAJN, D. Relações tecnológicas e organização dos mercados do sistema agroindustrial de alimentos. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, 8(1/3): 9-27, 1991.
- FASANO FILHO, U., Uma Comparação entre o índice de vantagem comparativa de Bowen e o tradicional índice de vantagem comparativa revelada: o caso brasileiro. **Pesquisa Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, 17(2): 457-470, ago. 1987.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS EXPORTADORES DE CAFÉ - FEBEC. **Relatórios Mensais**, 1991/93. Rio de Janeiro, 1991/1993.
- GARÓFALO G.L. & CARVALHO, L.C.P. **Teoria microeconômica**. São Paulo, Atlas, 1986. 573p.
- GAZETA MERCANTIL. São Paulo, 1992/1994.

- GONÇALVES, R. Competitividade internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações brasileiras de manufaturados. **Pesquisa Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, 17(2): 411-436, ago. 1987.
- JORNAL DO CAFÉ. Rio de Janeiro, 1992/1994.
- JUNQUEIRA, P.C. & CANTO, W.L. Cesta de Mercado - Margens Totais de Comercialização. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, 18(9/10): 1-46, set./out. 1971.
- KAGEYAMA, A. & SILVA, J.G. **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**. Campinas, IE/Unicamp, 1987. 56p. (Mimeo) .
- KOCH, J.V. **Industrial organization and prices**. 2.ed. Englewood Cliffs, Printice-Hall, 1980. 504p.
- LÍCIO, A.M.A. **A tributação da agricultura no Brasil: relatório Final**. Brasília: IPEA, 1994. 141p.
- LOGATO, E.S. **Efeitos das políticas econômicas sobre a cafeicultura mineira: 1970/90**. Viçosa, UFV/Impr. Univ., 1993. (Tese M.S.). 126p.
- MALTA, M.M. Dribles na crise. **Revista do Café**, Rio de Janeiro, 72 (780): 36-42, jul.-ago., 1992.
- MALTA, M.M. & MILANEZ NETO, J.F.A. **O café e sua importância econômica**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, 1973. 133p.
- MARIOTTO, F. O Conceito de Competitividade da Empresa: uma Análise Crítica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 31(2): São Paulo, Abr./Jun. 1991.
- MARQUES, P.V. & AGUIAR, D.R.D. **Comercialização de produtos agrícolas**. São Paulo, Edusp, 1993. 295P.
- MELO, F. H de, Café brasileiro: não a um novo acordo internacional. **Revista de Economia Política**, São Paulo, 4 (52), 1993.
- MELO, F.H. de **Estudos de política agrícola**, (23) Brasília, IPEA, 1994.
- MULLER, G. **O complexo agroindustrial**. São Paulo, FGV, 1981. 161p.

- MULLER, G. Observações sobre a noção de complexo agroindustrial. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, 8(1/3): 28-47, 1991.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ (OIC). DOC. - PR 158/1993.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ - OIC, 1992-1993
- PREÇOS AGRÍCOLAS, Piracicaba (83): 10-52, set.1993.
- PORTER, M., **The competitive advantage of nations**, New York, The Free Press, Macmillan, 1990. 897p.
- REZENDE, A.M. **Comercialização agrícola**. Viçosa, UFV, Impr., Univ., 1977. 44p.
- RICARDO, D. **Princípios de economia política e tributação**, Rio de Janeiro, 1982. 84p.
- SANTANA, A.C. **A dinâmica do complexo agroindustrial e o crescimento econômico no Brasil**. Viçosa, DER/UFV, 1993.302 p. (Tese D.S.)
- SANTOS, M.L.de, **Abastecimento alimentar e o pequeno produtor**. São Paulo, USP, 1993. 201p. (Tese D.S.)
- SILVA, J.G. da **Complexos Agroindustriais e outros complexos**, ensaios e debates. Brasília, 1991. p.5-34.
- SILVA, O.M.da. Café tipo exportação. **Jornal do café**, São Paulo, 1 (16): 1-16, dez.1992.
- SHERER, F.M. & ROSS, D. **Industrial market structure and economic performance**. 3.ed. Boston, Houghton Mifflin Company, 1990. 713p.
- STEELE, H.L.; VERA FILHO, F.; WELSH, R.S., **Comercialização agrícola**. São Paulo, Atlas, 1971. 443p.
- SZMRECSANYI, T. **Pequena história da agricultura no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1990. 102p.
- TEIXEIRA, E.C.; KAM-CHINGS, M.H.L.; HAEBERLIN, I.B., **Análise do Impacto do Rompimento do Acordo Internacional do Café sobre o Brasil e a Colômbia**. **Revista Economia e Sociologia Rural**, Brasília, 31(1):.9-22, Jan./mar.1993.
- TOMEK, W.G. & ROBINSON, K.L. **Agricultural product prices**. Cornell, USA, Cornell University Press, 1977. 376p.

- VEGRO, C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**, Campinas, IE/UNICAMP-UFRJ-FUNCEX, 1993. 74p.
- VIDOR, G., O cafe quer navegar pelo Rio. **Revista do Café**, Rio de Janeiro, **72** (780): 16-17, jul.-ago., 1992.
- WILLUMSEN, M.J. & DUTT, A.K. Café cacau e crescimento econômico no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo, **2**(3): 43-58, jul/set./1991.
- ZYLBERSZTAJN, D. **O sistema agroindustrial do café**. Relatório do grupo PENSA. São Paulo, FIA-FEA-USP, 1992. 277p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

1. Composição do Preço do Café Torrado e Moído, com Base na Planilha da ABIC

Apesar de existir um número variado de tipos de cafés produzidos e de inúmeras composições individualizadas de custos, será usada, para análise, a planilha-padrão da Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (ABIC) .

A formação do preço do café torrado e moído está ilustrada no Quadro 1A.

1.1. Classificação dos Custos e Despesas

Nas classificações de custos e despesas utilizadas para o gerenciamento de uma atividade econômica, destaca-se a denominada "Análise Custo-Volume-Lucro", que relaciona os custos e despesas com a unidade de tempo e com o volume de produção. De forma genérica, os custos e despesas envolvidos na atividade produtiva podem ser classificados em variáveis e fixos.

QUADRO 1A - Formação do Preço de Venda do Café Torrado e, ou, Moído da ABIC, Embalagem Tradicional - Almofada, em Setembro de 1992

CUSTO DO DINHEIRO :		23,43 %	ENCARGOS	- % ICM	18,00	EMBALAGEM	54021,60	COMP. PR. EMB	- % IPI	18			
CUSTO DO DINHEIRO :		34,03 %		- % PIS	2,00	(INTERNA)			- % ICMS	18			
(INCLUINDO ENCARGOS)				- % F.SOC.	0,65	EMBALAGEM	136912,34		- PERDAS	1			
				- COMIS/VEN	5,50	TRANSPORTE			- FRETE	0			
				- D.COM/DIST	5,00	DEP.EMB.TR.	133927,65						
				- % TOTAL	31,15								
CUSTOS C/ SEM ICMS	CUSTO (CR\$)	UNID.	KG PROD. P/UNID.	(CR\$) CUSTO P/KG CONTABIL	DIA RECEB	DIA PAG.	CUSTO P/KG REAL A VISTA	% SOBRE PREÇO AVISTA	DIA RECEB	REAL 30 DIAS	PREÇO 30 DIAS		
CUSTOMÉDIO DO BLEND	200000,00	SC 48KG	48,00	4166,67	15	18	4079,87	30,64 %	45	5035,79	28,22 %		
CUSTO DA EMBALAGEM	52843,93	KG	70,00	754,91	15	45	611,61	4,59 %	45	754,91	4,23 %		
CUSTO DA REEMBALAGEM	133,93	SC 5 KG	5,00	26,79	15	45	21,70	0,16 %	45	26,79	0,15 %		
CUSTO DE ENERGIA (DIESEL)	2147,20	LITRO	9,63	222,97	15	25	207,86	1,56 %	45	256,36	1,44 %		
CUSTO INDUSTRIAL				5171,34			4921,05	36,96 %		6074,05	34,04 %		
(*TEORICO*)													
ICMS	18,00 %		61,16	2396,60	15	39	2025,16	15,21 %	45	3350,30	18,77 %		
P. L. S.	2,00 %		38,84	266,29	15	31	238,01	1,79 %	45	393,75	2,21 %		
FIM SOCIAL	0,65 %		0,39	86,54	15	31	77,35	0,58 %	45	127,97	0,72 %		
COMISSOES/VENDAS	5,50 %		12670,05	732,30	15	30	659,14	4,95 %	45	1090,44	6,11 %		
DESP. COMERCIAIS/DISTRIB.	5,00 %		13314,46	665,72	15	15	665,72	5,00 %	45	1101,33	6,17 %		
MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO	30,01 %			3995,67			4728,03	35,51 %		5707,60	31,98 %		
PREÇO DE VENDA			CR\$	13314,46			CR\$	13314,46	100,00 %	CR\$	17845,43	100,00 %	
CUSTO FIXO TOTAL			CR\$	795318000,00	15	18	795318000,00	24,89 %	45	981661007,40	22,92 %		
VOLUME DE VENDAS		5000,00	SACAS	240000,00	KG		240000,00	KG		240000,00	KG		
P.E.%													
PONTO DE EQUILÍBRIO		3504,45	SACAS			70,09	168213,54	KG		P.EQ.%	71,66	171991,92	KG
QUEBRA %													
RESULTADO PARA REINVESTIMENTO					30,00	CR\$	101822472,06	3,19 %	CR\$	115443355,89	2,72 %		
LUCRO OPERACIONAL					70,00	CR\$	237585768,13	7,44 %	CR\$	271713997,07	6,34 %		
		TAXA US\$ OF.	15/09/92	5690,65	->		17892,93	US\$ PARA REINVESTIMENTO/EQUIPAMENTO					
					->		41750,17	US\$ DE LUCRO INDUSTRIAL MENSAL					
		RETORNO MENSAL SOBRE O INVESTIMENTO = 1,00%		=			5.964.311,00	US\$ VALOR DO INVESTIMENTO TOTAL					

FONTE: Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (ABIC), 1992.

1.1.1. Custos e Despesas Variáveis

Os custos e despesas variáveis variam de acordo com o nível de produção, como, por exemplo, a matéria-prima (café verde). Quanto maior for o nível de produção de café torrado e moído, maior será o gasto com matéria-prima que a empresa incorrerá. Outros exemplos de custos variáveis **são** as embalagens, a energia, os impostos como ICMS, PIS e Finsocial, as comissões e as despesas comerciais de distribuição do produto no mercado.

1.1.2. Custos e Despesas Fixas

Custos e despesas fixas não variam com a quantidade produzida. Pode-se citar, como exemplo, o aluguel do imóvel, no caso de a fábrica estar instalada em propriedade de terceiros. Mesmo que a fábrica diminua ou paralise, temporariamente, sua produção, o aluguel do imóvel será fixo. Outros exemplos **são**: a remuneração do capital investido e os impostos indiretos, tais como IPTU, contribuições sindicais e assistenciais. A mão-de-obra também refere-se a custo fixo, porque numa fábrica a quantidade de funcionários é dimensionada para operar determinado equipamento. Incorporados ao custo da mão-de-obra, além dos salários, estão os encargos sociais incidentes, tais como INSS, FGTS.

1.2. Remuneração do Capital

Para iniciar uma fábrica **são** necessários recursos financeiros, sejam próprios ou de terceiros. Em ambos os casos, esses investimentos precisam ser remunerados. A taxa de juros a ser considerada para remuneração **do** capital deve ser, no mínimo, equivalente **a** uma aplicação alternativa no mercado financeiro. É o chamado custo de oportunidade do capital.

1.3. Margem de Contribuição

Margem de contribuição unitária é a diferença entre a receita pela venda de um quilo de café torrado e a soma dos custos variáveis para fabricar esse quilo do produto. Da margem de contribuição serão subtraídos os custos e as despesas fixas, sobrando o lucro ou prejuízo operacional da empresa.

1.4. Ponto de Equilíbrio (PE)

O ponto de equilíbrio é a condição em que as receitas totais (RT) igualam aos custos totais (CT), $RT = CT$.

A receita total (RT) se corresponde ao preço unitário (P_n) multiplicado pela quantidade (Q) produzida, $CT = CF + CVt$.

1.5. Efeitos Inflacionários

Na composição do preço de venda, os efeitos inflacionários devem ser considerados, levando em conta os prazos angariados dos fornecedores e os concedidos a clientes.

Início do ciclo	Prazo médio de produção e vendas	Pagamento do grão	Pagamento da embalagem	Pagamento do ICMS	Recebimento das vendas
0	15	18	30	39	45
→ dias decorridos →		↓	-1	↓	↑

Fonte: Associação Brasileira da Indústria do Café Torrado e Moído (ABIC), 1992.

FIGURA 1A - Diagrama do Fluxo de Caixa.

Na aplicação do Método do Valor Presente Líquido, utiliza-se o Diagrama do Fluxo de Caixa, para facilitar a visualização e o manuseio das entradas e saídas de caixa. Uma linha horizontal de tempo registra datas e valores movimentados durante o ciclo indústria-comercial e as flechas voltadas para baixo indicam desembolsos e as para cima, ingressos.

APÊNDICE B

QUADRO 1B - Preço do Café Brasileiro em Três Segmentos da Cadeia Agroindustrial. De 1982 a 1992 (R\$/T)

MES\ANO	P. Produtor(1)	P.Exportador(2)	P.Atac.(EUA) (3)	Tendência
JAN\82	929,22	1453,41	3349,33	1
FEV	903,59	1956,97	3342,43	2
MAR	900,70	1443,59	3306,02	3
ABR	913,18	1482,26	3308,78	4
MAI	914,44	1519,63	3254,72	5
JUN	957,88	1552,19	3165,26	6
JUL	903,46	1508,12	3148,64	7
AGO	884,46	1423,47	3134,29	8
SET	876,26	1469,66	3224,23	9
OUT	896,15	1478,43	3309,02	10
NOV	927,26	1560,08	3397,06	11
DEZ	999,87	1514,13	3471,05	12
JAN\83	970,01	1677,09	3379,19	13
FEV	962,10	1882,53	3810,77	14
MAR	972,10	2085,67	4416,89	15
ABR	924,45	1904,93	4345,43	16
MAI	862,36	1929,59	4438,98	17
JUN	820,13	2028,46	9325,55	18
JUL	788,18	1979,23	4197,89	19
AGO	841,77	2068,07	4292,48	20
SET	847,85	2058,12	4149,44	21
OUT	750,80	1925,18	4126,34	22
NOV	824,68	2140,67	4255,78	23
DEZ	493,85	1998,60	4348,67	24

Continua...

QUADRO 1B, Cont.

MES\ANO	P. Produtor(1)	P.Exportador(2)	P.Atac.(EUA) (3)	Tendência
JAN\84	813,70	2425,13	4331,32	25
FEV	763,81	2426,57	4347,25	26
MAR	778,32	2256,84	4428,45	27
ABR	831,58	2207,56	4469,14	28
MAI	869,10	2151,25	4527,64	29
JUN	935,58	2295,15	4479,19	30
JUL	1001,81	2396,86	4564,15	31
AGO	935,20	2273,18	4514,39	32
SET	946,88	2234,35	4521,15	33
OUT	933,33	1859,64	4477,59	34
NOV	987,84	2049,41	4561,42	35
DEZ	1018,34	2002,82	4531,97	36
JAN\85	1289,76	2074,15	4524,89	37
FEV	1555,30	2437,69	4606,05	38
MAR	1481,35	2472,18	4525,83	39
ABR	1424,39	2440,09	4788,08	40
MAI	1395,71	2259,65	4955,72	41
JUN	1243,80	2037,48	4932,38	42
JUL	1129,80	1873,43	4915,82	43
AGO	1064,55	1865,70	4655,64	44
SET	1069,70	1881,24	4738,64	45
OUT	1393,19	1934,33	4764,48	46
NOV	1843,46	1746,73	4541,37	47
DEZ	2317,92	1938,09	4599,97	48
JAN\86	3512,84	2549,43	5247,99	49
FEV	3113,25	4226,51	5620,27	50
MAR	3105,32	4414,00	5723,26	51
ABR	2829,34	4389,86	5850,66	52
MAI	2822,81	4362,79	5852,64	53
JUN	2636,18	3825,91	5900,78	54
JUL	2611,02	2775,20	5747,65	55
AGO	2735,47	2742,59	5540,55	56
SET	2850,97	2913,05	5398,00	57
OUT	2634,61	2967,71	5348,54	58
NOV	2442,20	2756,81	5223,73	59
DEZ	1914,33	2495,33	5006,41	60
JAN\87	1450,05	1746,36	4572,59	61
FEV	1166,71	1670,50	4626,62	62
MAR	921,13	1657,09	4518,79	63
ABR	782,90	1520,23	4123,25	64
MAI	817,56	1413,67	4093,50	65
JUN	578,36	1441,30	4135,17	66
JUL	538,69	1599,74	4254,48	67
AGO	559,89	1433,33	4264,65	68
SET	553,60	1297,35	3937,33	69
OUT	584,72	1209,21	3826,65	70
NOV	553,96	1474,60	3749,29	71
DEZ	493,43	1483,63	3670,86	72

Continua...

QUADRO 1B, Cont.

MES\ANO	P. Produtor(1)	P.Exportador(2)	P.Atac.(EUA) (3)	Tendência
JAN 88	512,46	1456,22	3579,40	73
FEV	584,45	1661,64	3888,99	74
MAR	573,49	1398,69	3635,57	75
ABR	565,00	1517,58	3578,28	76
MAI	506,82	1507,63	3583,63	77
JUN	615,19	1664,26	3516,46	78
JUL	644,62	1463,61	3403,86	79
AGO	572,49	1410,92	3444,84	80
SET	603,34	1591,37	3352,32	81
OUT	631,73	1302,99	3350,22	82
NOV	649,00	1524,10	3296,61	83
DEZ	738,88	836,59	3269,96	84
JAN\ 89	818,55	1351,61	3283,33	85
FEV	751,59	1415,70	3374,05	86
MAR	742,65	1323,58	3246,73	87
ABR	881,52	1254,13	3126,52	88
MAI	1017,98	1216,30	2996,49	89
JUN	843,95	1151,44	2875,90	90
JUL	569,11	824,71	2975,49	91
AGO	409,78	625,58	2763,07	92
SET	390,45	558,06	2550,39	93
OUT	341,82	543,20	2474,38	94
NOV	377,26	502,57	2347,10	95
DEZ	384,16	493,58	2328,28	96
JAN\ 90	474,57	446,93	2087,81	97
FEV	501,67	425,90	1988,08	98
MAR	438,12	377,37	1718,48	99
ABR	419,54	446,18	1985,17	100
MAI	488,62	469,76	1994,40	101
JUN	457,21	484,13	2012,39	102
JUL	416,60	523,40	2074,27	103
AGO	487,84	519,21	1989,05	104
SET	455,49	521,06	1868,77	105
OUT	397,71	586,90	2036,66	106
NOV	355,95	648,68	2304,12	107
DEZ	379,56	661,46	2487,47	108
JAN\ 91	414,52	685,17	2578,22	109
FEV	455,13	546,99	2390,47	110
MAR	490,69	647,99	2382,77	111
ABR	478,81	649,23	2406,94	112
MAI	440,05	643,75	2452,84	113
JUN	416,21	610,38	2431,56	114
JUL	390,94	590,92	2363,26	115
AGO	362,99	502,36	2240,89	116
SET	410,65	531,93	2239,82	117
OUT	394,84	456,58	2434,28	118
NOV	372,49	561,41	2452,91	119
DEZ	351,89	760,49	2600,08	120

Continua...

QUADRO 1B, Cont.

MES\ANO	P. Produtor(1)	P.Exportador(2)	P.Atac.(EUA) (3)	Tendência
JAN\ 92	361,19	562,21	2557,80	121
FEV	353,66	511,59	2535,70	122
MAR	365,33	540,42	2572,40	123
ABR	375,32	531,51	2625,31	124
MAI	342,40	488,56	2555,31	125
JUN	320,10	380,17	2516,28	126
JUL	331,13	417,62	2466,87	127
AGO	294,24	479,40	2382,34	128
SET	298,75	374,91	2291,29	129
OUT	357,92	360,69	2272,73	130
NOV	445,30	479,25	2294,94	131
DEZ	542,95	419,52	2291,97	132

Fonte: (1) Instituto de Economia Agrícola de São Paulo. (2) Boletim do Banco Central. (3) Bureau of Labor Statistics, U.S.Department of Labor,1993.

(1) ,(2) e(3) - Preços Convertidos em Reais e Corrigidos para Margo 1994.

APÊNDICE C

QUADRO 1C - Evolução das Exportações de Café Solúvel Brasileiro para Todos os Destinos. Período: 1975 a 1992. Volume em kg e Receita em US\$

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1976	1975		1976	1975		1976	1975	
ALEMANHA	2.066.437	1.395.412	48,09%	14.367.585	5.249.694	173,68%		60.468	
CANADÁ	1.837.475	322.846	469,15%	9.781.550	1.106.986	783,62%	79.624	13.990	469,15%
JAPÃO	622.342	787.411	-20,96%	3.539.965	2.969.621	19,21%	26.968	34.121	-20,96%
REINO UNIDO	14.786.810	11.054.943	33,76%	80.232.189	34.978.660	129,37%	640.762	479.048	33,76%
USA	24.113.590	18.313.364	31,67%	136.207.261	60.733.134	124,27%	1.044.922	793.579	31,67%
ROMÊNIA	25.000	91.419	-72,65%	200.000	544.934	-63,30%	1.083	3.961	-72,65%
RÚSSIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULGÁRIA	-	100.000	-	-	520.500	-	-	4.333	-
OUTROS	2.474.933	2.410.557	2,67%	14.564.884	7.744.122	88,08%	107.247	104.457	2,67%
TOTAL	45.926.587	34.475.952	33,21%	258.893.434	113.847.651	127,40%	1.990.152	1.493.958	33,21%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1977	1976		1977	1976		1976	1975	
ALEMANHA	1.347.268	2.066.437	-34,80%	17.288.282	14.367.585	20,33%	58.382	89.546	-34,80%
CANADÁ	766.445	1.837.475	-58,29%	7.954.291	9.781.550	-18,68%	33.213	79.624	-58,29%
JAPÃO	685.130	622.342	10,09%	8.552.171	3.539.965	141,59%	29.689	26.968	10,09%
REINO UNIDO	8.027.457	14.786.810	-45,71%	85.980.273	80.232.189	7,16%	347.856	640.762	-45,71%
USA	17.174.754	24.113.590	-28,78%	208.026.408	136.207.261	46,85%	744.239	1.044.922	-28,78%
ROMÊNIA	150.039	25.000	500,16%	1.650.442	200.000	725,22%	6.502	1.083	500,16%
RÚSSIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULGÁRIA	20.045	-	-	220.493	-	-	869	-	-
o m s	1.565.685	2.474.933	-36,74%	17.783.335	14.564.884	22,10%	67.846	107.247	-36,74%
TOTAL	29.736.823	45.926.587	-35,25%	339.455.695	258.893.434	31,12%	1.288.596	1.990.152	-35,25%

Continua ...

QUADRO 1C, Cont

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.978	1.977		1.978	1.977		1978	1975	
	ALEMANHA	975.023	1.347.268	-27,63%	8.706.425	17.288.282	-49,64%	42.251	58.382
CANADÁ	1.269.099	766.445	65,58%	10.992.212	7.954.291	38,19%	54.994	33.213	65,58%
JAPÃO	1.193.448	685.130	74,19%	10.228.326	8.552.171	19,60%	51.716	29.689	74,19%
REINO UNIDO	12.290.663	8.027.457	53,11%	104.693.130	85.980.273	21,76%	532.595	347.856	53,11%
USA	24.120.804	17.174.754	40,44%	206.970.213	200.026.408	3,47%	1.045.235	744.239	40,44%
ROMÊNIA	180.055	150.039	20,01%	1.774.503	1.650.442	7,52%	7.802	6.502	20,01%
RÚSSIA	2.678	-	-	34.891	-	-	116	-	-
BULGÁRIA	50.444	20.045	151,65%	417.504	220.493	89,35%	2.186	869	151,65%
OUTROS	3.503.225	1.565.685	123,75%	30.807.811	17.783.335	73,24%	151.806	67.846	123,75%
TOTAL	43.585.439	29.736.823	46,57%	374.625.015	339.455.695	10,36%	1.888.702	1.288.596	46,57%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.979	1.978		1.979	1.978		1978	1975	
	ALEMANHA	3.425.215	975.023	251,30%	30.021.521	8.706.425	244,82%	148.426	42.251
CANADÁ	1.207.228	1.269.099	-4,88%	10.090.092	10.992.212	-8,21%	52.313	54.994	-4,88%
JAPÃO	1.232.774	1.193.448	3,30%	11.324.314	10.228.326	10,72%	53.420	51.716	3,30%
REINO UNIDO	16.469.242	12.290.663	34,00%	141.639.265	104.693.130	35,29%	713.667	532.595	34,00%
USA	26.674.925	24.120.804	10,59%	237.725.036	206.970.213	14,86%	1.155.913	1.045.235	10,59%
ROMÊNIA	195.040	180.055	8,32%	1.926.598	1.774.503	8,57%	8.452	7.802	8,32%
RÚSSIA	-	2.678	-	-	34.891	-	-	116	-
BULGÁRIA	-	50.444	-	-	417.504	-	-	2.186	-
OUTROS	2.734.821	3.503.225	-21,93%	24.216.349	30.807.811	-21,40%	118.509	151.806	-21,93%
TOTAL	51.939.245	43.585.439	19,17%	456.943.175	374.625.015	21,97%	2.250.701	1.888.702	19,17%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.980	1.979		1.980	1.979		1978	1975	
	ALEMANHA	2.411.973	3.425.215	-29,58%	29.809.606	30.021.521	-0,71%	104.519	148.426
CANADA	899.906	1.207.228	-25,46%	10.725.133	10.090.092	6,29%	38.996	52.313	-25,46%
JAPÃO	1.782.805	1.232.774	44,62%	21.298.291	11.324.314	88,08%	77.255	53.420	44,62%
REINO UNIDO	11.982.124	16.469.242	-27,25%	140.551.528	141.639.265	-0,77%	519.225	713.667	-27,25%
USA	20.084.703	26.674.925	-24,71%	233.386.896	237.725.036	-1,82%	870.337	1.155.913	-24,71%
ROMÊNIA	600.077	195.040	207,67%	7.240.893	1.926.598	275,84%	26.003	8.452	207,67%
RÚSSIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULGÁRIA	29.923	-	-	348.911	-	-	1.297	-	-
OUTROS	4.186.705	2.734.821	53,09%	50.390.486	24.216.349	108,08%	181.424	118.509	53,09%
TOTAL	41.978.216	51.939.245	-19,18%	493.751.744	456.943.175	8,06%	1.819.056	2.250.701	-19,18%

Continua...

QUADRO 1C, Cont.

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.981	1.980		1.981	1.980		1976	1975	
ALEMANHA	2.300.912	2.411.973	-4,60%	24.774.389	29.809.608	-16,89%	99.706	104.519	-4,60%
CANADÁ	1.563.434	899.906	73,73%	16.022.096	10.725.133	49,39%	67.749	38.996	73,73%
JAPÃO	1.885.665	1.782.805	5,77%	19.041.094	21.298.291	-10,60%	81.712	77.255	5,77%
REINO UNIDO	11.010.680	11.982.124	-8,11%	105.916.957	140.551.528	-24,64%	477.129	519.225	-8,11%
USA	19.068.091	20.084.703	-5,06%	178.765.860	233.386.896	-23,40%	826.284	870.337	-5,06%
ROMÊNIA	60.096	600.077	-89,99%	808.846	7.240.893	-88,83%	2.604	26.003	-89,99%
RÚSSIA	2.640	-	-	37.462	-	-	114	-	-
BULGÁRIA	-	29.923	-	-	348.911	-	-	1.297	-
OUTROS	5.645.113	4.186.705	34,83%	57.858.610	50.390.486	14,82%	244.622	181.424	34,83%
TOTAL	41.536.631	41.978.216	-1,05%	403.225.314	493.751.744	-18,33%	1.799.921	1.819.056	-1,05%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.982	1.981		1.982	1.981		1976	1975	
ALEMANHA	3.425.317	2.300.912	48,87%	24.986.247	24.774.389	0,86%	148.430	99.706	48,87%
CANADÁ	2.261.157	1.563.434	44,63%	16.311.286	16.022.096	1,80%	97.983	67.749	44,63%
JAPÃO	2.285.954	1.885.665	21,23%	17.189.887	19.041.094	-9,72%	99.058	81.712	21,23%
REINO UNIDO	13.089.203	11.010.680	18,88%	91.438.303	105.916.957	-13,67%	567.199	477.129	18,88%
USA	18.098.682	19.068.091	-5,08%	127.989.185	178.765.860	-28,40%	784.276	826.284	-5,08%
ROMÊNIA	45.097	60.096	-24,96%	312.522	808.846	-61,36%	1.954	2.604	-24,96%
RÚSSIA	-	2.640	-	-	37.462	-	-	114	-
BULGÁRIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS	5.826.346	5.645.113	3,21%	43.292.535	57.858.610	-25,18%	252.475	244.622	3,21%
TOTAL	45.031.756	41.536.631	8,41%	321.519.965	403.225.314	-20,26%	1.951.376	1.799.921	8,41%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.983	1.982		1.983	1.982		1976	1975	
ALEMANHA	3.787.265	3.425.317	10,57%	27.274.293	24.986.247	9,16%	164.115	148.430	10,57%
CANADÁ	2.416.573	2.261.157	6,87%	17.270.578	16.311.286	5,88%	104.718	97.983	6,87%
JAPÃO	2.220.571	2.285.954	-2,86%	16.310.959	17.189.887	-5,11%	96.225	99.058	-2,86%
REINO UNIDO	9.803.713	13.089.203	-25,10%	68.444.439	91.438.303	-25,15%	424.828	567.199	-25,10%
USA	18.875.577	18.098.682	4,29%	131.554.598	127.989.185	2,79%	817.942	784.276	4,29%
ROMÊNIA	29.153	45.097	-35,35%	245.756	312.522	-21,36%	1.263	1.954	-35,35%
RÚSSIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULGÁRIA	5.212	-	-	47.066	-	-	226	-	-
OUTROS	6.974.697	5.826.346	19,71%	51.110.273	43.292.535	18,06%	302.237	252.475	19,71%
TOTAL	44.112.761	45.031.756	-2,04%	312.257.962	321.519.965	-2,88%	1.911.553	1.951.376	-2,04%

Continua...

QUADRO 1C, Cont.

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.984	1.983		1.984	1.983		1976	1975	
ALEMANHA	4.010.317	3.787.265	5,89%	30.143.352	27.274.293	10,52%	173.780	164.115	5,89%
CANADÁ	1.798.193	2.416.573	-25,59%	13.436.348	17.270.578	-22,20%	77.922	104.718	-25,59%
JAPÃO	2.610.406	2.220.571	17,56%	19.434.843	16.310.959	19,15%	113.118	96.225	17,56%
REINO UNIDO	11.982.086	9.803.713	22,22%	86.725.627	68.444.439	26,71%	519.224	424.828	22,22%
USA	19.318.190	18.875.577	2,34%	140.312.505	131.554.598	6,66%	837.122	817.942	2,34%
ROMÊNIA	1.050.250	29.153	3502,55%	7.335.084	245.756	2884,70%	45.511	1.263	3502,55%
RÚSSIA	473.160	-	-	4.510.861	-	-	20.504	-	-
BULGÁRIA	33.817	5.212	548,83%	285.241	47.066	506,04%	1.465	226	548,83%
OUTROS	9.423.233	6.974.697	35,11%	70.076.536	51.110.273	37,11%	408.340	302.237	35,11%
TOTAL	50.699.652	44.112.761	14,93%	372.260.397	312.257.962	19,22%	2.196.985	1.911.553	14,93%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.985	1.984		1.985	1.984		1976	1975	
ALEMANHA	3.414.443	4.010.317	-14,86%	23.403.107	30.143.352	-22,36%	147.959	173.780	-14,86%
CANADÁ	3.796.729	1.798.193	111,14%	25.224.456	13.436.348	87,73%	164.525	77.922	111,14%
JAPÃO	2.257.680	2.610.406	-13,51%	15.191.946	19.434.843	-21,83%	97.833	113.118	-13,51%
REINO UNIDO	8.224.850	11.982.086	-31,36%	54.703.784	86.725.627	-36,92%	356.410	519.224	-31,36%
USA	13.765.629	19.318.190	-28,74%	90.258.384	140.312.505	-35,67%	596.511	837.122	-28,74%
ROMÊNIA	934.848	1.050.250	-10,99%	7.794.806	7.335.084	6,27%	40.510	45.511	-10,99%
RÚSSIA	5.591.150	473.160	1081,66%	46.954.402	4.510.861	940,92%	242.283	20.504	1081,66%
BULGÁRIA	15.945	33.817	-52,85%	140.322	285.241	-50,81%	691	1.465	-52,85%
OUTROS	7.457.022	9.423.233	-20,87%	51.288.392	70.076.536	-26,81%	323.138	408.340	-20,87%
TOTAL	45.458.296	50.699.652	-10,34%	314.959.599	372.260.397	-15,39%	1.969.859	2.196.985	-10,34%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		DE 60 KG
	1.986	1.985		1.986	1.985		1976	1975	
ALEMANHA	1.469.515	3.414.443	-51,10%	16.807.797	23.403.107	-28,18%	72.346	147.959	-51,10%
CANADÁ	4.552.907	3.796.729	19,92%	38.758.202	25.224.456	53,65%	197.293	164.525	19,92%
JAPÃO	3.214.337	2.257.680	42,37%	27.865.216	15.191.946	83,42%	139.288	97.833	42,37%
REINO UNIDO	7.655.006	8.224.850	-6,93%	66.908.253	54.703.784	22,31%	331.717	356.410	-6,93%
USA	15.471.144	13.765.629	12,39%	128.503.160	90.258.384	42,37%	670.416	596.511	12,39%
ROMÊNIA	499.737	934.848	-46,54%	5.497.110	7.794.806	-29,48%	21.655	40.510	-46,54%
RÚSSIA	5.215.241	5.591.150	-6,72%	50.437.824	46.954.402	7,42%	225.994	242.283	-6,72%
BULGÁRIA	7.219	15.945	-54,73%	71.826	140.322	-48,81%	313	691	-54,73%
OUTROS	6.715.274	7.457.022	-9,95%	58.983.345	51.288.392	15,00%	290.995	323.138	-9,95%
TOTAL	45.000.380	45.458.296	-1,01%	393.832.733	314.959.599	25,04%	1.950.016	1.969.859	-1,01%

Continua...

QUADRO 1C, Cont.

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1987	1986		1987	1986		1976	1975	
ALEMANHA	1.227.743	1.669.515	-26,46%	6.899.256	16.807.797	-58,95%	53.202	72.346	-26,46%
CANADÁ	4.738.705	4.552.907	4,08%	21.369.449	38.758.202	-44,86%	205.344	197.293	4,08%
JAPÃO	4.127.277	3.214.337	28,40%	25.982.182	27.865.216	-6,76%	178.849	139.288	28,40%
REINO UNIDO	6.637.232	7.655.006	-13,30%	32.837.041	66.908.253	-50,92%	287.613	331.717	-13,30%
USA	12.418.282	15.471.144	-19,73%	55.397.572	128.503.160	-56,89%	538.126	670.416	-19,73%
ROMÊNIA	1.114.290	499.737	122,98%	5.913.985	5.497.110	7,58%	48.286	21.655	122,98%
RÚSSIA	6.392.832	5.215.241	22,58%	35.764.245	50.437.824	-29,09%	277.023	225.994	22,58%
BULGÁRIA	5.741	7.219	-20,47%	37.910	71.826	-47,22%	249	313	-20,47%
OUTROS	7.387.333	6.715.274	10,01%	38.290.356	58.983.345	-35,08%	320.118	290.995	10,01%
TOTAL	44.049.435	45.000.380	-2,11%	222.491.996	393.832.733	-43,51%	1.908.809	1.950.016	-2,11%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1988	1987		1988	1987		1976	1975	
ALEMANHA	1.645.714	1.227.743	34,04%	9.035.083	6.899.256	30,96%	71.314	53.202	34,04%
CANADÁ	4.053.801	4.738.705	-14,45%	17.163.535	21.369.449	-19,68%	175.665	205.344	-14,45%
JAPÃO	5.983.732	4.127.277	44,98%	38.093.460	25.982.182	46,61%	259.295	178.849	44,98%
REINO UNIDO	6.161.473	6.637.232	-7,17%	27.464.190	32.837.041	-16,36%	266.997	287.613	-7,17%
USA	14.799.203	12.418.282	19,17%	60.693.214	55.397.572	9,56%	641.299	538.126	19,17%
ROMÊNIA	724.532	1.114.290	-34,98%	3.856.978	5.913.985	-34,78%	31.396	48.286	-34,98%
RÚSSIA	7.322.394	6.392.832	14,54%	37.573.244	35.764.245	5,06%	317.304	277.023	14,54%
BULGÁRIA	5.741	5.741	0,00%	39.612	37.910	4,49%	249	249	0,00%
OUTROS	6.877.696	7.387.333	-6,90%	31.221.217	38.290.356	-18,46%	298.033	320.118	-6,90%
TOTAL	47.574.286	44.049.435	8,00%	225.140.533	222.491.996	1,19%	2.061.552	1.908.809	8,00%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1989	1988		1989	1988		1976	1975	
ALEMANHA	1.867.891	1.645.714	14,41%	7969.261	9.035.083	-11,80%	81.592	71.314	14,41%
CANADÁ	3.669.347	4.053.801	-9,48%	12.662.932	17.163.535	-26,22%	159.001	175.665	-9,48%
JAPÃO	4.270.189	5.983.732	-28,64%	21.755.499	38.093.460	-42,89%	185.042	159.295	-28,64%
REINO UNIDO	5.904.425	6.161.473	-4,17%	24.265.650	27.464.190	-11,65%	255.858	266.997	-4,17%
USA	15.280.149	14.799.203	3,25%	52.944.611	60.693.214	-12,77%	662.140	641.299	3,25%
ROMÊNIA		724.532		-	3.856.978		-	11.196	
RÚSSIA	17.813.847	7.322.394	143,28%	76.242.925	37.573.244	102,92%	771.933	317.304	143,28%
BULGÁRIA		5.741		-	39.612		-	249	
OUTROS	6.942.426	6.877.696	0,94%	28.492.419	31.221.217	-8,74%	300.838	298.033	0,94%
TOTAL	55.763.274	47.574.286	17,21%	224.333.329	225.140.533	-0,36%	2.416.409	2.061.552	17,21%

Continua...

QUADRO 1C, Cont.

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.990	1.989		1.990	1.989		1976	1975	
ALEMANHA	1.072.867	1.882.891	-43,02%	3.775.701	7.969.263	-52,62%	46.491	81.592	-43,02%
CANADÁ	2.567.130	3.669.347	-30,04%	7.199.836	12.662.932	-43,14%	111.242	159.005	-30,04%
JAPÃO	4.360.368	4.270.189	2,11%	20.747.967	21.755.499	-4,63%	188.949	185.042	2,11%
REINO UNIDO	5.108.818	5.904.425	-13,47%	20.225.215	24.265.680	-16,65%	221.382	255.858	-13,47%
USA	18.036.719	15.280.149	18,04%	48.765.617	52.944.611	-7,89%	781.591	662.140	18,04%
ROMÊNIA	1.218.770	-	-	3.647.934	-	-	52.813	-	-
RÚSSIA	16.504.008	17.813.847	-7,35%	44.300.082	76.242.925	-41,90%	715.174	771.933	-7,35%
BULGÁRIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS	7.232.460	6.942.426	4,18%	25.838.752	28.492.419	-9,31%	313.407	300.838	4,18%
TOTAL	56.101.140	55.763.274	0,61%	174.501.104	224.333.329	-22,21%	2.431.049	2.416.409	0,61%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.991	1.990		1.991	1.990		1976	1975	
ALEMANHA	1.420.820	1.072.867	32,43%	4.570.547	3.775.701	21,05%	61.569	46.491	32,43%
CANADÁ	2.013.150	2.567.130	-21,58%	5.329.480	7.199.836	-25,98%	87.237	111.242	-21,58%
JAPÃO	4.992.560	4.360.368	14,50%	21.823.162	20.747.967	5,18%	216.344	188.949	14,50%
REINO UNIDO	5.175.605	5.108.818	1,31%	18.089.296	20.225.215	-10,56%	224.276	221.382	1,31%
USA	10.118.479	18.036.719	-43,90%	27.080.997	48.765.617	-44,47%	438.467	781.591	-43,90%
ROMÊNIA	1.506.392	1.218.770	23,60%	4.986.654	3.647.934	36,70%	65.277	52.813	23,60%
RÚSSIA	3.962.986	16.504.008	-75,99%	9.748.771	44.300.082	-77,99%	171.729	715.174	-75,99%
BULGÁRIA	82.688	-	-	193.015	-	-	3.583	-	-
OUTROS	6.092.672	7.232.460	-15,76%	20.648.243	25.838.752	-20,09%	264.016	313.407	-15,76%
TOTAL	35.365.352	56.101.140	-36,96%	112.470.165	174.501.104	-35,55%	1.532.499	2.431.049	-36,96%

PAÍSES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.992	1.991		1.992	1.991		1976	1975	
ALEMANHA	1.931.104	1.420.820	35,91%	5.348.131	4.570.547	17,01%	83.681	61.569	35,91%
CANADÁ	2.667.603	2.013.150	32,51%	6.153.079	5.329.480	15,45%	115.596	87.237	32,51%
JAPÃO	4.270.090	4.992.560	-14,47%	20.313.851	21.823.162	-6,92%	185.037	216.344	-14,47%
REINO UNIDO	7.004.316	5.175.605	35,33%	23.109.509	18.089.296	27,75%	303.520	224.276	35,33%
USA	14.926.642	10.118.479	47,52%	36.676.079	27.080.997	35,43%	646.821	438.467	47,52%
ROMÊNIA	3.786.222	1.506.392	151,34%	12.482.390	4.986.654	150,32%	164.070	65.277	151,34%
RÚSSIA	9.806.984	3.962.986	147,40%	25.282.999	9.748.771	159,35%	424.969	171.729	147,40%
BULGÁRIA	703.386	82.688	750,65%	1.849.990	193.015	858,47%	30.480	3.583	750,65%
OUTROS	10.267.806	6.092.672	68,53%	30.245.919	20.648.243	46,48%	444.938	264.016	68,53%
TOTAL	55.364.153	35.365.352	56,59%	161.461.947	112.470.165	43,56%	2.399.113	1.532.499	56,59%

Continua...

QUADRO 1C, Cont.

PAISES	VOLUME - KG		VARIA- CAO	RECEITA - US\$		VARIA- CAO	EQUIVALENTE EM SCS DE 60 KG DE CAFÉ EM GRÃO		
	1.993	1.992		1.993	1.992		1976	1975	
ALEMANHA	0	1.931.104	-100,00%	0	5.348.131	-100,00%	0	83.681	-100,00%
CANADÁ	0	2.667.603	-100,00%	0	6.153.079	-100,00%	0	115.596	-100,00%
JAPÃO	0	4.270.090	-100,00%	0	20.313.851	-100,00%	0	185.037	-100,00%
REINO UNIDO	0	7.004.316	-100,00%	0	23.109.509	-100,00%	0	303.520	-100,00%
USA	0	14.926.642	-100,00%	0	36.676.079	-100,00%	0	646.821	-100,00%
ROMÊNIA	0	3.786.222	-100,00%	0	12.482.390	-100,00%	0	164.070	-100,00%
RÚSSIA	0	9.806.984	-100,00%	0	25.282.999	-100,00%	0	424.969	-100,00%
BULGÁRIA	0	703.386	-100,00%	0	1.849.990	-100,00%	0	30.480	-100,00%
OUTROS		10.267.806			30.245.919			444.938	
TOTAL	0	55.364.153	-100,00%	0	161.461.947	-100,00%	0	2.399.113	-100,00%

Fonte: Associação Brasileira da Indústria do Café Solúvel. Elaborado pelo Autor.

APÊNDICE D

1. Fabricação do Café Solúvel

Os processos comumente usados para obtenção dos sólidos solúveis do extrato líquido do café torrado e reduzido a grânulos **são**:

a) A pulverização do extrato líquido ("spray") e sua secagem ("drying") pelo ar em temperatura muito elevada (260°C). Esse processo foi denominado nos **EUA** de "spray-drying" e o produto resultante, café solúvel "spray-dried"; ambas as expressões **são** de uso geral.

b) O congelamento ("freezing") do extrato líquido e a secagem ("drying") pela sublimação da água congelada, sob pressão reduzida. **Nos** EUA, o nome desse processo é "freeze-drying". Usa-se, em português, o termo liofilização para o processo e café solúvel liofilizado para o produto com ele obtido.

Segundo informações da DOMINIUM S.A. (1993), **os** dois processos incluem operações comuns: 1) Classificação e limpeza do café cru para eliminação de impurezas; 2) Torração do café cru; 3) Redução do café torrado a grânulos; 4) Fabricação do extrato líquido em extratores apropriados, fazendo-se com que **os** grânulos do café torrado

entrem em contato com a água em temperatura elevada. O extrato líquido contém os sólidos solúveis do café torrado e também outros, insolúveis, que se separam, nesta fase, como resíduo, constituindo a borra do café; e 5) Uma vez pronto o extrato líquido, a obtenção dos sólidos solúveis pode realizar-se por qualquer dos processos, "spray-drying" ou liofilização.

O processo do "spray-drying" consiste na atomização do extrato líquido em gotículas minúsculas que, quando se misturam com o ar muito quente, cedem a este a maior parte de sua umidade. Esta operação realiza-se em câmaras cilíndricas de grandes dimensões (4 a 6 m de diâmetro e altura total de 18 a 35 m), feitas de aço inoxidável. O ar aquecido a 260°C é insuflado na câmara por um ou dois ventiladores. Em sua parte inferior, a câmara é essencialmente um coletor de partículas e um separador de ar. As partículas finas dos solúveis do extrato são capturadas antes que o ar seja lançado na atmosfera.

O processo de liofilização consiste no congelamento do extrato líquido do café e a água contida sob a forma de gelo é extraída por sublimação (gelo para vapor), permanecendo no liofilizador os solúveis não-voláteis.

A liofilização é um processo mais lento e de custo maior do que o processo "spray-drying", porém aquele tem a vantagem de produzir um granulado com solubilidade melhor na água fria e de melhor sabor. Atualmente, usam-se misturas como, por exemplo: 15% de café liofilizado e o restante de café solúvel "spray-dried", de boa aceitação no mercado.

APÊNDICE E

1. Segmento de Insumos para a Cafeicultura

O segmento de insumos e bens de produção para a cafeicultura no Brasil passou por grande expansão na década de 70, período favorável aos preços elevados no mercado internacional de café e ao volume de crédito rural no País.

O tamanho do mercado de insumos está diretamente ligado à estrutura de despesas da cafeicultura. O uso adequado de insumos e de fatores de produção representa um meio eficaz de melhorar a produtividade das lavouras. Os principais insumos usados na cafeicultura **são**: calcário, mudas, fertilizantes, defensivos, tratores, implementos e serviços em geral. Como ilustração, o Quadro 1 discrimina o orçamento dos insumos necessários para a implantação de 1,0 ha de café..

Os gastos com insumos materiais representam 55,798 e com serviços, 44,21% do valor total. O custo de implantação de culturas perenes, como o café, deve ser diluído para todo o ciclo da cultura.

QUADRO 1 - Gasto de Insumos para Implantação de 1,0 ha de Café, em Julho de 1993 (1.666 covas = 3332 plantas/ha)

Especificação (Insumos)	UD	Quantid.	Valor unitário	Valor total	Porc. simples	Porc. do total
			US\$	US\$	(%)	(%)
A - Materiais						
Calcário Dolomítico	ton.	3,00	17,20	51,59	11,75	6,55
Mudas com (+10%)	mil	3,60	57,14	205,70	46,85	26,13
Sulfato de Amônio	kg	80,00	0,17	13,62	3,10	1,73
Super simples PO	kg	580,00	0,11	65,71	14,96	8,35
Cloreto de Potássio	kg	80,00	0,19	15,28	3,48	1,94
Sulfato de Zinco	kg	0,40	0,44	0,18	0,04	0,02
Esterco de Curral	ton.	5,00	10,39	51,95	11,83	6,60
Ethion/Similar	litro	2,00	9,43	18,87	4,30	2,40
Formicida Mirex	kg	3,00	5,40	16,21	3,69	2,06
Subtotal de - A -				439,10	100,00	55,79
B - Serviços						
Distr. de Calcário	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Aração e gradagem	ht	6,00	7,79	46,75	13,43	5,94
Marcação de lavoura	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Sulcamento	ht	2,00	7,79	15,58	4,48	1,98
Marcação de terraço	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Abertura de terraço	ht	2,00	7,79	15,58	4,48	1,98
Disk .Ad.Org.+SS	ht	2,00	7,79	15,58	4,48	1,98
Adub. Quim. Covas	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Acerto e prep. covas	dh	10,00	3,46	34,63	9,95	4,40
Plantio/distr.mudas	dh	16,00	3,46	55,41	15,92	7,04
Adub. cobert. (2)	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Replântio	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Capinas manuais (2)	dh	15,00	3,46	51,95	14,93	6,60
Capinas mecânicas(3)	ht	6,00	7,79	46,75	13,43	5,94
Trat.Fitossanitário	dh	2,00	3,46	6,93	1,99	0,88
Transp. fertiliz.	ton.	0,74	3,46	2,56	0,74	0,33
Transp. de mudas	viag.	1,00	6,93	6,93	1,99	0,88
Transporte interno	ht	1,00	7,79	7,79	2,24	0,99
Subtotal de - B -				348,00	100,00	44,21
Total de A+B				787,10		100,00

Obs:1) ht= hora/trator; dh = dia/homem. 2) Solo de média fertilidade.

Fonte: Depto. Técnico da COPARAÍSO.

A economia cafeeira tem forte expressão social. Qualquer retração, portanto, na produção de café tem reflexos diretos e imediatos na sobrevivência de imensa massa populacional, em geral carente, pois a cultura do café é intensiva no uso de mão-de-obra não-qualificada, nos tratos culturais e na colheita, principalmente.

O Quadro 2 discrimina, por exemplo, a necessidade de mão-de-obra nas atividades operacionais de produção de café.

QUADRO 2 - Necessidade de Mão-de-obra na Produção de Café,
(Um Ha - 1.666 Covas/Ano)

Atividades Operacionais	Dia/Homem (DH)
- Conservação de solo	4 DH
- Distribuição de calcário	1 DH
- Capinas manuais	32 DH
- Adubação química	6 DH
- Adubação orgânica	6 DH
- Adubação foliar/Tratos fitossanitários.	4 DH
- Desbrota	5 DH
- Arruação	8 DH
- Colheita	35 DH
- Esparramação	8 DH
- Secagem	5 DH
TOTAL	114 DH

FONTE: Departamento Técnico-COOPARAÍSO.

Segundo dados apresentados na Revista do Café (mar.-jun., 1993), cerca de um milhão de pessoas estão empregadas diretamente nas propriedades cafeeiras e mais 250 mil proprietários oferecem 1.700 empregos na exportação de café em grão; 4.000 na indústria de café solúvel; 19.000 nas indústrias torrefadoras; e 25.000 em transporte, cooperativas e maquinistas. Somando, obtém-se um total de

1,3 milhão de empregos diretos. Conforme essa estatística, para cada emprego gerado diretamente são gerados quatro a cinco indiretos. Assim, o número de pessoas envolvidas na atividade cafeeira do Brasil é cerca de 5 a 6 milhões.

No Brasil, os preços dos insumos modernos ainda continuam elevados, principalmente em razão da proteção tarifária dada à indústria doméstica.

A produção de café vem apresentando, nos últimos anos, evidente deterioração na sua capacidade de troca com relação à maioria dos insumos que utiliza, O Quadro 3 ilustra o poder de troca do café no período de 1988 a 1993, segundo dados do Departamento Técnico da Cooparaíso.

QUADRO 3 - Poder de troca do café de 1988 a 1993, expresso em sacas de café/unidade de insumo

DISCRIMINAÇÃO	Unid.	1988	1989	1990	1991	1992	1993
- Fertilizantes (1) -							
Sulfato de Amônio	ton	1.93	2.54	2.36	2.58	2.81	2.32
Uréia	ton	2,88	3,12	3,64	4,33	5,25	3,24
Super simples PO	ton	1,57	1,73	1,94	2,11	2,51	1,59
Cloreto de Potássio	ton	2,34	3,16	1,20	3,70	4,75	3,02
Fórmula 20.05.20	ton	2,52	2,96	3,27	3,74	4,20	2,84
Calcário dolomítico natural	ton	0,21	0,24	0,28	0,28	0,26	0,25
Acido bórico argentino	50 kg	0,66	0,73	0,71	0,89	1,11	0,61
Sulfato de zinco	50 kg	0,28	0,51	0,33	0,29	0,50	0,31

- Defensivos -							
Oxicloreto de cobre 50%	25 kg	0,78	0,89	1,27	1,30	1,81	1,19
Ethion/similar	12 l.	1,23	1,38	1,54	2,06	2,60	1,63
Granutox 5%/similar	25 kg	0,30	0,29	0,34	0,55	0,55	0,38
Roundup	5 l.	0,69	0,72	0,84	1,17	1,17	0,72
- Máquinas e Implementos							
Trator MF cafeeiro	UN	181,75	200,8	271,49	322,16	322,1	253,00
Pulverizador arbus 400	UN	37,37	44,82	54,40	65,02	65,02	46,03
Aplicador herb. PH/al400	UN	24,96	40,59	46,33	53,32	53,32	31,18
- Outros -							
Carro chevette-SL 0 km	UN	95,39	113,1	137,72	203,17	144,9	132,15
Mão-de-obra	d/h(2)	0,03	0,05	0,05	0,06	0,06	0,05

(1) Fertilizantes e defensivos: preços da Cooparaíso.

(2) Dia/homem

Fonte: Depto. Técnico Cooparaíso.

Com relação a fertilizantes, principalmente a formulação 20-05-20, o mais usado, freqüentemente, na cultura do café, em 1988 gastavam-se 2,52 sacas de café para comprar uma tonelada desse adubo, visto que, em 1992, gastava-se quase o dobro, 4,20 sacas de café, para comprar uma tonelada do mesmo fertilizante.

O mesmo comportamento é verificado para máquinas e implementos. Em 1988, para comprar um trator Massey Ferguson cafeeiro, gastavam-se 181,75 sacas de café, em 1992, gastavam-se 322,16 sacas, para comprar um trator do mesmo modelo.